

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Direito

Victória Veloso Faraco

**MULHERES NA DEFESA DE TERRITÓRIOS AFETADOS PELA MINERAÇÃO:
trajetórias de vida em André do Mato Dentro**

Belo Horizonte
2022

Victória Veloso Faraco

**MULHERES NA DEFESA DE TERRITÓRIOS AFETADOS PELA MINERAÇÃO:
trajetórias de vida em André do Mato Dentro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Direito.

Linha de pesquisa: Direitos Humanos e Estado Democrático de Direito: fundamentação, participação e efetividade

Área de estudo: As Relações na Cidade, a Alteridade, o Usufruto Equitativo e o Meio Ambiente

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Freitas Dias

**Belo Horizonte
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Junio Martins Lourenço - CRB-6/3167.

F219m Faraco, Victória Veloso

Mulheres na defesa de territórios afetados pela mineração
[manuscrito]: trajetórias de vida em André do Mato Dentro /
Victória Veloso Faraco.-- 2022.

132 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Direito.

Inclui bibliografia.

1. Direitos humanos - Teses. 2. Mulheres - Teses.
3. Mineração - Minas Gerais - Teses. 4. Meio ambiente - Teses.
I. Dias, André Luiz Freitas. II. Universidade Federal de Minas
Gerais - Faculdade de Direito. III. Título.

CDU: 342.7(81)



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA VICTÓRIA VELOSO FARACO

Realizou-se, no dia 19 de agosto de 2022, às 14:00 horas, Virtual, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *MULHERES NA DEFESA DE TERRITÓRIOS AFETADOS PELA MINERAÇÃO: trajetórias de vida em André do Mato Dentro*, apresentada por VICTÓRIA VELOSO FARACO, número de registro 2020658083, graduada no curso de DIREITO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em DIREITO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Andre Luiz Freitas Dias - Orientador (UFMG), Prof(a). Maria Fernanda Salcedo Repoles (UFMG), Prof(a). Rebecca Forattini Lemos Igreja (UnB).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada, tendo obtido a nota 96,00.

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2022.

Prof(a). Andre Luiz Freitas Dias (Doutor) nota 96,00.

Prof(a). Maria Fernanda Salcedo Repoles (Doutora) nota 96,00.

Prof(a). Rebecca Forattini Lemos Igreja (Doutora) nota 96,00.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final de uma fase tão desafiadora na minha vida traz a necessidade de agradecer às pessoas que tornaram isso possível. Glorinha, Teca, Tetê e Janise, as mulheres com quem conversei para esta pesquisa: agradeço a abertura com a proposta e por permitirem me aproximar um pouco da resistência que vocês representam. A chama que vocês mantêm acesa faz com que tantas outras pessoas sigam na luta pela defesa de outros modos de vida, eu inclusa. Também agradeço a Diogo, Pedro, Paulinha, Paulo Rodrigues e todas as pessoas apaixonadas e em luta pelo patrimônio que é a Serra do Gandarela. Agradecimento especial ao Paulo, que elaborou diversos mapas especialmente para esta dissertação.

Agradeço à minha família, que sempre foi sinônimo de suporte incondicional. Meu pai, Paccelli, minha mãe, Rosa, e minha irmã, Karen, foram presença e aconchego nos momentos de isolamento social da pandemia. Eles trouxeram todo o acolhimento de que eu precisei para ter um porto seguro. Agradeço os momentos maravilhosos que pudemos passar juntos fisicamente, depois de tantos anos morando longe. Só existe atrito quando existe contato de verdade. Agradecimento também à Luna, fiel companheira nas leituras intermináveis.

Aos meus amigos e amigas, que estiveram comigo nos momentos de descontração. Saibam que vocês foram fundamentais para que eu não desistisse. Sempre digo que a minha maior sorte na vida são as pessoas que apareceram e resolveram ficar. Lara, Gabi Conrado, Gui e Lívia estiveram comigo nos altos e baixos desses dois anos e meio, me ajudando quando eu mais precisei. Além disso, me deram de presente a leitura da dissertação, junto ao Ícaro, essa presença tão generosa na minha vida. Vocês fizeram com que a escrita, para além de ser um arriscar a dizer coisas, fosse também um encontro, tal qual Débora Diniz enuncia. É um privilégio ser lida. À Mila, ao Marcelinho, ao Pedro e à Elisa, de Varginha para a vida. À Ohana como um todo, principalmente nas pessoas do Saulo, Tiago, Vitão, Mari e Teteus. À Erna, ao Eugênio e à Ana Maria, companheiros de jornada no mestrado, que ajudaram me lembrando de que eu não estava passando pelas aflições sozinha. À Polly, à Ana Sofia, ao André, à Marina, à Karine, à Bruna, à Catha, ao Pedro Henrique e à Manu, sou grata pelo apoio. Agradeço a todos que brindaram comigo ao longo desse tempo.

Ao Gabriel, que, para além de companheiro na vida pessoal, também foi pesquisador assistente. Esteve comigo nas conversações com as mulheres da pesquisa, contribuindo com seu jeito cativante de ser. Ele segurou a minha mão nos momentos mais difíceis desses anos e

disse: “venceremos!”. E de fato, vencemos esta etapa! Agradeço por todo o amor que você e sua família me fazem sentir. Sandra e Flávio, vocês são família em Belo Horizonte!

À AJUP/UFMG – Assessoria Jurídica Universitária Popular – e a seus membros de 2015 e 2016, bem como a seus fundadores. A inspiração de tentar entender as condições de vida das oprimidas e dos oprimidos nasceu no 4º andar do Prédio da Pós-Graduação da Faculdade de Direito. Eu aprendi o que era extensão universitária ali, e passei a me imaginar na academia como professora depois de conhecer esse projeto.

Ao Programa Polos de Cidadania, que acolheu esta pesquisa. Eu já admirava o Programa desde a graduação, e foi um privilégio poder fazer parte dele no mestrado. O trabalho desenvolvido durante a pandemia foi extremamente importante para a defesa dos direitos humanos em Minas Gerais.

Ao professor André Dias, compromissado nas mais diversas frentes pela defesa dos direitos humanos. Agradeço a sua orientação, sua disponibilidade, suas recomendações preciosas de leitura, sua presença, apesar do isolamento social, e as trocas fundamentais que tivemos. O nosso encontro marcará para sempre a minha trajetória acadêmica.

À banca examinadora, professora Maria Fernanda Salcedo e professora Rebecca Igreja, agradeço as valorosas contribuições desde a banca de qualificação até a banca de defesa. Agradeço a generosidade na leitura e discussão da pesquisa.

Ao Prof. Gustavo Seferian, os incentivos ao longo do percurso, a parceria e por ter me apresentado outros caminhos possíveis. Obrigada pela leitura atenta e crítica.

Aos insurgentes, que me inspiram o tempo todo a sonhar e a construir um mundo melhor. Vocês me ensinam todos os dias sobre luta.

Ao Brumatime e aos demais colegas de trabalho, que permitiram um ambiente leve e me apoiaram nos momentos em que precisei me ausentar em razão dos compromissos do mestrado, nas pessoas de Mari Malaquias, Pedro Arruda, Pedro Rolla e Paula Senra, esta última que dividiu comigo as dores e as alegrias da vida acadêmica, inclusive sendo companhia para a escrita.

Nós devemos antever a universidade como um lugar central para a luta revolucionária, um lugar onde podemos trabalhar para educar para a consciência crítica, onde podemos ter uma pedagogia da libertação.

(bell hooks, 2013)

RESUMO

A dissertação tem como tema-problema o monopólio da existência, que impõe um pensamento único, a monocultura da mente e a homogeneização das diferenças em territórios afetados pela mineração. O objetivo é compreender como mulheres resistem à mineração em André do Mato Dentro, subdistrito de Santa Bárbara, Minas Gerais. Apesar de diversas disciplinas abordarem a temática, existe um campo ainda inexplorado no Direito que trate das resistências à mineração, especialmente, aquelas associadas à categoria do gênero. Desse modo, a pesquisa contribui para uma discussão interdisciplinar. As principais bases teóricas utilizadas foram a ecologia política, o ecofeminismo e o direito ao território. A ecologia política se ocupa do estudo das relações de poder entre seres humanos, bem como a relação com outros seres e os recursos naturais. O ecofeminismo é um movimento social e corrente teórica que propõe a articulação entre ecologismo e feminismo e tem como horizonte a justiça social e ecológica. Esta pesquisa tensiona o conceito de território predominante no Direito, e propõe, para além da análise do aspecto físico, a consideração das dimensões de atribuição de sentidos e a linguagem de valoração. Para compreender o contexto do território em disputa, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, a Serra do Gandarela e o subdistrito de André do Mato Dentro. Além disso, foi feita pesquisa empírica, com atividades virtuais e encontros presenciais, sendo utilizada para a coleta de dados a técnica da conversação, com enfoque em quatro mulheres envolvidas na luta pela defesa do território de André do Mato Dentro. A pesquisa buscou atender aos critérios de validação da pesquisa crítica engajada, quais sejam: autenticidade, plausibilidade, criticidade, reflexividade, mobilização da criatividade e da arte, além da validação social. Para tanto, o conhecimento foi construído de forma dialógica e comprometido com a mudança social. Depois de realizadas as conversações, as respectivas gravações foram transcritas, com a posterior análise de conversação. A conclusão a que se chega é de que as mulheres resistem à mineração a partir da sua existência e permanência no território, da agroecologia, da docência, do cuidado e da atuação em movimentos. Além disso, o conhecimento produzido junto às mulheres demonstrou que elas defendem o seu direito coletivo ao território e os diferentes modos de vida possíveis. Portanto, a hipótese de que existem resistências e fissuras ao modelo hegemônico foram confirmadas, bem como foi constatado o protagonismo feminino nessas lutas.

Palavras-chave: Resistência. Mineração. Mulheres. Direito ao Território. Pesquisa Empírica.

ABSTRACT

This thesis subject is the monopoly of existence, which imposes a single thought, the monoculture of the mind, and the homogenization of differences in territories affected by mining. The objective is to understand how women resist mining in André do Mato Dentro, a subdistrict of Santa Barbara, Minas Gerais. Although several disciplines approach the matter, there is a still unexplored field in Law that deals with resistance to mining, especially associated with the gender category. Thus, this research contributes to an interdisciplinary discussion. The main theoretical bases used were political ecology, ecofeminism, and the right to territory. Political ecology is concerned with the study of power relations between human beings, as well as the relationship with other beings and natural resources. Ecofeminism is a social movement and a theoretical current that proposes the articulation between ecology and feminism and has social and ecological justice as its horizon. This research tensions the concept of territory predominant in Law, and proposes, beyond the analysis of the physical aspect, the consideration of the dimensions of meaning attribution and the language of valuation. In order to understand the context of the territory in dispute, bibliographic research was carried out about the Iron Quadrangle, the Gandarela Mountains and the André do Mato Dentro subdistrict. In addition, empirical research was carried out, with virtual activities and face-to-face meetings, in which the technique of conversation was used for data collection, focusing on four women involved in the struggle for the defense of the André do Mato Dentro territory. The research sought to meet the validation criteria of critical engaged research, which are: authenticity, plausibility, criticality, reflexivity, mobilization of creativity and art, and social validation. To this end, knowledge was constructed dialogically and with a commitment to social change. After the conversations were held, the respective recordings were transcribed, and a conversation analysis was performed. The conclusion reached is that women resist mining through their existence and permanence in the territory, through agroecology, through teaching, through care, and through their participation in movements. Moreover, the knowledge produced with the women showed that they defend their collective right to the territory and the different possible ways of life. Therefore, the hypothesis that there are resistances and fissures to the hegemonic model was confirmed, as well as the female protagonism in these struggles.

Keywords: Resistance. Mining. Women. Right to Territory. Empirical Research.

RESUMEN

La disertación tiene como tema el monopolio de la existencia, que impone un pensamiento único, la monocultura de la mente y la homogeneización de las diferencias en los territorios afectados por la minería. El objetivo que se busca es entender cómo las mujeres resisten a la minería en André do Mato Dentro, un subdistrito de Santa Bárbara, Minas Gerais. Aunque varias disciplinas abordan el tema, existe un campo aún inexplorado en el Derecho que se ocupa de la resistencia a la minería, especialmente asociada a la categoría de género. Por lo tanto, esta investigación contribuye a una discusión interdisciplinaria. Las principales bases teóricas utilizadas fueron la ecología política, el ecofeminismo y el derecho al territorio. La ecología política se ocupa del estudio de las relaciones de poder entre los seres humanos, así como de la relación con otros seres y recursos naturales. El ecofeminismo es un movimiento social y una corriente teórica que propone la articulación entre ecología y feminismo y tiene como horizonte la justicia social y ecológica. Esta investigación tensa el concepto de territorio predominante en el derecho, y propone, más allá del análisis del aspecto físico, la consideración de las dimensiones de atribución de significado y del lenguaje de valoración. Para entender el contexto del territorio en disputa, se realizó una investigación bibliográfica sobre el Cuadrilátero de Hierro, la Sierra de Gandarela y el subdistrito de André do Mato Dentro. Además, se realizó una investigación empírica, con actividades virtuales y encuentros presenciales, en los que se utilizó la técnica de la conversación para la recogida de datos, centrándose en cuatro mujeres implicadas en la lucha por la defensa del territorio de André do Mato Dentro. La investigación buscaba cumplir con los criterios de validación de la investigación crítica comprometida, que son: autenticidad, plausibilidad, criticidad, reflexividad, movilización de la creatividad y el arte, además de la validación social. Para ello, el conocimiento se construyó de forma dialógica y comprometida con el cambio social. Tras las conversaciones, se transcribieron las respectivas grabaciones y se realizó un análisis de la conversación. La conclusión a la que se llega es que las mujeres resisten a la minería basándose en su existencia y permanencia en el territorio, en la agroecología, en la enseñanza, en el cuidado y en la actuación de los movimientos. Además, el conocimiento producido entre las mujeres demostró que defienden su derecho colectivo al territorio y a las diferentes formas de vida posibles. Por lo tanto, se confirmó la hipótesis de que existen resistencias y grietas en el modelo hegemónico, así como el protagonismo femenino en estas luchas.

Palabras-clave: Resistencia. Minería. Mujeres. Derecho al Territorio. Investigación Empírica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Autorretrato de Tetê	24
Figura 2 – Foto de Janise	25
Figura 3 - Manifestantes no Ato “Salve as Águas da Serra do Gandarela”	36
Figura 4 - Teca no Ato Salve as Águas do Gandarela.....	37
Figura 5 - Lapa de André do Mato Dentro	40
Figura 6 - André do Mato Dentro, próximo ao bar do seu Cisino.....	41
Figura 7 - Igreja de Nossa Senhora Nazareth, em Morro Vermelho, a poucos metros do Camping do Guto	47
Figura 8 - Teca e eu em frente à obra da artista Anna Göbel, no sítio do Guto, em Morro Vermelho	53
Figura 9 - Vista do bar do Cisino	54
Figura 10 - Glorinha e eu na cachoeira nos fundos de sua casa	65
Figura 11 - Escola e igreja de André	71
Figura 12 - Placa na entrada da comunidade	93
Figura 13 - Cachoeira do Raio.....	97
Figura 14 - Placa indicando a presença de onças	97
Figura 15 - Localização da Serra do Gandarela no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero	99
Figura 16 - Igreja Matriz de Santo Antônio	100
Figura 17 - Mapa de Articulação da Área de Estudo	103
Figura 18 - Mapa de contexto geoambiental	104
Figura 19 - Proposta do Parque Nacional da Serra do Gandarela	109
Figura 20 - Barragem no caminho para André.....	113
Figura 21 - Painel da artista Anna Göbel em André.....	118
Figura 22 - Representação cartográfica da comunidade de André do Mato Dentro	119
Figura 23 - Mapa detalhado da área de estudo	120
Figura 24 - Campo de futebol da comunidade	120
Figura 25 - Escola Municipal da comunidade	121

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACRAMDA	Associação Comunitária Rural de André do Mato Dentro e Arredores
AJUP	Assessoria Jurídica Universitária Popular
ARCA AMASERRA	Associação para a Recuperação e Conservação Ambiental
BH	Belo Horizonte
CAO-DH	Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos, Controle Externo da Atividade Policial e Apoio Comunitário
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CdH	Clínica de Direitos Humanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conlutas	Coordenação Nacional de Lutas
COPAM	Conselho de Política Ambiental
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DAJ	Divisão de Assistência Judiciária
FDV	Revista de Direitos e Garantias Fundamentais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
JK	Juscelino Kubitschek
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
MACACA	Movimento Artístico, Cultural e Ambiental de Caeté
MG	Minas Gerais
MOVSAM	Movimento pelas Serras e Águas de Minas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PARNA	Parque Nacional
PDT	Partido Democrático Trabalhista
Pró-Città	Instituto de Estudos Pró-Cidadania
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PUC Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
QFA	Quadrilátero Ferrífero-Aquífero
REED	Revista de Estudos Empíricos em Direito
Semad	Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Sindágua Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de
Água de Minas Gerais

SNUC Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

UC Unidades de Conservação

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Da minha trajetória	18
1.2 Do encontro com o Programa Polos de Cidadania	20
2 ENCONTROS.....	23
2.1 Encontro com as decisões metodológicas.....	28
2.2 Encontro com o campo e com a COVID-19	31
2.2.1 Ato Salve as Águas do Gandarela.....	35
2.2.2 Ida a André do Mato Dentro em fevereiro de 2022	38
2.2.3 Almoço no Dia Internacional da Mulher	43
2.2.4 Café da manhã em 13 de abril de 2022.....	45
2.2.5 Tarde em Morro Vermelho no feriado de Tiradentes de 2022.....	46
3 DOS MÚLTIPLOS ENCONTROS COM AS RESISTÊNCIAS	48
3.1 Encontro com o gênero.....	54
3.2 Encontro com a agroecologia.....	60
3.3 Encontro com o afeto pelo território.....	63
3.4 Encontro com a docência	68
3.5 Encontro com o cuidado.....	71
3.6 Encontro com diferentes olhares	74
3.7 Encontro com a permanência	77
4 JUSTIFICATIVA OU O ENCONTRO COM AS TEORIAS	79
2.1 Revisão da literatura	90
5 TERRITÓRIO EM DIÁLOGO	93
5.1 Conceito de território	94
5.2 Quadrilátero Ferrífero-Aquífero.....	96
5.3 Dos avanços do capital.....	101
5.4 Criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela.....	105

5.5 Terrorismo de barragens	110
5.6 Mineração e acumulação por espoliação	114
5.7 André do Mato Dentro	115
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE - ATIVIDADES REALIZADAS COMO PARTE DO TRABALHO DE CAMPO	132

1 INTRODUÇÃO

CONSELHO DE ANDRÉ

O que fizeram com o André?
 Por onde ele anda?
 Não sabe mais nem quem é
 Será que já partiu pra outras banda?

Gente da terra
 Trabalhador.
 Nunca quis guerra
 Muita gente ja curô.

Quando novo
 Rapaiz esperto
 Amigo fiel do povo
 Sempre queria estar por perto.

Mas de uns tempos pra cá
 (Ora, veja lá!)
 Se entristeceu
 Diz que vai se acabá
 Que seu corpo envelheceu.

Quis até sair de casa,
 Pra mode poder procurá
 Outro caminho ou destino,
 Mas nunca que achava o lugá.

Só que quando volta à raiz
 E nela firma ele o pé
 Revê o que sempre quis
 Resgata sua perdida fé

Vê de novo seu pai criador
 Avista de perto sua mãe Piacó
 (a serra)
 Aquela que levou imhora sua dor
 Que lhe devolve do bom e do mió.

Vê quem tentou destruir
 Sua vida, sua memória
 E quem ficou pra assistir
 O fim de toda sua história.

Coisa de uma tal "come terra"
 Que mal faz valer uma praça
 (Troca de serviços em mutirão)
 Que se deixar, te enterra
 Que só quer ver sua desgraça.

Que quer que peça Socorro
 Que dele só quer o ouro
 Parece até respirar ferro
 Que do seu chão faz estouro,
 Que não escuta nem berro.

Mas o André não vai deixar
 Porque essa é sua vida.
 Conhece bem seu lugar,
 E quer curar suas ferida.

Pois na sua veia tem sangue
 E as águas da Casemira
 (o Córrego)
 Que nem carangueijo no mangue
 Daqui ninguém que lhe tira!

Imagine a satisfação
 Poder lavar o chão
 Plantar grão
 Colher fruto,
 Comer pão.

André entende a mensagem
 Vê que em casa tudo têm
 Que não está de passagem
 E não vai sair por vintém!

Pois eu também sou André,
 E sei, vocês também são
 Estou pro que der e vier,

E prestem bem atenção!
 Aqui está minha vida
 É onde tá minhas relação
 Não vem fazer despedida
 Nem pôr muro na minha missão.

E o recado tá dado
 Não tem destino mudado
 Nós vamo andar lado a lado
 Só vou falar uma vez:

SAI JÁ DAQUI MINERAÇÃO!!

Mas antes de ir não se esqueça
 Talvez você nem mereça
 Mas me dê cá sua mão
 Pra eu poder te dar minha benção!

*Um dos Andrés das Gerais
 Pedro de Aguiar
 Julho de 2019*

Escolho começar o trabalho com esse poema de Pedro de Aguiar, que ingressou no Programa Polos de Cidadania ainda como estudante de graduação, depois passou a coordenador técnico de uma equipe do programa e, anos mais tarde, foi morar em André do Mato Dentro para produzir alimentos com o uso das técnicas da agroecologia. Nossos caminhos se cruzaram e o nosso encontro se deu do início ao fim da trajetória de pesquisa. Da primeira visita ao território, às conversas virtuais durante a pandemia até a leitura do texto final, ele se fez presente. Nada mais adequado que suas palavras abram este texto.

As reflexões desenvolvidas perpassam por um percurso exposto em seis capítulos. Nos próximos tópicos do capítulo introdutório, conto a minha trajetória individual, as minhas raízes e os caminhos trilhados ao longo da graduação, que me trouxeram até a pesquisa do mestrado. Nessa parte, estabeleço meu lugar de fala, tanto dos pontos que me aproximam das mulheres com quem conversei para a pesquisa quanto das diferenças que nos separam. Em seguida, explico a minha relação com o Programa Polos, os encontros com o orientador e os diálogos e reflexões com moradores de territórios afetados pela mineração.

No segundo capítulo, trago os encontros com as decisões metodológicas e apresento a utilização das técnicas de conversação. Por meio da análise de conversação, começo a traçar as trajetórias de vida das quatro mulheres escolhidas para comunicar com esta pesquisa, perpassando por cada uma das oportunidades de trabalho de campo. Nesse capítulo, eu também explico os impactos que a pandemia da COVID-19 trouxe aos rumos do mestrado e como eu fui afetada ao longo desses mais de dois anos de investigação. Exponho os desencontros, as fragmentações, as disputas e os conflitos vivenciados.

Decidi contar a história das mulheres a partir dos encontros que marcaram tanto a minha pesquisa quanto o território. É no capítulo três que eu apresento os múltiplos encontros com as resistências das mulheres envolvidas na luta nos contextos minerários. Abordo cada um dos encontros, com o gênero, com a agroecologia, com o afeto pelo território, com a docência, com o cuidado, com diferentes olhares e com a permanência. É a partir desses encontros que construo a narrativa das resistências.

O capítulo quatro, por sua vez, esclarece as bases teóricas que contextualizam o conflito socioambiental em tela, quais sejam, o monopólio da existência, o neoextrativismo e a colonialidade. Considerando todos esses pontos, reconheço as violações históricas de direitos humanos ocorridas em territórios minerados, mas também aponto as resistências que se conformam nesses espaços. A partir do ecofeminismo, identifico o protagonismo feminino nas lutas socioambientais, que demandam o direito ao território. A partir de uma revisão da

literatura, concluo que são escassas as pesquisas no Direito que tratem de mineração e resistência, e ainda mais raras as que consideram a categoria de gênero para análise.

No quinto capítulo, apresento o conceito escolhido para tratar de território, que considera não somente os aspectos naturais, mas também as relações de poder entre os seres humanos e a natureza. Dessa forma, vou além das noções tipicamente utilizadas no Direito de território como sinônimo de um espaço físico em que o Estado exerce a sua soberania. Apresento o contexto do Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, as características da Serra do Gandarela e do município de Santa Bárbara e finalizo com aspectos do subdistrito de André do Mato Dentro.

Por último, apresento as minhas considerações finais sobre a atividade de narrar trajetórias de vidas de mulheres que atuam na defesa de territórios afetados pela mineração. Após as referências, apresento um apêndice com a descrição detalhada de todas as atividades de campo desempenhadas ao longo da pesquisa.

1.1 Da minha trajetória

É por isso que eu acredito ser crucial falar sobre os pontos nos quais convergem o público e o privado, conectar os dois. E mesmo as pessoas que falam sobre o fim da opressão parecem ter medo de derrubar o espaço que separa ambos.

(bell hooks, 2013)

A fim de localizar as origens do interesse nesta pesquisa, preciso empreender uma breve apresentação da minha trajetória. Nascida em Varginha, sul de Minas Gerais, eu tive uma infância e uma juventude bastante urbanas. Estudei nos melhores colégios particulares da região com bolsas parciais ou integrais ao longo desse tempo. Portanto, posso afirmar que estava inserida na convivência da elite da tradicional família mineira, ainda que não fizesse parte desse grupo social.

Ao longo da minha formação, incomodava-me presenciar injustiças. Ainda que imersa em uma sociedade conservadora e reprodutora de diversos preconceitos, a escola foi um ambiente que me permitiu criticar essas visões. Já no ensino médio, eu desejava ter uma profissão que me permitisse de alguma forma alterar a realidade social. Em 2015, mudei-me para a capital do estado, quando fui aprovada no curso de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais.

A universidade pública me permitiu ter experiências significativas referentes à promoção de direitos humanos. Ainda no início do curso, passei a participar do projeto de extensão Assessoria Jurídica Universitária Popular (AJUP/UFMG), que tem por base a educação popular de Paulo Freire e a atuação junto a movimentos sociais. Foi somente nesse projeto que tive contato com a Belo Horizonte excludente e desigual.

Na AJUP/UFMG, tive um contato próximo com os moradores da Pedreira Prado Lopes,¹ uma das primeiras favelas da cidade. Lá, emergiam várias questões no fazer extensionista: como essas pessoas acessam os equipamentos públicos básicos? Por que, mesmo após as intervenções do Programa Vila Viva,² da Prefeitura de Belo Horizonte, os moradores se veem sem títulos de propriedade? Como garantir o direito à moradia sem a segurança da posse? Na prática, que diferença faz a posse ou a propriedade de um imóvel?

Essas questões relacionadas ao direito à moradia e à cidade acompanharam o meu percurso na graduação e em estágios. Quando estagiei no Ministério Público (mais especificamente, no CAO-DH - Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos, Controle Externo da Atividade Policial e Apoio Comunitário), acompanhava reuniões com moradores e militantes de vilas, bairros, favelas e ocupações urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Esse estágio foi importante para que eu pudesse perceber, de forma mais ampla, a dimensão das violações de direitos humanos e as redes que existem para a defesa desses direitos.

Quando fiz parte da Divisão de Assistência Judiciária (DAJ) e da Clínica de Direitos Humanos (CdH), ambos da UFMG, pude acompanhar processos judiciais e experimentar a prática da advocacia. Naquele momento, nasceu a vontade de advogar por direitos humanos numa perspectiva transdisciplinar. Passei a vislumbrar as possibilidades jurídicas que eu teria nesse campo, para demandar pela efetivação de direitos de forma criativa.

A partir dessas oportunidades de prática jurídica, eu passei a refletir sobre questões que demandariam a teorização e o exercício do pensamento crítico. Algumas das questões que me acompanhavam eram: que cidade era essa em que a população pobre era removida de seus lares sem a devida indenização? Como garantir direitos em situações de irregularidade da posse? Como a precariedade afeta outras esferas da vida social, como o acesso à educação, à

¹ A comunidade, localizada na região Noroeste da capital mineira, iniciou a ocupação do espaço entre 1900-1920. Os moradores eram trabalhadores da pedreira, de onde era retirado o material para a construção da cidade planejada.

² Conjunto de ações integradas com vistas à urbanização, ao desenvolvimento social e à regularização fundiária de vilas e favelas. Promoveu intensas modificações na vida dos moradores, tanto pela remoção das famílias de seus lares quanto no posterior reassentamento das famílias nos prédios construídos e regidos por novas regras de convivência e proibições.

saúde, ao transporte, ao trabalho? Como acessar o que a cidade oferece com uma passagem de ônibus tão cara? Como essas pessoas conseguem usufruir o que a cidade oferece? Vivenciar a cidade como moradora do centro era bem diferente da experiência vivida por parcela significativa dos belo-horizontinos.

Percebi que gostaria de teorizar sobre esses assuntos, que me ajudariam na vivência prática, que, por sua vez, traria outras questões, em um processo dialógico. Admiro a possibilidade que a universidade pública oferece de trazer essas reflexões, fazer críticas contundentes e ouvir diferentes opiniões. Por isso, fui monitora de uma disciplina,³ bem como participei de uma iniciação científica.⁴ Essas duas experiências sedimentaram o meu desejo em seguir o caminho acadêmico, que, para mim, tem a potencialidade de ser um espaço aberto para a criatividade e a liberdade. A fim de me inserir nesse espaço ao fim da graduação, optei por fazer o processo seletivo para o mestrado. A aprovação significou a realização de um sonho.

1.2 Do encontro com o Programa Polos de Cidadania

*Foram tantas violências
Violações de direitos e danos
Que o Polos foi convocado
Para enfrentar os Tiranos
A Vale e os governos
Buscando lucros insanos
E com a comunidade
A verdade revelar
Pois junto com o sofrimento
Vem a força de lutar
Lutar contra covardias
E a frieza de matar*

(André Luiz Freitas Dias e Fernando Antônio de Melo, 2020)

Além da minha trajetória acadêmica, havia também a trajetória do meu orientador. O professor André Luiz Freitas Dias participa, desde 2011, do Programa Polos de Cidadania, da UFMG, como pesquisador-extensionista e membro da coordenação, com experiência de atuação em conflitos socioambientais e urbanos em diversos contextos e situações de vulnerabilização e desigualdades sociais.

³ Teoria Geral do Direito Privado II, ministrada à época pelo Prof. Dr. Giordano Bruno. Tive oportunidade de ministrar aulas, elaborar atividades avaliativas e propor temas para debate em sala de aula.

⁴ A pesquisa era sobre o tema “Parcerias público-privadas na área da saúde”, coordenada pela Profa. Dra. Maria Tereza Fonseca Dias. Além da produção de artigos, conduzi um grupo de estudos e organizei eventos acadêmicos.

A sua trajetória de pesquisa-extensão em diálogo com comunidades afetadas pela mineração me abriu um novo horizonte de pesquisa. A partir da sua presença e do histórico de atuação do Programa Polos de Cidadania nos municípios de Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim, Alvorada de Minas, Brumadinho, Barão de Cocais, São Sebastião das Águas Claras (mais conhecido como Macacos, distrito de Nova Lima), André do Mato Dentro (subdistrito de Santa Bárbara) e na região da Serra da Canastra, comecei a elaborar outras perguntas sobre o direito à cidade para além do contexto urbano.

Com os pés nessas cidades e os ouvidos abertos para esses moradores, tive contato com algumas vozes e lugares de fala diferentes daqueles que vinculam a mineração ao desenvolvimento econômico e social dos territórios em que se instalam. Logo no início do mestrado, participei de visitas preliminares a Brumadinho, Macacos, Barão de Cocais e André do Mato Dentro para ter um contato inicial com as realidades vivenciadas pelas comunidades locais, ampliar o problema de pesquisa até então formulado e ter a oportunidade de sentipensar,⁵ ser afetada⁶ e refletir criticamente sobre questões distintas das debatidas predominantemente na Universidade.

Os moradores relatam afetos, dores, sofrimentos, angústias, dúvidas, ansiedades, medos gerados por inúmeras violações de direitos, causadas tanto pelas empresas mineradoras quanto pelo próprio Poder Público, por meio de diversificadas práticas de violências de mercado e do Estado.⁷

Percebi que várias necessidades dos moradores não são atendidas nesses territórios. Pelo contrário, em vários contextos, são registradas ações e omissões voltadas à satisfação das necessidades do mercado. As cidades são construídas a partir dos interesses das empresas e parece não haver espaço para que os moradores decidam os rumos da cidade em que vivem, planejem suas trajetórias e projetos de vida ou sequer manifestem seus dissensos e contrapontos ao monopólio da existência então imposto pelas mineradoras.

A afirmação e a amplificação das vozes, dos lugares de fala, das histórias e trajetórias de existências/resistências dos territórios têm se constituído como desafios e imperativos

⁵ A palavra traz a ideia de uma pesquisa capaz de sentir e de pensar, de elaborar com a razão, mas também com a emoção. O termo é trabalhado na obra de Fals Borda (2015).

⁶ Assim como Jeanne Favret-Saada (2005), não quero ocultar que, ao longo do trabalho de campo, vivenciei diversos tipos de afetos, tanto positivos quanto negativos. Esses afetos estão presentes em todo o texto. Apesar de serem necessários esforços intelectuais e racionais para a elaboração de um trabalho acadêmico, a pesquisa social aplicada demanda, ainda, a lida com a sensibilidade. Trabalhar com os afetos significa uma tentativa de romper com a separação nós/eles ou academia/povo.

⁷ Entendem-se as violências de Estado e de mercado como as violações de direitos cometidas tanto pela mineradora quanto pelo poder público, cúmplices e sócios que são em vários cenários e contextos, em detrimento das necessidades e dos direitos das sociedades nos territórios (DIAS; OLIVEIRA, 2018).

éticos e políticos de pesquisas sociais decoloniais aplicadas. É nessa perspectiva que também se engaja o Programa Polos de Cidadania, no qual ingressei em 2020 ao iniciar os estudos do mestrado, de tal forma que minha pesquisa também assume como suas essas tarefas.

Em André do Mato Dentro (chamado apenas de André⁸ por quem o conhece), local escolhido para a realização da pesquisa de mestrado em tela, surgiu, por exemplo, a questão de pensar como esses moradores poderiam fazer valer seus direitos em um território predominantemente rural. Cheguei a me questionar: como se realizaria o direito à cidade no campo? O que diferencia o campo da cidade? Quais são e como se satisfazem as necessidades da população em espaços tão afetados pela mineração? Como garantir o direito à cidade a essas pessoas que sequer têm as suas existências consideradas pelas empresas e governos?

Essas questões foram aprofundadas ao longo do tempo, até que chegamos à pergunta da pesquisa: como as mulheres vinculadas afetivamente a André do Mato Dentro resistem à mineração? Para compreender o caminho que leva a essa pergunta teórica, é necessário perpassar pelo tema-problema. Ressaltamos, entretanto, que a natureza teórica da pergunta não significa que ela seja uma mera abstração, mas, sim, que existe um movimento dialógico entre prática e teoria. O concreto e o abstrato se complementam e são inseparáveis. As teorias utilizadas neste trabalho tratam das práticas. E, no encontro com essas teorias, eu pude desenvolver uma melhor compreensão para contribuir na transformação do concreto. Se não fosse assim, não faria sentido teorizar.

⁸ A partir de então, passarei a me referir em diversos momentos a “André” para falar do território em que a pesquisa se desenvolveu, por ser essa a forma carinhosa da qual as pessoas com que conversei se utilizam. Quando estiver fazendo referência ao orientador da pesquisa, utilizarei Prof. André.

2 ENCONTROS

Longe de assumir o feminismo simplesmente como uma corrente de pensamento ou uma estrutura teórica, a afiliação feminista implica uma práxis de pesquisa, na qual é vital situar-se e tornar transparente a posição que se toma e o lugar de onde se fala. Nesse sentido, é também fundamental perguntar-se até que ponto o que se escreve, pensa e pratica contribui para reproduzir ou transformar as condições de desigualdade enfrentadas pelos grupos sociais com os quais se trabalha e/ou se pesquisa.

(OYARZÚN, ÁLVAREZ, 2019, tradução nossa)⁹

Uma vez que os encontros desta pesquisa se deram a partir da percepção de um protagonismo feminino nas lutas socioambientais, o ecofeminismo foi fundamental para guiar os passos seguintes. A escrita do trabalho se amparou na tentativa de fazer com que as histórias de André do Mato Dentro pudessem contribuir para amplificar as narrativas alternativas do território, contadas pelas pessoas a ele vinculadas. A região do Gandarela é marcada pela ameaça da mineração e da tentativa de imposição de apenas um modo de vida. Entretanto, a partir do encontro com quatro mulheres vinculadas afetivamente ao território, pudemos constatar que existem outros modos de vida, que resistem a essa homogeneização.

O encontro com cada uma delas se deu de uma forma específica. Glória Regina Perpétuo é um nome imponente que demonstra bem a força de uma mulher que puxa a enxada do banco de trás de um Uno para consertar a estrada de terra. Essa mulher conduz seu carro para cima e para baixo em estradas enlameadas e é conhecedora das minúcias dos caminhos de André. Causa mesmo espanto e admiração que toda essa garra venha de uma mulher de aproximadamente um metro e meio, estatura que a faz ser conhecida por todos como Glorinha.

Conheci não só uma, mas duas Marias Terezas. A Tê, ou Tetê, carrega o sobrenome Moreira de Silva. Depois de algumas chamadas de vídeo, sempre acompanhada de seu companheiro, Diogo, eu pensava que quando contasse a sua história na dissertação, seria para relatar sua trajetória na agroecologia. Mas, no encontro presencial, ela revelou que coordena o projeto cultural *BH Vogue Fever*, que eu conheço e admiro desde 2019, quando assisti a uma apresentação na Virada Cultural de Belo Horizonte.

⁹ Lejos de asumir el feminismo simplemente como una corriente de pensamiento o un marco teórico, la adscripción feminista implica una praxis investigativa, donde es vital situarse y transparentar la posición que se toma y el lugar desde el que se habla. En tal sentido, también es fundamental preguntarse en qué medida lo que se escribe, se piensa y se practica contribuye a reproducir o transformar las condiciones de desigualdad que enfrentan los grupos sociales con los que se trabaja y/o investiga.

O *BH Vogue Fever* é um festival anual da capital mineira que reúne dançarinos de vogue de diversas localidades. Para além de um estilo de dança, vogue faz parte da cultura Ballroom, originada nos Estados Unidos, e é uma celebração da diversidade. Sua origem está ligada à resistência de grupos LGBT, de negros e negras, principalmente das classes populares. O movimento ganhou reconhecimento na cultura pop por meio da famosa canção homônima de Madonna. O *BH Vogue Fever* é a maior batalha de vogue da América Latina. Os organizadores se definem da seguinte forma: “[s]omos a revolução através da arte, da dança, da livre expressão e do afeto”.¹⁰ Ouvir a Tetê falar de vogue me mostrou que onde eu procurava apenas uma forma de resistência, encontrei outras.

Figura 1 – Autorretrato de Tetê



Fonte: Maria Tereza Moreira de Silva, (s/d).

¹⁰ Para maiores informações, consultar: <http://portalbelohorizonte.com.br/eventos/encontro/danca/vogue-fever-2020>.

Nas conversas com essas mulheres, elas sempre traziam o nome de outras referências. Certo dia, conversando com a Glorinha por videochamada, ela me sugeriu que procurasse a Janise Bruno Dias, professora de geografia da UFMG. Eu já conhecia esse nome pelos artigos que li sobre André do Mato Dentro. Enviei um *e-mail* e qual não foi a minha surpresa quando no dia seguinte ela me respondeu, já indicando sua disponibilidade para reuniões. Esse fazer-se acessível me surpreendeu, já que, na Faculdade de Direito, são poucos os professores que se mostram tão abertos aos alunos. Naquele mesmo mês, eu passei a acompanhar as reuniões do *Projeto Memória*, que ela coordena. A cada semana, ela e Glorinha iam me contando mais e mais sobre o território.

Figura 2 – Foto de Janise



Fonte: Janise Bruno Dias, (s/d).

Nas palavras de Janise, a Teca (essa Maria Tereza tem por sobrenome Viana de Freitas Corujo) é uma liderança regional, superarticulada, que está no Guaicuy e tem articulação internacional e local. “É uma pessoa incansável, eu fico admirada”. Eu conheci a Teca em 2019, durante uma audiência pública em Raposos, relacionada ao terrorismo de barragens. Depois, ao ingressar no mestrado, nosso contato passou a ser frequente, apesar de virtual. Quando, por fim, nos reencontramos, o som dos pássaros entoava no ambiente e os micos nos distraíam da conversa, com suas macaquices nas árvores próximas.

Ter conversações com essas quatro mulheres significou uma escolha. Em vez de realizar um censo, entrevistando o maior número possível de moradores de André do Mato

Dentro, optei por reduzir quantos contatos eu teria. Primeiro, porque a minha ideia com a pesquisa sempre foi contar sobre as resistências e as propostas de algo novo, contrário ao modo como as coisas estão. Seria importante dar o contexto de violações de direitos, de violências, mas eu não queria me ater a retratar a realidade como ela é. Eu também queria falar de como a realidade pode ser. E, para isso, eu quis falar com pessoas que estavam envolvidas nessa luta pelo território, luta pelos diferentes modos de existência, luta pela resistência.

Em segundo lugar, porque fui atravessada por uma pandemia e, somente no final de 2021, passou a ser seguro fazer encontros presenciais, quando as pessoas já haviam tomado duas doses da vacina contra o coronavírus. Ter adiado o trabalho de campo significou atrasar também as transcrições das conversas e a sua análise. A transcrição das gravações das conversas foi toda feita por mim, manualmente, já que os aplicativos e *softwares* que fazem a automatização com qualidade são pagos. Se fossem mais conversas, a análise ficaria prejudicada, em razão de todo o trabalho envolvido em ter a conversa, gravá-la, transcrevê-la e depois fazer a sua análise e incorporação à dissertação.

O terceiro motivo é que eu não acreditava ser possível criar do zero uma relação de confiança com as mulheres nascidas em André. Já havia sido informada que muitas delas não teriam abertura para conversar no âmbito de uma pesquisa universitária, e não era uma demanda delas que fosse feita uma pesquisa sobre as trajetórias de resistência no território. Uma vez que minha primeira ida a André, como parte do trabalho de campo posterior à qualificação, só ocorreu em fevereiro de 2022, eu não teria tempo para fazer encontros em profundidade com essas mulheres. Entendo que a pesquisa teria ganhado muito em diversidade de opiniões se tivesse contado com essas participações. Mas optei por não gravar as conversas que tive com elas e não fazer a pesquisa com essas mulheres, já que a metodologia de conversação ficaria muito limitada. Essa decisão foi tomada ao chegar a campo e fazer a leitura das interações sociais no local. Pedir autorização para as gravações traria interrupções da espontaneidade e fluidez. Como consequência, fiz anotações e pude contar somente com a memória, que me impediu de lembrar detalhes das falas ocorridas nesses encontros.

Mais um fator que influenciou nas minhas decisões foi o de não contar com auxílio financeiro, seja para remunerar meu trabalho como pesquisadora, seja para financiar o transporte, estadia e alimentação durante o trabalho de campo. Durante todo o período do mestrado, não contei com a bolsa acadêmica, em razão do impedimento de cumular a bolsa

com outra atividade remunerada. O valor das bolsas da Capes e do CNPq não sofreram reajustes desde 2013. Como a inflação nesse período de 9 anos foi de quase 70%, o valor é insuficiente para pagar as contas de estudantes que não contam com o privilégio de morar na casa dos pais em Belo Horizonte. Portanto, diante do completo descaso governamental com a educação, tive a necessidade de buscar outras fontes de renda para me manter na pós-graduação. As idas a campo, a compra de livros e a participação em eventos, entre outros gastos, foram custeados com a minha renda como advogada.

Enquanto com as mulheres nascidas em André eu não tive contato antes de 2022, com Glorinha, Teca, Janise e Tetê, por outro lado, eu já estava dialogando desde 2020, sobre as mais diversas etapas da pesquisa. Elas também viam sentido em falar sobre trajetórias de resistência em André do Mato Dentro e registrar a memória dessas histórias alternativas à hegemonia. Com elas, foi construída uma relação de confiança, pois tivemos tempo para tanto. Como consequência, nossas conversas ganharam profundidade. Preferi trabalhar com esse material para a pesquisa. Reduzido, mas julguei que traria maior qualidade científica ao trabalho.

A escolha por mulheres veio da constatação de que as pessoas à frente das resistências à mineração eram mulheres. Percebi empiricamente o que as pesquisas sobre conflitos socioambientais já indicavam: uma feminização das lutas (SVAMPA, 2015). Preferi escancarar essa realidade, em vez de tratá-la como dado. Para além de abordar o gênero como uma das categorias relevantes para a pesquisa, eu busquei uma epistemologia feminista, um conhecimento centrado na experiência da mulher. Tanto das mulheres com quem conversei quanto da minha própria experiência.

Ressalto que não defendo um universal de mulher. E que as mulheres retratadas pela pesquisa não são capazes de representar “a mulher brasileira”, “a mulher latino-americana” – se é que existem mulheres capazes de representar tal generalidade. Porque são diversas as mulheres que formam o conjunto das oprimidas no nosso continente. E eu, Glorinha, Teca, Tetê e Janise temos os privilégios de sermos brancas, termos cursado uma faculdade, termos relacionamentos heterossexuais, morarmos na região metropolitana de Belo Horizonte. Nossas idades variam: Teca tem 62 anos; Glorinha, 61; Janise, 57; Tetê, 30; e eu, 25. Eu e Janise nascemos no interior de Minas; Glorinha e Tê, em Belo Horizonte; e a Teca, em Luanda, na Angola. Apesar dessas diferenças, nós cinco temos em comum a escolha de estarmos ao lado das oprimidas e oprimidos e de nos empenharmos na luta por um mundo mais justo.

A história dessas mulheres vale a pena ser contada, porque demonstra que a corrida desenfreada pelo lucro não é a única. Mostra que existem outras histórias, para além da opressão, quando falamos de mulheres. Aponta que existe gente lutando por um outro mundo, hoje. E ilustra que o setor minerário não teve êxito em transformar os territórios de Minas em simples *commodity*. Mulheres em luta de territórios afetados pela mineração existem e resistem às ameaças do capital. Mas como elas fazem isso? É o que pretendo responder com os relatos a seguir.

Quando citei diretamente as falas das mulheres, coloquei o recuo de 4cm previsto pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas mantive o mesmo padrão de tamanho de fonte e espaçamento do restante do texto porque as falas delas são parte orgânica do texto que escrevo. É uma posição política escrever dessa forma, para que esse texto também traduza uma posição assumida tanto na vida pessoal quanto na produção de conhecimento e no fazer científico. Essa é uma maneira específica de contar essas histórias. Inspirei-me no trabalho de Thaís Lopes Santana Isaías (2017), que se utilizou dessa mesma técnica em sua dissertação¹¹ como forma de falar junto das mulheres com que fez a pesquisa, e não falar por elas.

2.1 Encontro com as decisões metodológicas

Esta pesquisa se assenta na premissa de que a ciência não é neutra. Ao fazer pesquisa, a pesquisadora segue ocupando um determinado local na sociedade, que influencia sua visão de mundo, bem como a valoração dos temas a se investigar, os métodos adequados para fazê-lo e o papel que a sociedade ocupa na pesquisa.

Acreditamos que a compreensão de fenômenos sociais envolve a participação dos sujeitos com que a pesquisa dialoga, para que haja interação entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes populares, conforme exposto na obra de Paulo Freire (1987; 2013^a; 2013b; 2017). Nesse sentido, Moacir Gadotti, no prefácio de *Educação e Mudança* (2013^a), aponta que, para Freire, o diálogo não pode excluir o conflito, sob pena de ser um diálogo ingênuo.

A fim de evitar um diálogo ingênuo, propõe-se uma pesquisa crítica, que, conforme apresentado pelas pesquisadoras Marlei Pozzebon e Máira Petrini (2013), tem como enfoque

¹¹ A dissertação é intitulada *Mulheres em luta: feminismos e Direito nas ocupações da Izidora* e foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSASXH2Z/1/disserta__o_final_tha_s_lopes_para_p_s.pdf.

oposições, conflitos e contradições da sociedade contemporânea, procurando ser emancipatória, ao eliminar as causas da alienação e da dominação. A pesquisa social crítica exige o uso de princípios epistemológicos diferentes dos empregados pelas pesquisas positivistas, as quais creem que a realidade é um dado objetivo, externo ao pesquisador, o qual analisará o seu objeto fortemente apoiado em teorias e se utilizará de variáveis dependentes e independentes.

De forma oposta, as pesquisas participativas e engajadas, que também se orientam pela abordagem crítica, trazem novas formas de conduzir e avaliar a construção de conhecimento, com critérios como autenticidade, plausibilidade, criticidade e reflexividade (POZZEBON; PETRINI, 2013), bem como a mobilização da criatividade e da arte (POZZEBON, 2018). Além disso, a validação social aparece como um critério, que aponta a necessidade de a pesquisa ser realizada em consonância com as realidades e os anseios daqueles com quem a pesquisa dialoga (HARARI *et al.*, 2021).

Os mencionados critérios de avaliação da pesquisa qualitativa são observados nas ações do Programa Polos de Cidadania, da UFMG, nas quais a presente pesquisa se insere. Adentrando nos significados de cada um desses critérios, tem-se que a autenticidade diz respeito à presença da pesquisadora em campo para a investigação. A plausibilidade, por sua vez, refere-se ao fato de a pesquisa fazer sentido e oferecer resultados diferenciados no diálogo estabelecido com a comunidade. Por criticidade, entende-se a capacidade da pesquisa em motivar as leitoras a refletirem. O critério da reflexividade expressa a preocupação da pesquisadora em revelar suas posições sociais e visões de mundo (POZZEBON; PETRINI, 2013). Por fim, a validação social enfoca a percepção que as pessoas com que se dialoga têm da pesquisa. Ela se desdobra em três âmbitos: significância social dos objetivos, adequação social dos procedimentos e importância social dos efeitos (WOLF, 1978 *apud* HARARI *et al.*, 2021).

Para tanto, é fundamental a participação das pessoas em cada uma das etapas da pesquisa, desde a concepção, desenvolvimento, elaboração do relatório final e seus desdobramentos. Entretanto, ressalta-se que as pesquisas participativas não abandonam a teoria, mas, sim, propõem a integração da teoria com a prática.

A aparente tensão entre teoria e prática pode ser esclarecida a partir de Paulo Freire (2017), para quem o conhecimento deve ser construído de forma dialógica, noção acompanhada pelo colombiano Orlando Fals Borda (2015), além do compromisso com a mudança social. Com o diálogo, busca-se “problematizar o próprio conhecimento em sua

indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 2013b, p. 41).

Freire (2013) e Fals Borda (2015) pontuam que a atitude do pesquisador/intelectual não deve ser colonizadora, de imposição de suas teorias, mas de constante diálogo para chegar a conclusões em conjunto com a população a que se dirige a pesquisa. As abordagens dos dois autores têm diversos pontos de convergência e, além disso, contribuem para a constituição de um discurso pedagógico crítico das heranças do colonialismo nos territórios do Sul global, particularmente, na América Latina (DA MOTA NETO, 2018).

Considerando a necessidade que a pesquisa possui de ampliar o diálogo (FREIRE, 2013b, p. 70) para a compreensão do tema-problema de forma totalizadora, estabeleci diálogos com a comunidade desde a fase prévia à defesa do projeto de qualificação perante a banca.

Devido à pandemia do coronavírus, que impôs medidas de distanciamento social como forma de proteção sanitária, não foi possível realizar outras visitas em 2020 (além da preliminar, em fevereiro) ou 2021. Entretanto, o problema de pesquisa, a pergunta norteadora, o objetivo geral e parte do método foram debatidos com alguns moradores e apoiadores da comunidade, por meio de chamadas de vídeo, realizadas entre outubro de 2020 e junho de 2021, considerando os critérios observados para o desenvolvimento de pesquisa social aplicada crítica (POZZEBON; PETRINI, 2013; HARARI *et al.*, 2021).

A metodologia escolhida para entrar em contato com as mulheres foi a da conversação. Para tanto, estudei as falas das mulheres da forma como elas foram feitas, em situações do dia a dia, não com base em questionários ou entrevistas pré-concebidas, tal como preceitua Anderson Gonçalves (2016). Por isso, quando trouxe essas falas para o texto, o fiz de maneira descritiva.

A conversação é uma metodologia adequada para ser conjugada com o estudo de trajetórias de vida, já que “o foco da Análise de Conversação não é o significado subjetivo para os participantes, mas a forma como essa interação é organizada. O tópico de pesquisa é o estudo da vida cotidiana, por isso é crucial o papel do contexto em que as interações ocorrem” (GONÇALVES, 2016, p. 289).

Em virtude dos motivos já expostos no tópico introdutório deste capítulo, optei por não gravar as conversas tidas em André do Mato Dentro. Entretanto, as conversas seguintes,

com Tetê, Teca e Janise forem gravadas e depois integralmente transcritas, tal como prevê a metodologia de conversação.

2.2 Encontro com o campo e com a COVID-19

Sem dúvida, a falta de respostas críticas humanizadas tem tremendo impacto no escritor de qualquer grupo oprimido, colonizado, que se esforça para falar. Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem — e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado.

(bell hooks, 2019)

Como toda pesquisadora, encontrei diversas dificuldades, que considero ser importante compartilhar, porque é só a partir dessa sinceridade que construiremos comunidades pedagógicas, no sentido trazido por bell hooks (2013). Assim como a autora, também vejo importância em valorizar a voz da experiência no ambiente acadêmico, para colocar em prática uma pedagogia engajada. Um ambiente de acolhimento, que apresenta as suas vulnerabilidades, fraquezas e erros, por admitir a sua humanidade. A partir disso, é possível tensionar a ideia de que, para fazer pesquisa, basta uma pergunta, uma hipótese e um método. Para além das partes mensuráveis e facilmente observáveis, existem aquelas ocultas. Essa ocultação atende à premissa de que a ciência é neutra. Nesta pesquisa, me filiei a uma corrente diametralmente oposta, a da pesquisa engajada. E para isso, me propus a ter também uma fala verdadeira.

Uma dificuldade enfrentada na pesquisa está relacionada a quem eu sou. Uma garota da cidade. Apesar de vir do interior, eu não tenho memórias da infância ou adolescência no campo. Minha família não tinha uma fazenda e eu não costumava nem mesmo passar por alguma estrada de terra. Uma memória afetiva que descobri fazer parte de todos com quem dialoguei para realizar esta pesquisa era justamente essa ligação com a terra, seja na horta ou na roça, como algo presente na família e no cotidiano ou, pelo menos, durante as férias. Não fazia parte das minhas memórias. Esse jeito rústico e o chão de terra não faziam parte do meu universo.

Essa realidade que se abriu era nova para mim nos mais diversos sentidos. Isso causou estranhamento. Isso me trouxe dúvidas de como me portar, de quais os termos que estavam sendo utilizados, de não me identificar com muita coisa que me foi narrada. Para complicar ainda mais, a comunidade rural escolhida está na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Apesar de morar há sete anos na capital, eu não conhecia as referências. Raposos, Caeté, distritos de Nova Lima, Santa Bárbara e Barão de Cocais eram apenas nomes para mim. Eu não sabia de qual estrada me falavam. “Qual caminho eu escolho?”, “você envia um áudio com as instruções, por favor?”, “você pode ir para Morro Vermelho¹² tanto por Caeté quanto por Raposos”. “Maravilha! Mas qual a diferença entre os trajetos?”.

Em diversos momentos, eu me sentia perdida. Todos apontavam as mais diversas direções para indicar onde ficava a cachoeira, o Rio São João, a estrada velha, a barragem, a outra barragem, a barragem mais acima... Fui tomando nota e checando sempre no Google Maps para ver se aprendia logo. Aprendi muito, afinal, sabia bem pouco. Mas me sentia no dever de me explicar: “é que não sou daqui! É que, na verdade, minha família é do sul de Minas! Não, nunca fui naquela serra...”.

Em fevereiro de 2020, realizei uma visita preliminar à comunidade. O primeiro ponto que chamou atenção no trajeto foi a água cristalina que observei em diversos trechos, diferentemente de outras cidades visitadas anteriormente (Macacos, distrito de Nova Lima, e Brumadinho), em que a água era barrenta. Pedro, que já foi pesquisador-extensionista do Programa Polos de Cidadania, morava na comunidade à época da visita, fazia parte do coletivo de agroecologia Mujique e me apresentou aos demais moradores. Um desses moradores foi Chico Pancinha, que mora ao lado das obras de contenção da Vale S.A. e uma das importantes lideranças locais na luta contra o avanço da mineradora nos territórios.

Outro aspecto relevante do cenário encontrado na visita preliminar foi a presença intensa de monocultura de eucalipto. Esse fato é explicado na literatura por sua associação à apicultura para a produção de mel. A prática é comum nos povoados da região, que vendem parte da sua produção de maneira artesanal e parte para a empresa *Mel Santa Bárbara*, localizada no município de Santa Bárbara (COSTA, 2012). Entretanto, importante ressaltar que o eucalipto tem seu plantio associado à produção de carvão e de celulose, e seu uso para a produção de mel é apenas uma consequência.

Após o encontro preliminar em 2020, voltei a André do Mato Dentro somente em fevereiro de 2022. Pelo planejamento do mestrado, eu deveria ter ido meses antes dessa data.

¹² Um distrito de Caeté, separado de André do Mato Dentro pela serra. As duas serão as comunidades mais afetadas caso o projeto Apolo seja executado.

Entretanto, durante todo o ano de 2020, não tive condições de visitar a comunidade, em razão do isolamento social como medida de conter a pandemia. Como o meu trabalho e os estudos estavam acontecendo de forma remota, não fazia sentido sair de casa para além do estritamente necessário. Dessa forma, me expor ao vírus ou expor os moradores da comunidade não era uma opção. O Prof. André e eu preferimos aguardar e utilizar esse tempo para leituras, disciplinas, eventos acadêmicos, reuniões, tudo virtualmente.

Com o início da vacinação na metade de 2021, uma chama de esperança se reacendeu. Os índices de mortalidade no país foram reduzindo e os infectados tinham sintomas mais brandos. Tomei a segunda dose da vacina em setembro daquele ano, saí de férias do trabalho e fiquei um mês na casa da minha família em Varginha. Em novembro, voltando para Belo Horizonte, eu começaria o campo.

Acontece que André do Mato Dentro não conta com ônibus direto de Belo Horizonte, e eu não tinha carteira de motorista. A cidade mais próxima é Caeté, mas são ainda 20km de estrada de terra até chegar à comunidade. Portanto, a saída seria conseguir alguma carona. Cheguei a conversar com o Prof. André e não conseguimos achar alternativa que não fosse alguém do meu convívio me levar à comunidade e me aguardar conversar com as moradoras.

Convidei Gabriel, meu namorado, para me acompanhar nessa jornada, já que ele tinha carro, dirigia e gosta de viajar. A data escolhida por nós e pela Glorinha foi 13 de novembro. Eu ansiava muito por, finalmente, poder ter esse contato presencial com as pessoas. Entretanto, de novo, a pandemia nos atravessou e limitou a pesquisa. Gabriel testou positivo para o vírus naquela semana e, portanto, não pudemos ir. Além disso, os níveis de chuva estavam altos e as estradas de terra estavam inseguras para transitar. Tetê e Diogo nos alertaram que talvez seria melhor adiar para outro fim de semana. Na semana seguinte, a Glorinha viajaria e passaria o mês todo fora. Ela era a pessoa de referência para nos receber. Depois disso, chegou o mês de dezembro e, com a aproximação das festas de fim de ano, não conseguimos remarcar nossa ida.

Frustração talvez seja a palavra que se aproxime do que eu senti, mas também um misto de raiva e sensação de impotência. Eu não conseguia controlar o mundo ao meu redor e as condições em que a pesquisa aconteceria. Apesar de meus esforços, aconteciam coisas que fugiam ao meu alcance. Eu me cobrei muito para contornar essas condições. Eu me questioneei se ainda fazia sentido fazer trabalho de campo. Eu temi os prazos.

A angústia pelo desconhecido e pelo incontrolável também trouxe uma experiência rica não apenas academicamente, mas também pessoalmente. Isso porque, apesar dos

percalços, é uma grande oportunidade poder vivenciar tudo isso vinculada a um Programa de Pesquisa e Extensão, com uma visão muito diferente da que eu teria se tivesse percorrido todos esses caminhos a turismo, por conta própria.

Anos atrás, quando eu pensava em fazer mestrado, eu imaginava diversas coisas. Sabia que queria fazer trabalho de campo, mas jamais imaginaria que seria na área rural. Afinal, tem algo mais próprio à problemática da cidade que a minha proposta para a seleção, de investigar ocupações urbanas? Descobri que, sim, o rural teria muito a me mostrar. Mas mesmo sabendo que o trabalho de campo ocorreria em uma comunidade rural, as especificidades da dificuldade de acesso a André do Mato Dentro trouxeram uma complexidade a mais para a execução do trabalho. Eu não tinha autonomia para ir até lá, sempre precisava que alguém com carro estivesse disponível para me levar. E, se as chuvas estivessem fortes, não era recomendado ir. Tudo isso depois de uma espera de dois anos em razão da pandemia.

Mas a verdade é que o campo se apresentou a mim. Eu estava lá e não pude deixar de me afetar. Acredito que isso foi uma das poucas coisas que não mudaram desde a seleção. As histórias das pessoas não deixaram de me afetar, me emocionar, me inspirar, me mover. E foi por isso que o processo todo fez sentido.

Foi um processo doloroso. O sonho das aulas no prédio da Pós-Graduação do Direito não pude realizar, já que as aulas presenciais retornaram quando eu já havia cumprido os créditos. As aulas remotas tiveram seu papel, e diversas trocas ricas foram possíveis. Mas é inegável que ali a vida é pela metade. Na minha experiência de estágio de docência, realizada de maneira virtual, em razão das imposições do combate e controle da pandemia, enfrentei diversos desafios. O maior deles foi lidar com as câmeras desligadas dos alunos nas primeiras aulas. Isto é, quando, finalmente, tive a oportunidade da vivência de dar¹³ aula, fui privada do mais básico: o contato olho-no-olho com quem estava dialogando comigo.

Quando na posição de aluna, tinha que acompanhar o diálogo no mudo, privada de emitir sons e, apenas depois de pressionar o botão de levantar a mão, é que alguém liberaria minha participação para que, então, pudesse falar diante dos demais participantes, privados de emitir sons, todos mudados, para que, logo em seguida, eu pressionasse o botão do mudo... dá

¹³ Interessante notar que o verbo “dar” traz uma dimensão de entrega, típica da educação bancária, criticada na obra de Paulo Freire (1987). Aquele que “recebe” está em uma posição passiva e sem agência. Nesse modo tradicional de educação, o professor é aquele que detém o conhecimento e o passa aos estudantes. Para a pedagogia tradicional, os estudantes, por sua vez, seriam desprovidos de qualquer conhecimento do mundo e, por isso, eles estão ali para aprender, e os professores, para ensinar. Sou crítica dessa perspectiva e acredito que o verbo mais adequado para transmitir a ideia de uma sala de aula voltada para a liberdade dos e das oprimidas seria “comunicar”. Entretanto, optei por manter a expressão “dar aula” por sua fluidez e utilização no vocabulário cotidiano.

para perceber a burocracia só de ler. Logo que as aulas remotas começaram, meu pai providenciou um apoio de altura para meu *notebook*, teclado móvel, *mouse* sem fio, apoio para os pés e uma cadeira confortável. Eu não tinha nenhum desses itens, porque anteriormente me bastava ter o *notebook*, já que eu o utilizava por poucas horas do dia. Com o aumento do uso, tive que me atentar à ergonomia para evitar desconfortos físicos.

Em março de 2020, o meu dia passou a ser praticamente por meio do *notebook*. As reuniões, as palestras, o trabalho, o divertimento com os amigos, a comunicação com a família, a leitura, o estudo. Meses depois, a UFMG autorizou que também as aulas fossem por esse meio. Eram poucas as horas do meu dia em que eu não estava diante da tela. Muitas dessas horas, passava com certa vigília, uma vez que estava com a câmera ligada, justamente para não causar nos colegas ou professores aquela sensação desconfortável de falar com o vazio que eu relatei linhas acima. Era inevitável, por vezes, olhar minha aparência e ficar checando como meu rosto estava aparecendo, fenômeno que passou a ser chamado por estudos como “efeito zoom” durante o trabalho remoto pandêmico. Esse efeito trouxe um aumento exponencial nas cirurgias plásticas, em razão da maneira como as pessoas passaram a ver a própria imagem.

Apesar de todas essas questões, na metade de 2021, eu voltei a frequentar restaurantes e lojas e a encontrar amigos sem a necessidade de máscara, em lugares arejados. Nessa fase, comecei a sentir que minha vida voltava a ter uma certa normalidade. Tive momentos de lazer que me afastaram das leituras e escritas do mestrado, mas foram fundamentais para trazer novos ares para a pesquisa. Em agosto de 2021, foi a minha qualificação, e foi quando pudemos, eu e meu orientador, delinear os rumos da pesquisa.

2.2.1 Ato Salve as Águas do Gandarela

A primeira atividade presencial relacionada à pesquisa aconteceu em 28 de novembro de 2021, um domingo. Participei junto de uma amiga do mestrado, a Erna, do ato “Salve as Águas da Serra do Gandarela”. Foi um momento muito especial. Apesar da neblina e da chuva no começo da manhã, cerca de 120 pessoas participaram, entre elas muitas crianças.

Segue um vídeo sobre o ato:



Figura 3 - Manifestantes no Ato “Salve as Águas da Serra do Gandarela”



Fonte: registro feito pela autora.

Nós nos encontramos às 8:30 na Estação JK, em Belo Horizonte, e um motorista acostumado a dirigir pela Serra do Gandarela nos conduziu de van. Esse motorista conhece Glorinha, e seu contato foi passado a mim por meio da Teca. O nosso grupo era formado por eu, Erna, um menino e uma menina, cujas identificações não recorro, uma ambientalista e 4 mulheres do grupo sagrado feminino.¹⁴ Havia também um senhor do Projeto Manuelzão, da Faculdade de Medicina da UFMG.

Era um dia de tempo muito fechado e, no caminho, víamos apenas mais e mais neblina. Em certo ponto do trajeto, conseguíamos enxergar somente poucos metros à nossa frente. O motorista teve que reduzir a velocidade para nos levar com segurança.

¹⁴ Não tenho maiores informações sobre o grupo, mas sei que se organizam por meio de um grupo no *Facebook*. A proposta de círculos de sagrado feminino é promover o autoconhecimento, a aceitação e a exaltação da mulher em todas as suas formas e vivências.

Por fim, chegamos ao mirante, mas não conseguíamos ver nada da bela vista que nos rodeava. Mas vimos crianças, jovens, adultos, idosos. A Teca estava explicando como se dariam os efeitos do Projeto Apolo nas cidades do entorno do empreendimento. Ela conseguia passar as informações técnicas de forma clara e acessível ao público. Estava rodeada por mapas e apontava para eles com propriedade.

Figura 4 - Teca no Ato Salve as Águas do Gandarela



Fonte: arquivo da autora.

Éramos um grupo de mais ou menos 120 pessoas. Tivemos um momento de apresentação, em que cada pessoa disse seu nome e de onde vinha. A maioria das pessoas era de BH e da região do Gandarela. Também havia moradores de outros territórios afetados pela mineração, como Brumadinho. Entretanto, não havia ninguém de André do Mato Dentro.

Formamos uma roda e começamos a cantar músicas relacionadas à preservação do meio ambiente. Distribuíram bandeiras de proteção a Serra do Gandarela e folhetos com a letra das músicas. De repente, uma ventania, chuva fraca, que fez com que precisássemos de guarda-chuva e com que algumas pessoas entrassem debaixo de uma tenda para se proteger. Ficamos assim por uns 15 minutos. Depois, começaram a cantar no microfone, acompanhados por um violão, e a chuva foi parando. As crianças também ajudaram a cantar músicas, sob orientação das professoras. Essas músicas são ensinadas na escola, o que achei interessante, já que contribui para a educação ambiental.

As vereadoras Bella Gonçalves (PSOL) e Duda Salabert (PDT) discursaram, reafirmando o compromisso com a luta contra a mineração. Teca, por sua vez, puxou as memórias do lugar e falou da importância do Gandarela. Pessoas da região pegaram o microfone para se posicionar também. O céu foi limpando, limpando e, de repente, estávamos com um tempo aberto, o sol apareceu e iluminou as montanhas. Foi um momento muito especial. Realmente havia algo de místico. Aquela dimensão de encantamento que tanta gente já havia me contado. Compartilhamos um piquenique, já que cada pessoa havia levado algo para comer ou beber.

O retorno para Belo Horizonte foi mais tranquilo, conseguíamos ver tudo no caminho. Eu e Erna ficamos muito cansadas e tiramos um cochilo em grande parte do caminho, apesar de o restante das pessoas na van seguir em uma conversa animada.

2.2.2 Ida a André do Mato Dentro em fevereiro de 2022

Estávamos tentando fazer trabalho de campo desde novembro de 2021. Entretanto, as pessoas envolvidas na ida se contaminaram com covid e, em outros finais de semana, a chuva não deu trégua. Em um final de semana de dezembro foi possível participar de um ato pela Serra do Gandarela. Depois, a Glorinha viajou, e o mês de janeiro foi de chuvas intensas, castigando não só o estado de Minas como também São Paulo e Rio de Janeiro. Em 19 de fevereiro, saímos eu e Gabriel de Belo Horizonte, passamos por Sabará, Caeté e, de lá, tomamos a direção do distrito de Rancho Novo/Mina da Jaguar. A partir daí, foram cerca de 22km de estrada de terra até chegar ao Sítio do Paulo, em André do Mato Dentro. Nesse dia, Tetê e Diogo não estavam em André.

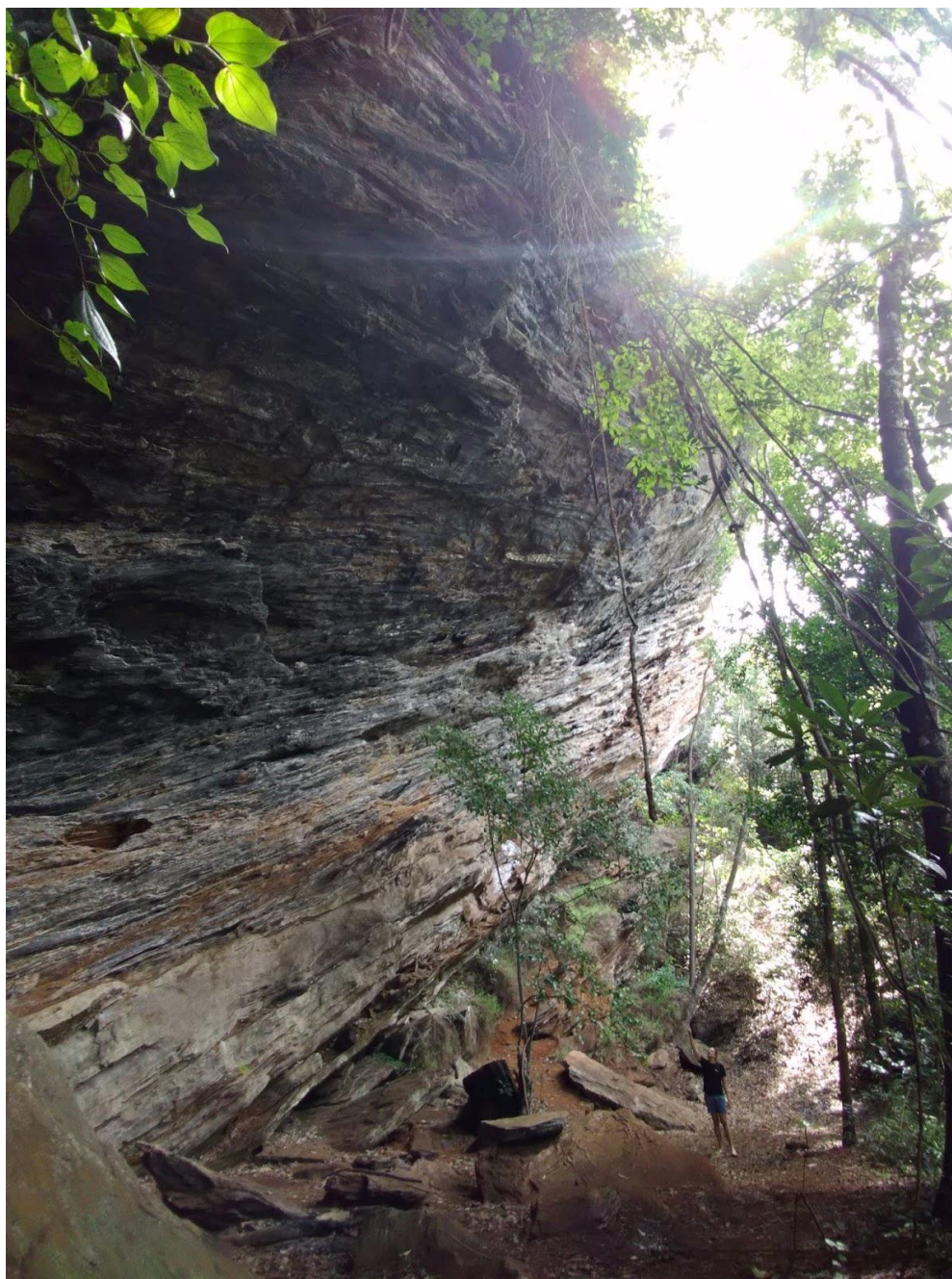
Houve trechos em que a estrada de terra estava bem ruim. O carro em que estávamos não era tão alto ou próprio para esse tipo de transporte, então encontramos certa dificuldade.

Os caminhões frequentes na área deixavam montes de terra na estrada que ameaçavam raspar no fundo do veículo. Em um trecho, o carro começou a fazer um barulho metálico, e achamos melhor parar para entender o que podia ter acontecido.

Passou um casal de idosos que nos ajudou a fazer alguns testes no carro, e provavelmente era alguma pedra que havia se enfiado na roda. Com o problema resolvido, pudemos seguir viagem. A Glorinha nos havia passado as instruções para chegar à sua casa, e finalmente estávamos no Caburé. Chegando lá, ela nos levou em seu carro para o sítio do Paulo. Esse sítio pertence ao cunhado de Glorinha, que, hoje em dia, não mora mais em André. A pousada desse sítio tem 4 suítes e uma cozinha. Há uma varanda com lugar para rede. Lá não pega sinal de telefone ou internet, então ficamos, de certa forma, incomunicáveis.

Na parte de trás do terreno há uma máquina de moer cana, uma casinha branca (que era a construção que havia quando o Paulo descobriu a região), a cachoeira do Raio e a Lapa de André do Mato Dentro. A cachoeira e a lapa são espetaculares. Conhecemos o córrego Casimira, de águas lípidas. Na região ele é conhecido como riacho grande. Depois de dar essa volta pela propriedade, Glorinha nos levou ao centrinho de André, onde ficam os dois bares – do Seu Cisino e do falecido Seu Domingos –, a igrejinha e a antiga escola da comunidade.

Figura 5 - Lapa de André do Mato Dentro



Fonte: arquivo da autora

Tivemos sorte, porque era um dia em que o bar do Cisino estava aberto e com bastante gente das comunidades ao redor, como Raposos, Rio Acima, Santa Bárbara, Caeté, Barão de Cocais e distritos. Durante toda a pandemia, o bar ficou fechado. Havia um clima de comemoração, e as pessoas haviam chegado em seus cavalos. Contaram-nos que estavam acostumados a fazer esses longos passeios a cavalo, e Glorinha reforçou que a região é marcada por esse hábito.

Figura 6 - André do Mato Dentro, próximo ao bar do seu Cisino



Fonte: arquivo da autora

Estavam fazendo um churrasco e foram extremamente receptivos conosco. Todos nos cumprimentaram, ainda que houvesse mais de 20 pessoas lá. Tomamos uma cerveja e tentamos socializar com as pessoas, perguntar como estavam as coisas e se estavam retomando os hábitos pré-pandemia. Almoçamos uma porção de mandioca, carne de churrasco e arroz colorido.

Um dos senhores de Raposos nos mostrou vídeos da destruição causada pela enchente no município. Ele informou que enviaram amostras de água da chuva para São Paulo e Rio de Janeiro, já que, em Minas, os laboratórios sofrem influência da Vale e só testam negativo para contaminantes da água.

As pessoas do bar nos contaram que muita gente se mudou de André para Barão de Cocais em busca de emprego. Isso me pareceu preocupante, considerando que eu havia visitado essa comunidade em fevereiro de 2020 e vi o quanto a mineração tem afetado o território e reduzido as possibilidades de modos de vida alternativos. Também refleti o quanto

as comunidades são interligadas, então a ideia de que é possível fugir dos problemas causados pelo monopólio da existência é apenas uma ilusão.

A esposa do Sr. Cisino é a dona Geni. Ela e sua irmã, Célia, nos chamaram para tomar um chá, na casa do lado do bar. Uma das filhas de Geni comentou que participava da Cavalhada Feminina, mas que agora o padre não deixa acontecer o evento, por conta da pandemia. Geni e Célia contaram um pouco de seu dia a dia, e foi marcante para mim a contínua referência ao sofrimento dos outros, ao cuidado com os outros, à vivência dos outros, e não à própria. E elas não veem futuro para a comunidade, não enxergam alternativas. Apesar disso, Geni é uma profunda conhecedora das ervas locais e seus diversos usos. Ela mencionou que citronela, manjerição e erva doce podem contribuir para espantar morcegos.

Começou a escurecer e nos despedimos de todos. Em razão do relevo, da lama e da condição das estradas, Glorinha teria que dar uma volta muito grande para nos levar de carro até o sítio do Paulo. Não há supermercado na comunidade, então eu e Gabriel compramos alguns biscoitos no sítio do Cisino e seguimos a pé para o sítio do Paulo. Antes da volta, lembramos que no sítio não teríamos como nos comunicar com nossa família. Abordamos algumas adolescentes, que nos levaram até a entrada de suas casas para que a gente pudesse acessar o *wi-fi*. Depois disso, seguimos em direção ao sítio. Essa volta incluiu atravessar o riacho em um ponto em que ele é raso. Já estava escuro e eu estava de calça jeans. Depois, subimos um morro bastante inclinado e enlameado. Nesse momento, senti estar despreparada para lidar com as condições do local.

Por fim chegamos à pousada, no sítio. Os cachorros da Glorinha estavam nos aguardando. Ficamos conversando sobre o dia e logo fomos dormir. Na manhã seguinte, Glorinha chegou para nos buscar. Fomos para a casa da Do Carmo, uma mulher com quem, segundo Glorinha, seria interessante conversar, mas ela não estava. Depois, fomos à casa de Dona Nenega, que é cunhada da Dona Geni e fazia requeijão quando chegamos. Ela faz vários cursos de culinária em Peixoto, promovidos pela Vale como medida de reparação pelos acionamentos das sirenes. Ela também gosta de tocar instrumentos musicais.

Depois dessa visita, Glorinha nos levou de volta à sua casa, onde nosso carro estava estacionado. No caminho, Glorinha nos contou que, quando chegou à comunidade, havia 250 pessoas, havia festas, quadrilhas e outros festejos. Hoje, a comunidade não deve ter 50 pessoas morando. Entramos na sua casa para comer bolo de banana e tomar suco de manga. Arthur estava hospedado lá. Ele é de Belo Horizonte e está trabalhando com Tetê e Diogo nas plantações. Ele aproveitou que voltaríamos para Belo Horizonte para pegar uma carona

conosco. Quando estávamos voltando para o carro, eu com um filhotinho de cachorro no colo, distraída com os demais filhotes, passou uma cobra na minha frente com velocidade. Ela era grande e amarelada e estava com a cabeça e a parte superior do corpo levantadas. Levei um susto muito grande. A vida no campo é realmente muito diferente do que estou acostumada.

2.2.3 Almoço no Dia Internacional da Mulher

O primeiro encontro com Tetê aconteceu de forma virtual, em 20 de outubro de 2020, em uma chamada de vídeo na qual também estavam presentes o Prof. André, o Diogo, companheiro da Tetê, e a Teca. A ideia dessa reunião foi validar as ideias do projeto de pesquisa com pessoas envolvidas na luta da mineração. Pessoas que já estavam em diálogo com o Programa Polos há mais tempo e seriam referências no território com o qual se desejava dialogar. Nessa época, em um momento mais grave da pandemia, cada um estava na sua casa, e o casal estava morando junto em André do Mato Dentro há pouco tempo. O Diogo chegou a André do Mato Dentro no início de 2018, e a Tetê somente em meados de 2019.

As trocas nesse dia foram interessantes. Tratamos da importância de estabelecer um diálogo com a comunidade, que também fosse parte na tomada de decisões sobre a pesquisa. Que não apenas interagisse com o produto final, mas também participasse na sua elaboração e no início de tudo. Contribuísse, além dos dados, com a sua interpretação e análise. Fosse autor/a do trabalho, na medida do possível.

À época, ainda não havíamos definido que o trabalho trataria da categoria gênero. Sabíamos que gostaríamos de tratar de mineração em Minas Gerais, que havia a vontade de que o campo fosse André do Mato Dentro, que o enfoque seriam as resistências, e não as violações de direitos. Mas terminavam por aí as definições que tínhamos. Entretanto, eram definições extremamente importantes, que iam guiando as leituras que seriam feitas, as disciplinas que valeriam um aprofundamento e o principal: eram decisões conjuntas. E assim o diálogo seguiu nos meios virtuais, principalmente, por meio de trocas de mensagens de texto.

Em 15 de junho de 2021, já na fase de preparação para a qualificação do projeto do mestrado, mais uma vez, uma chamada de vídeo se fez necessária. Nesse dia, a conversa foi apenas entre Tetê, Diogo e eu. Expliquei a eles que a fase que se aproximava envolveria apresentar a uma banca de professores o projeto da pesquisa. E que, antes do aval da academia, eu queria saber a opinião deles sobre os rumos que o trabalho estava trilhando. Foi um momento de alinhar com eles as etapas da pesquisa. Semanas depois, enviei a versão final

do projeto de qualificação e os convidei para assistir à banca, mas eles não puderam acompanhar. Segui dando notícias conforme aconteciam novidades.

Tentamos agendar visitas a André do Mato Dentro em novembro de 2021. Entretanto, com os atropelos da pandemia, pessoas próximas contaminadas com COVID-19 e as chuvas enlameando as estradas de terra, o encontro não teve êxito. Quando, em fevereiro de 2022, visitei André do Mato Dentro, o casal não estava lá.

Foi somente em 8 de março de 2022 que fizemos um encontro presencial. Coincidentemente, no Dia Internacional da Mulher. O casal estava em Belo Horizonte e combinamos um almoço na casa da mãe do Diogo. Entre garfadas, foi possível conversar sobre muita coisa, e nos alongamos em um cafezinho para continuar a prosa. Perguntei sobre como foi a ida deles para a comunidade, as motivações da época, as motivações de agora para permanecer, a construção da casa, o ser mulher nisso tudo, as ameaças e as vitórias envolvidas. Eles trouxeram muitos elementos que eu não havia mapeado antes da conversa, o que, mais uma vez, demonstra o quanto o campo dialoga conosco e nos mostra coisas que não temos como antecipar.

Diogo e Tetê estão juntos desde o carnaval de 2017. À época, a agrofloresta era apenas um sonho na vida do Diogo, formado em engenharia florestal na Universidade Federal de Viçosa. O campo sempre fez parte da vida dele, que, apesar de ter nascido em Belo Horizonte, viveu a infância e a adolescência em um sítio em Betim com os pais. Depois da faculdade, ele morou em diversas cidades com roça, mas viver da roça, fazendo agrofloresta, foi só bem depois.

André do Mato Dentro surge na vida do Diogo a partir de um amigo em comum com outros amigos dele que estavam morando na Serra do Cipó e procurando outro lugar para viver. No início, Diogo morava com Pedro, Cris e Carol na casa da Glorinha. Ela foi abrindo as portas para eles na comunidade. A recepção pela comunidade foi tranquila, e eles iniciaram um trabalho de checar o que os moradores tinham plantado na horta e poderiam comercializar em BH. Aos poucos, foi se delineando o coletivo Mujiq, que entregava cestas de produtos agroecológicos em BH. Entretanto, para fazer esse trabalho, é preciso de, no mínimo, três pessoas envolvidas diretamente e, hoje em dia, basicamente, só Diogo trabalha com a terra. É muito trabalho para pouca gente, e levar a BH também é muito cansativo.

Diogo avalia que essa atividade de entrega de cestas não compensa tanto, mas aponta que existem diversos mercados em BH vendendo produtos agroecológicos, e ele está esquematizando nesses pontos de distribuição. Outra ideia é aproveitar merenda escolar de

escolas públicas para vender os produtos de agricultura familiar. Ele está em diálogo com gestores públicos de Santa Bárbara para tentar essa via.

Ele contou que todo dia tem muita demanda na roça, já que, além dos plantios, existem as demandas imprevistas da casa ou um vizinho que pede ajuda com algo. Apesar de planejar a semana, muita coisa muda ao longo dos dias. Ele planeja aproveitar essa época em que as chuvas vão diminuindo para plantar bastante. Isso porque o clima interfere muito na plantação. Ele contou que o fim de 2021 foi muito difícil para todos, já que as chuvas acabaram com as plantas. Da mesma forma, as secas têm sido muito intensas em razão das mudanças climáticas.

2.2.4 Café da manhã em 13 de abril de 2022

A conversa com Janise ocorreu em uma cafeteria em Belo Horizonte. Pela proximidade com a rua, diversos trechos da gravação contam com barulhos de carros e de pessoas conversando.

Quando o Prof. André me levou a André do Mato Dentro, em 19 de fevereiro de 2020, para conhecer as ameaças que a atividade mineradora trazia à comunidade, eu não imaginava que aquele se tornaria o campo desta pesquisa. Havíamos dormido em Barão de Cocais no dia anterior e, após o café da manhã, seguimos pela estrada de terra até o subdistrito de Santa Bárbara. Em certa parte do caminho, ficamos aguardando por Pedro, que foi aluno do Prof. André anos antes e, à época, estava morando em André do Mato Dentro. Quando ele chegou, guiou-nos até uma casa, onde Glorinha e sua família haviam preparado um delicioso almoço tipicamente mineiro. Esse dia foi a primeira vez que a Glorinha apareceu na minha história e na narrativa desta dissertação. Já a sua presença no território é de longa data.

Infelizmente, nesse dia, ela não pôde ficar conosco na casa, porque tinha um compromisso. O nosso contato presencial só foi acontecer em 2022. Entretanto, ao longo de 2020 e 2021, muitos foram os encontros virtuais, em que pude conhecer mais sobre sua história, a organização da comunidade e seus sonhos para o território.

Um dos sonhos de Glorinha é transformar o sítio do Paulo, de 15 hectares, em uma propriedade coletiva. A ideia é que o espaço se torne um centro de referência em educação ambiental/agroecologia. Nesse sítio, fica a Lapa de André do Mato Dentro, formada por rochas de 30 metros. É uma estrutura geológica de Itabirito impactante, ao lado da Cachoeira do Raio (Figura 19).

O sítio do Paulo existe há muito tempo e já abrigou muito visitantes de André. Janise conta da sua experiência, de quando começou suas atividades lá, por volta de 2012:

Terminava o dia chegando no André, dormia lá, também no Paulo, era improvisado, metade ficava dentro da casa, metade ficava acampado e no início a Glorinha não tava lá, ela tava trabalhando numa consultoria, então o Júlio tava sozinho e recebia como ele podia. Eu lembro que o primeiro café da manhã nosso foi um café e uma vasilha de mandioca cozida. Ali eu não tinha nenhuma relação com a comunidade. (Informação verbal).

2.2.5 Tarde em Morro Vermelho no feriado de Tiradentes de 2022

O último dos encontros presenciais com as mulheres envolvidas na pesquisa foi com a Teca. Apesar de morar em um condomínio em Caeté, naquele dia, ela estava em Morro Vermelho (distrito de Caeté), no Camping do Guto. É um local de fácil acesso, e foi uma oportunidade de estar do outro lado da serra ameaçada pelo projeto Apolo. Em razão das estradas disponíveis, o tempo para ir desse local até André do Mato Dentro é de uma hora. Entretanto, em termos de distância, são comunidades vizinhas, separadas pela serra.

O caminho que fizemos para chegar foi por Raposos. A cidade foi gravemente afetada pelas enchentes em janeiro de 2022. Depois, seguimos na mesma estrada que leva à Cachoeira Santo Antônio, que é uma referência na região. A estrada de terra levantou bastante poeira, mas estava em condições normais de trânsito. Portanto, não passamos pelas mesmas dificuldades enfrentadas nas estradas enlameadas de fevereiro, quando fomos a André.

Teca foi solícita na marcação dessa visita, e sua proposta de que fosse no feriado facilitou nossa ida. Nas suas palavras, “eu trabalho na luta mesmo em feriado e fim de semana”. O Camping do Guto também é um ponto de resistência da região, já que recebe turistas do Gandarela e propõe uma relação harmoniosa com a natureza. Eles nos contaram dos seus planos de fazer eventos, como noite da pizza, festa junina e saraus. A existência desse local é importante para que mais gente conheça a região e se interesse por preservá-la. O local oferece opções de estadia com mais conforto, já que conta com chuveiros com água quente e uma piscina coberta.

Figura 7 - Igreja de Nossa Senhora Nazareth, em Morro Vermelho, a poucos metros do Camping do Guto



Fonte: arquivo da autora.

3 DOS MÚLTIPLOS ENCONTROS COM AS RESISTÊNCIAS

Hoje, mais que nunca, não existe pensamento sem utopia. Ou então, se nos contentarmos em constatar, em ratificar o que temos sob os olhos, não iremos longe, permaneceremos com os olhos fixados no real. Como se diz: seremos realistas..., mas não pensaremos! Não existe pensamento que não explore uma possibilidade, que não tente encontrar uma orientação.

(LEFEBVRE, 2016, p. 70)

Mas aí, aquela coisa que eu te falei, da gente conseguir manter no fio da navalha, saber disso tudo e continuar acreditando, aberto e sonhando o impossível e fazendo o que nos cabe e plantando a semente.

(Teca – informação verbal)

Em uma pesquisa engajada, é insuficiente a constatação do que está diante dos olhos, do que está visível, do que está amplamente divulgado. Das diversas opressões, sofrimentos e aflições vividas nos territórios afetados pela mineração, não faltam relatos. Já as possibilidades, as utopias construídas no tempo presente, nem sempre tantos se dedicam a contar. Portanto, para ser realista, esta pesquisa explorou os mundos alternativos, as possibilidades em curso, as pessoas que estão envolvidas na elaboração dessas utopias. Essa é uma tarefa assumida pelas mulheres com que a pesquisa dialogou. Mesmo com todos empecilhos, elas seguem sonhando e fazendo a sua parte.

Para tratar de como essas mulheres fazem isso, a pesquisa utiliza o método da trajetória de vida. Trajetória, em razão das variações na vida das pessoas ao longo do tempo, de forma não linear e imprevisível.

A ideia de utilizar essa metodologia para a pesquisa do mestrado veio da constatação de que não existe uma linearidade ou previsibilidade na história de vida das mulheres envolvidas na luta pelo direito de existir de diferentes formas em territórios afetados pela mineração. Tendo em vista que não se nasce mulher, mas, sim, torna-se mulher – como ensinou Simone de Beauvoir –, do mesmo modo, não se nasce naturalmente defensora de direitos; é por meio da luta social e das necessidades concretas que vai se encontrando esse lugar.

Entretanto, esse lugar não é o mesmo sempre. A cada nova ameaça, a cada vitória, a cada derrota, a cada questão de ordem pessoal, a cada ataque generalizado a mulheres, a cada parceria, essas mulheres mudam de posição. Mais que isso, não depende apenas da mulher

como indivíduo, mas, sim, da interação delas com o meio. Portanto, a constatação de que esse é um fenômeno social, e não natural, torna necessária a análise do entorno (contexto), para dar conta de narrar sobre essas vidas. Por isso, trajetórias de vida explicam tanto o macro quanto o micro, por meio de uma análise multiescala, que tem em conta os fenômenos globais ao mesmo tempo que trata das experiências íntimas. Entretanto, as trajetórias de vida não se confundem com as biografias, já que apesar do enfoque no indivíduo, as trajetórias de vida permitem a coleta de informações estruturais de forma quantitativa.

A narrativa de trajetórias de vida expõe vitórias, alegrias, mas também um outro lado. Teca relata que queria ter tempo para fazer outras coisas como artesanato, mas a luta contra a mineração não deixa. Mais do que essa luta contra a ameaça, a luta pela resistência dos modos de vida em territórios afetados pela mineração não para.

Nem sempre o encontro com o território se deu de forma intencional. No caso de Janise, foi uma oportunidade que apareceu a ela em razão da academia. Ela conta:

O meu movimento de resistência, de proteção, não é nem por conta da coisa da minha família. Na verdade, foi uma oportunidade que eu tive de me aproximar da área, foi coincidência. Pela minha militância, que vem ao encontro da minha formação, que é de trabalhar a conservação da biodiversidade, conservação da cultura, conservação do patrimônio. Quando eu chego ali o Gandarela simboliza o último fragmento ainda conservado e que vai se tornar realmente aquilo que sobrou. Então fui me engajando nisso. É claro que eu atendo outros movimentos de outras áreas também. Questão da Serra da Moeda, Brumadinho, tudo isso a gente tá envolvido. A luta... são vários os territórios e ao mesmo tempo o mesmo. (Informação verbal).

Entretanto, apesar de esse encontro com o território ter ocorrido sem uma preparação prévia, havia uma experiência prévia, havia a trajetória da Janise e o que a Janise havia vivido. O fato de haver uma vinculação afetiva com o território vem também desse lugar que Janise já ocupava no mundo. A sua família do interior passava tempo no campo e, por isso, já havia uma identificação com o modo de vida rural:

Essa coisa da proximidade com o quintal [...] a família tinha fazenda, roça, essas coisas. Então eu acho que me sinto em casa com essas pessoas. Eu gosto de conversar, sentar na beira do fogão, sabe? Gosto dessas coisas. Me lembra muito, é muito íntimo para mim. Então eu gosto de trabalhar nessa área. Agora mesmo eu tô lá no núcleo de agroecologia já enfiada em projetos que têm a ver com a questão de comunidade, participação social, porque eu gosto de lidar e estar ali com essas pessoas. E aí vem a militância, que isso tá desaparecendo, tá sendo destruído por esse rolo compressor do capital que só pensa no lucro. (Informação verbal).

Apesar de eu não me identificar diretamente com esse cenário rural que ela relata, identifico-me com o final de sua passagem, sobre a importância de lidar com essas questões, estar ao lado das comunidades e lutar por diferentes modos de vida, alternativos à lógica hegemônica do capital.

Entretanto, o “estar junto da comunidade” não pode se dar de forma impositiva ou extrativista. Tetê relata que, ainda que ela tenha uma posição claramente oposta à mineração, ela compreende que os moradores e as moradoras de lá não concordem inteiramente com ela e com suas críticas. Caso ela já chegasse tentando afirmar os seus posicionamentos, poderia perder a oportunidade de aproximação e a confiança das pessoas. Nesse sentido, ela descreve:

É, a gente acabou de chegar lá, como é que você já chega com um clima assim? A gente tem várias casas em que somos bem recebidos, a gente sabe muito bem as casas em que a gente chega e tal. A gente tem uma relação boa com a comunidade, é uma briga muito maior que nós. A gente vai até onde a gente alcança. (Informação verbal).

Essa “briga maior que nós” é a luta contra a mineração e a luta pela afirmação de outros modos de existência. É a luta contra o monopólio da existência. Ainda, ela reconhece as limitações de seu lugar no mundo. Ela, sozinha, ou mesmo em conjunto com Diogo e Glorinha, não será capaz de barrar a mineração. Mas isso não significa que ela assume uma passividade. Pelo contrário, ela enxerga as potencialidades de estar junto dessas pessoas que

discordam dela, mas que estão no olho do furacão. Existe a potencialidade de disputar a consciência das pessoas:

Mas é isso, a parte mais filosófica, a gente tem sentido que não vemos muita forma de resistir e de transformar se você não está no território, se não bota seu corpo pra luta mesmo. Acho que a melhor forma que a gente escolheu foi ficando as raízes. Pra me tirar dali é muito mais difícil do que se eu estivesse solta. Eu venho muito desse desânimo, não aguento mais tomar porrada, mas também se é pra transformar uma coisa, vamos direito, não blá-blá-blá. Sinto que estando lá no dia a dia, escutando, estando atento, vendo o que está acontecendo, propondo alternativas. Beleza, Vale, você quer destruir tudo, chupar tudo? Beleza, nós vamos plantar aqui do seu lado. E nós vamos reflorestar. E mostrar que é possível tirar renda daqui, quem sabe empregar pessoas da comunidade, com preservação, cuidando das águas. Pensando em formas menos agressivas de estar vivo no mundo. Não tem muito mais pra onde a gente ir. Nós vamos seguir no concreto, sem fazer nada. Isso é uma coisa que eu trago pra mim. Você quer ver a mudança em alguma coisa? Você vai e faz. Pode ser que você não alcance muita coisa. Mas não fica só no discurso. Às vezes, a gente se pega lá na lamentação, no que tô fazendo aqui, nó, que bosta, a gente vem cá faz essa luta toda e esse povo vira as costas pra gente, mas bora, sabe? (Informação verbal).

Tetê enxerga seu papel nessa luta maior do que ela. Ela vê que tem como contribuir, que a sua atuação importa, que ela tem como agir, que ela pode atuar mesmo diante de um contexto de constante opressão. E ela enxerga alternativas:

Também trazer minha experiência com eventos pra levar pra lá, levar uma turma, pra plantar, viver André. Vogue é muito isso, transformador pela experiência. Você já entra com outra postura. Quero isso pra André, que as pessoas cheguem e se atentem que isso é problema seu. Pegue ela pela cachoeira, tamanduá. Que o lugar te

mostre que ele precisa ser preservado. Vai sentir, tá aí. Você é tocado pela coisa. Transformação. Tamo aí na luta. (Informação verbal).

Esse aspecto “que o lugar te mostre que precisa ser preservado” ficou muito claro para mim desde as primeiras conversas com a Tetê e o Diogo. Eles sempre me diziam que eu tinha que ir a André para entender, que a conversa tinha que ser olho no olho. Como eu já contei na parte do encontro com o campo, a pandemia me atravessou diretamente, então, não bastava querer fazer esses encontros: havia uma impossibilidade acima do meu controle. E, de fato, também entendo que conhecendo o território que as pessoas poderão ser convencidas da importância de lutar pela sua preservação.

Mas conhecer o território não basta. É preciso agir, mais que isso, é preciso agir em rede, junto da comunidade. É preciso estar em movimento, para que, quando as oportunidades de combate ao modelo hegemônico aparecerem, estejamos preparados para fazer frente a ele. Teca enxerga a importância da persistência na luta e conta de sua experiência:

Importa que a gente fazer isso é fundamental, porque aí aparecem essas coisas que a gente sabe que não é nós que estamos. [...] Foi assim até agora. [Se] não existe mina Apolo até hoje, é porque teve um movimento. Teve gente como a gente? Sim. Mas é porque teve coisas que chegaram do nada para ajudar. E, quando a gente tá aberto e acreditando naquilo que parece que não é possível, é como se abrisse um campo para as coisas chegarem e a gente usar isso. É isso, o tempo inteiro. Porque se a gente não acreditasse e desistisse [...]. (Informação verbal).

Figura 8 - Teca e eu em frente à obra da artista Anna Göbel, no sítio do Guto, em Morro Vermelho



Fonte: arquivo da autora.

Não que essa persistência seja fácil. Somos atravessadas o tempo todo por outras demandas, prioridades e empecilhos. Não existe certeza de que vamos vencer a batalha contra o monopólio da existência, mas temos que pelos menos tentar. Porque, se não tentarmos, a batalha, de fato, estará perdida. Deixo, na sequência, um trecho inspirador de Teca, que me lembra o lema de Che Guevara de que a única luta que se perde é a que se abandona:

A questão das nossas relações entre nós, aí é com André, mas é também, a gente tá no meio do olho do furacão, sabendo concretamente do risco, sabendo de todo poder que a Vale tem, de tudo que tá [em] conflito. É como se a gente tivesse num fio, um fiozinho, com risco de a gente saber. Mas isso não nos demove de continuar enfrentando o que a gente pode fazer e atento a

possibilidades, sonhando já a construção. Isso é uma característica profunda dessa luta em defesa do Gandarela. Eu percebo que é o que sustenta outras lutas, de outros lugares. É a capacidade das pessoas, cada um do seu jeito, conseguir andar em cima de um fio de navalha. [...] de um lado tá a certeza de que vai perder, a constatação avassaladora dos medos, e, do outro lado, tá continuando sonhando que isso não vai acontecer. (Informação verbal).

Figura 9 - Vista do bar do Cisino



Fonte: arquivo da autora.

3.1 Encontro com o gênero

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

(ADICHIE, 2009)

A questão de gênero atravessa a pesquisa de diversas formas. Em primeiro lugar, ou melhor, em primeira pessoa, pois aqui estou eu, pesquisadora e escritora desta dissertação. Uma mulher de 25 anos que resolveu fazer parte da academia, com todos os impedimentos e as potencialidades que isso significa. Impedimentos, porque as referências sedimentadas na ciência são majoritariamente masculinas, e a ciência prega uma neutralidade – de que somente a razão deve agir, não a emoção.

Acreditamos que contar a história de resistência de mulheres que atuam em um lugar específico afetado pela mineração é potente. Apesar da histórica preocupação da ciência com o universal, propomos aqui um conhecimento situado na América Latina, da qual o Brasil faz parte, embora isso muitas vezes seja esquecido, seja por um esquecimento consciente do discurso imperialista, seja por um esquecimento inconsciente da noção espacial do local que ocupamos. Portanto, concordamos que a América Latina é um solo fértil para a construção de uma ecologia política que incorpore um olhar feminista ao processo de construção e produção de conhecimento social e ecológico (OYARZÚN; ÁLVAREZ, 2019). Ainda que as mulheres que dialoguem com a pesquisa não tenham voluntária e explicitamente se declarado feministas.

Optamos por contar as experiências dessas mulheres por nos filiar a correntes do feminismo que tentam estabelecer bases teóricas para uma confiança especial na perspectiva dos subjugados (HARAWAY, 2009). Faz sentido fazer pesquisa com base em realidades específicas se nos pautarmos na perspectiva feminista crítica à ciência, que entende que as categorias ditas universais estão, na verdade, situadas a partir do sujeito que as produziu. E esse sujeito, na maior parte das vezes, é além de homem, europeu. Isto é, esse sujeito está localizado em um contexto específico, ainda que não o admita. A ciência tradicional defende ser possível que um sujeito observe um objeto sem ser observado. Crê que não faz diferença o sujeito que produz aquele conhecimento: se se utilizar dos métodos científicos, chegará ao mesmo resultado que qualquer outro sujeito.

Em contraposição, o saber localizado, ao qual nos filiamos, entende o objeto do conhecimento como um ator e um agente, e não como uma tela em branco, um terreno, um recurso ou um escravo, sem agência (HARAWAY, 2009, p. 36). Dessa forma, leva-se em consideração o contexto em que o pesquisador está inserido e qual o seu lugar no mundo, tanto em termos de classe quanto de gênero, raça, país e outras tantas determinações. Um saber universalizado e sem lugar não faz sentido, todo conhecimento se dá por algum sujeito.

E essas mulheres que fazem parte da pesquisa – sejam como pesquisadoras, sejam como pessoas com quem se dialoga na pesquisa – também estão inseridas em um contexto. O indivíduo e as redes sociais de que ele participa são indissociáveis (GUÉRIOS, 2011, p. 24). A trajetória de vida se mostra uma metodologia útil para estudar essa relação indissociável. Isso porque esse método faz “o estudo das mediações entre processos coletivos e percursos individuais, permitindo ao mesmo tempo compreender as dinâmicas de funcionamento de diferentes agrupamentos sociais e das relações estabelecidas entre eles” (Ibidem, p. 25). Além disso, a trajetória de vida é potente para realizar pesquisas baseadas em epistemologias feministas, já que

[u]ma típica trajetória de vida, ou aquela normal, de uma mulher apresenta-se diferente da do homem e, da mesma forma, as mulheres têm percepções de trajetórias de vida diferentes das que os homens têm a respeito de suas próprias vidas. (BORN, 2001, p. 245).

Historicamente, o feminismo branco pautado pelos interesses europeus e das classes médias defendia que os espaços domésticos eram marcados pela opressão. Dessa forma, as mulheres que não se dedicassem a “trabalhar fora” estariam sendo privadas de sua liberdade. Essa desvalorização do trabalho feito em casa reflete a lógica capitalista de somente valorizar aquilo que gera lucro. Como consequência, as pautas desse movimento feminista liberal estavam ligadas à liberdade individual, ao sucesso por meio da carreira e à transformação da própria vida. Portanto, certos espaços ganhavam o enfoque das pesquisas feministas, e outros eram invisibilizados.

A perspectiva feminista a que essa pesquisa se filia se encontra no âmbito dos ecofeminismos. O ecofeminismo é um movimento social e corrente teórica nascida na década de 1970 e que propõe a articulação entre ecologismo e feminismo (HERRERO, 2013). Até porque não é possível haver justiça social sem justiça ecológica nem justiça ecológica sem justiça social (ACOSTA; BRAND, 2018, p. 99). Os ecofeminismos buscam, a partir dessa constatação, ressaltar aspectos que foram ignorados nas análises de diferentes áreas. São esclarecedoras as palavras da antropóloga espanhola Yayo Herrero:

Todos os ecofeminismos desenvolvem uma visão crítica do atual modelo social, econômico e cultural e propõem uma visão diferente da realidade e da política cotidiana, tornando visível e valorizando elementos, práticas e temas que foram designados pelo pensamento hegemônico como inferiores e que, sendo

absolutamente cruciais para a existência humana, foram tornados invisíveis. (HERRERO, 2013, p. 280, tradução livre do espanhol).¹⁵

O ecofeminismo foi, por muito tempo, excluído do debate por ser considerado essencialista (OYARZÚN, ÁLVAREZ, 2019, p. 5), isto é, por pressupor a existência de uma essência feminina que coloca as mulheres mais perto da natureza que os homens. Entretanto, o surgimento do ecofeminismo veio acompanhado de debates críticos, que apontaram que essa proximidade tem origem na construção social e histórica do gênero, específica em cada cultura. Portanto, é possível traçar paralelos entre capitalismo, colonialismo e opressão de gênero.

Ademais, o ecofeminismo pode ser visto não somente sob os aspectos acadêmico e político, como também como epistemologia, isto é, como uma forma de ver e entender o mundo. As epistemologias feministas trazem perspectivas alternativas para conhecer a ciência, a história, o conhecimento e os saberes produzidos ao longo do tempo pelos grupos oprimidos.

Diferentemente do antropocentrismo, que valoriza a espécie humana acima de todas as outras, os ecofeminismos entendem que os seres humanos são dependentes entre si e das demais espécies. A natureza fornece gratuitamente bens que são fundamentais para a existência humana. No âmbito das sociedades, também percebemos que, nas diversas tarefas de cuidados, existe uma divisão de gênero, e esse trabalho, seja de forma gratuita no seio da família seja de forma assalariada, é relegado às mulheres.

Apesar de ser fundamental para a sobrevivência de todos, a natureza se encontra em posição desfavorável frente ao lucro e às necessidades humanas. As mudanças climáticas demonstram que a humanidade ainda não compreendeu que os recursos naturais são finitos e a sua exploração desenfreada coloca em xeque a sobrevivência de diversas espécies – e, conseqüentemente, da humanidade. E, na maioria dos lares, são as mulheres as responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos mais vulneráveis (sejam crianças ou idosos), sem que essas atividades sejam reconhecidas como trabalho. Em razão do patriarcado, há uma ocultação e uma desvalorização dos tempos necessários para a reprodução social cotidiana (HERRERO, 2013).

¹⁵ Todos los ecofeminismos desarrollan una mirada crítica sobre el actual modelo social, económico y cultural y proponen una mirada diferente sobre la realidad cotidiana y la política, visibilizando y dando valor a elementos, prácticas y sujetos que han sido designados por el pensamiento hegemónico como inferiores y que, siendo absolutamente cruciales para la existencia humana, han sido invisibilizados.

Entendemos que as mulheres têm um papel fundamental na preservação da natureza, especialmente, no caso de André do Mato Dentro. Nesse sentido, Capanema, Dias e Palhares apontam:

[...] ao longo da evolução das sociedades agricultoras, as mulheres construíram uma bagagem de conhecimento tradicional que passa através das gerações. Esse conhecimento está relacionado ao conhecimento da biodiversidade local utilizada por meio de chás, infusões, culinária de forma geral, artesanato, artefatos, ferramentas domésticas. (CAPANEMA, DIAS, PALHARES, 2014, p. 5).

Nesta pesquisa, não entendemos a relação das mulheres com a natureza de forma essencialista. Compreendemos, sim, ser uma relação de cuidado, de subjugação, mas também de potência. Uma relação atravessada pelo direito a modos alternativos de estar no mundo, ainda que sob o capitalismo. De não aceitar os fatalismos de que “será assim mesmo” e de que não existe outra forma. Aliás, essa outra forma vem sendo feita há muito tempo. Portanto, resgatar essas narrativas significa valorizar a história de mulheres que estão negando o tipo de desenvolvimento econômico vigente e que propõem alternativas a ele.

Uma história que Janise contou sobre as mulheres nascidas em André demonstra bem o protagonismo delas:

Lá é um núcleo de resistência feminina por todas as características históricas que tem. Tem algumas pessoas que são referência: Dona Andrea,¹⁶ com certeza, é uma. Dona Andreia já foi mais, mas é porque hoje ela não se expressa tanto assim, não se destaca, não faz questão de se destacar. [...] Mas ela é uma pessoa que ela é a história, a memória também. São duas figuras bem interessantes. Tem uma terceira figura que não é muito aberta e que tem uma certa resistência a gente por causa dessa coisa [problemas com a UFMG] aí que há muito tempo circula na comunidade na verdade que é a Dona Andreah, que é irmã da Andrea eu acho. Irmã ou parente. Que é a responsável pela igreja. Porque a igreja ainda é a centralidade ali, a igreja ali, porque tem um histórico de demanda da comunidade por aquela igreja e aquela escola, que envolve a matriarca, que é a mãe delas, dona Vida, mesmo nome da dona Andrea. Que era uma mulher

¹⁶ Os nomes desse trecho e do seguinte são fictícios para preservar o anonimato das mulheres. Utilizamos o feminino de André.

que era casada com um cara que detinha as terras ali, que casou e entrou na lógica de ter que trabalhar no carvão. Ela tinha filho, provavelmente um atrás do outro, como toda mulher da roça naquela época e tal. E ela fala não, que precisa encontrar uma outra função pra mim aqui. E ela vê a necessidade de uma escola, porque tinha muita criança. Com a pouca formação que ela tinha, que acho que era até a quarta série, não sei ao certo, ela começou a ensinar as crianças, reunir ela no galinheiro da casa e começou a ensinar. Ela fez uma promessa para São Geraldo que, se ela conseguisse esse trabalho, ela iria erguer uma igreja para ele. Ela vai até Santa Bárbara e consegue a autorização para construir a igreja. Até hoje eles fazem a festa de São Geraldo, que na verdade também é de Santo Antônio, porque a igreja ficou como padroeiro Santo Antônio, mas é uma homenagem a ela também. A Dona Andreah que cuida dessa parte religiosa, católica, que faz o contato com padre, com ministro. (Informação verbal).

Esse mesmo relato também foi apresentado no trabalho *Cavallhada e protagonismo feminino em André do Mato Dentro*, com uma descrição da história do surgimento das comemorações relacionadas à Cavallhada Feminina:

No caso de André do Mato Dentro, os próprios moradores - mulheres e homens - contam que a festa dos padroeiros foi uma promessa de uma das matriarcas locais, diante de uma dificuldade doméstica. Ao conseguir a graça, por intercessão de São Geraldo e Santo Antônio, ela, muito devota, procurou o pároco local e pediu que se fizesse estes santos padroeiros da comunidade.

Passou-se então a comemorá-los juntos, na festa de São Geraldo no mês de outubro - mesmo sendo o mês em junho o mês de Santo Antônio. Essa senhora também foi a primeira professora da comunidade e quem conseguiu que a prefeitura construísse uma escola para as crianças. “Dona Vida,¹⁷ a matriarca da comunidade, tinha dificuldade em lidar com o marido, que era alcoólatra e a impedia de tomar decisões sobre o dinheiro da família. Ela teve a ideia de fazer uma promessa para São Geraldo, de que se conseguisse seu próprio dinheiro, iria começar uma escola na comunidade. Parece que a promessa deu certo, pois a escola foi criada e junto com ela a cavallhada feminina que se tornou uma comemoração pela promessa alcançada”. (DIAS; CAPANEMA; HUENCKER; PALHARES, 2015).

A ideia de contar uma história diferente, ressaltando os modos de vidas das mulheres, e não somente as opressões, vem do conceito de história única, trabalhado por Chimamanda

¹⁷ Nome fictício que expressa a impressão passada pelas interlocutoras sobre a pessoa mencionada, criado para não permitir a identificação na fala.

Adichie. A escritora nigeriana proferiu uma palestra em 2009, adaptada para livro pela Companhia das Letras. A palestra tem mais de 31 mil visualizações e pode ser acessada pelo *QR Code* abaixo:¹⁸



Chimamanda demonstra que as histórias dependem de como são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas. E que essas histórias contadas dependem do poder. “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. Acredito que as histórias contadas sobre territórios afetados pela mineração têm focado nas violações de direitos e na situação de sofrimento vivenciado. E, de fato, essa é uma das facetas. Mas não é a única. Existem múltiplas histórias sobre esses territórios e elas precisam ser contadas. Chimamanda mostra que a consequência de contar uma história única sobre um lugar ou uma pessoa é roubar a dignidade das pessoas. Com isso, é difícil reconhecer a humanidade em comum, por haver uma ênfase nas diferenças.

3.2 Encontro com a agroecologia

O primeiro dos movimentos de resistência relacionados a André do Mato Dentro do qual tive conhecimento foi o do coletivo Mujiq, de agroecologia. À época, no início de 2020, faziam parte dele Diogo, Tetê, Pedro, Paulinha. Eles entregavam cestas de produtos sem agrotóxicos em Belo Horizonte. A agroecologia representa uma resistência por ser uma forma alternativa de produção de alimentos, pautada na observância dos limites da natureza e dos seus ciclos, enquanto o capitalismo incentiva uma produção com uso de produtos químicos e relações de trabalho exploratórias.

Apesar de o Brasil ser um dos maiores produtores mundiais de alimentos, é um país em que a fome cresce. Ocorre um desperdício muito grande, e a maior parte da produção é voltada à exportação. Isso significa que os alimentos não são consumidos pelos brasileiros. Uma forma mais eficiente de produção envolve a comercialização dos produtos em locais

¹⁸ Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story.

próximos de onde são plantados, para que haja economia no preço do transporte e para garantir que os alimentos estejam mais frescos, saudáveis e necessitem de menos alterações genéticas e agrotóxicos.

A agroecologia é uma disciplina científica e também um movimento político e social. As práticas agroecológicas integram os conhecimentos técnico-acadêmicos com os saberes tradicionais. A Associação Brasileira de Agroecologia define a agroecologia como:

Um enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico – adotando o agroecossistema como unidade de análise – apoiar a transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentável. (ABA, 2018).

Pedro e Paulinha, que, no início da pesquisa, moravam em André do Mato Dentro e faziam parte do coletivo Mujique, mudaram-se para São Gonçalo do Rio das Pedras, um distrito de Serro, situado no alto Jequitinhonha. Lá, eles seguiram com a proposta de um modo de vida alternativo ao hegemônico. Por enquanto, as plantações são pontuais e experimentais, mas os planos são de expandi-las quando terminarem a autoconstrução da casa. Eles vendem cosméticos artesanais na região.

Em 2022, apenas Diogo e Tetê seguem, com a ajuda de voluntários, trabalhando por uma alternativa agroecológica em André do Mato Dentro. Eles pretendem, com isso, mostrar que é possível ter renda e trabalho no campo. Buscam que sua iniciativa anime outras pessoas da comunidade a seguirem seu caminho e, inclusive, que pessoas da cidade deixem a vida urbana para se dedicarem a lavrar a terra.

Para tanto, eles precisam que seus investimentos deem frutos e que seja possível, de fato, produzir alimentos de qualidade sem uso de químicos. Além disso, é necessário gerar renda aos produtores e, mais que isso, que eles consigam gerar empregos. Tetê conta seus planos:

Pra algumas pessoas, sim, algumas pessoas gostam muito, acham legal, pra outras, não. Coisas do tempo. Não é de um dia para o outro. Não vou chegar pra uma pessoa agora e falar: sabe o que vou fazer aqui? Plantar uma floresta gigante, vou ter tanto emprego, todo mundo vai ganhar dinheiro. E se eu não conseguir? Porque eu também não sei o que estou fazendo. Pode ser que dê errado, que a gente precise ir

embora. Mas ir mostrando, tem esse caminho, olha que legal o plantio do Diogo, não tem uma gota de adubo químico no chão. A gente planta sem veneno, olha que bonita essa espiga de milho. Olha, deu pra plantar bastante coisa esse ano... Tamo vendendo. Os meninos circularam muita grana de vender as coisas do pessoal lá. Da Do Carmo, da Geni, da Preta, que nas entregas também ia comida delas, queijo, leite, ovos, coisas da horta, mel do Chico. (Informação verbal).

A ideia de Tetê e Diogo constitui uma alternativa ao modo de existência vigente, pautado no lucro e na exploração desenfreada da natureza. Certamente, ainda existe muito a ser feito, mas a alternativa já existe atualmente. Eles já plantam, colhem e envolvem pessoas na sua atividade econômica, completamente dissociada da mineração. Tetê conta sobre seus esforços:

Então dar uma fortalecida. Esse instagram eu já estou fazendo os conteúdos, umas fotos, pra gente pensar nesses textos, pra fortalecer, pra quando o Diogo começar a vender, já ter uma marca forte. A gente recebeu uma empresa agora que levou os funcionários para plantar. Eles falam que são carbono zero, precisam doar mudas para reflorestar. Dando trabalho. Já veio uma galera aqui, pra conhecer o lugar. Tá rolando um trabalho voluntário. Arthur, João, que já voltou e mora na Bahia. A Mari tá chegando lá esses dias. Ela é amiga da Simone e do Fuinha, que a gente falou. Vai ficar esse mês todo com o Diogo. Estamos nessa busca da renda no momento. Tanto o Diogo, com o plantio, entender essa comercialização em BH e Caeté, e eu também nesse outro lado. Querendo ou não, estamos num país que mesmo lá as contas sendo bem mais baixas, são contas. Não preciso do salário de uma pessoa que mora em BH com uma casa própria, mas preciso de dinheiro. Estou nessa luta, mandando mensagem pra tudo quanto é gente, espalhando currículo pra tudo quanto é coisa, tudo quanto é vaga. Com a internet em casa fica mais simples. (Informação verbal).

Além da luta coletiva, existem as batalhas individuais que as pessoas que propõem alternativas enfrentam, principalmente no que diz respeito a conseguir uma renda. Pois, mesmo que lutem por um novo mundo, ainda estão neste. É importante entender essas limitações para que não aconteça uma romantização da vida no campo, e as coisas sejam percebidas de forma madura. Entretanto, mesmo com essas dificuldades, Tetê não desanima:

Eu cheguei lá com a esperança de que fosse possível. Não vamos do nada deletar a atividade minerária do estado, vai dar uma merda maior. Mas não precisa comer a última. Mas mesmo se comer a última, vai acabar. Como vai ser essa transição, que tem que acontecer? A transição vai ser guerra, vai ser caos? Só deixar o caos acontecer? Ou vamos já começar a falar sobre essa porra e propor alternativa? Agora a nossa pegada é essa. Não estamos a fim de ficar lutando, brigando, denunciando, fazer vídeo. (Informação verbal).

Além da Tetê e do Diogo, Glorinha também foi atravessada pela agroecologia. Ela levou a prática para a comunidade ainda na década de 1990. Não chegava a ser agroflorestal, mas já era uma prática de agricultura integrada com a natureza. Também Janise é envolvida em núcleos da UFMG que desenvolvem a agroecologia. Inclusive, ela conheceu Diogo em uma das suas atividades agroecológicas.

3.3 Encontro com o afeto pelo território

Um aspecto que marca a fala de todas as pessoas com quem conversei sobre André do Mato Dentro é o encantamento. Professores, pessoas que moraram algum período lá, gente que continuou a morar, pessoas que não tiveram a oportunidade de morar, mas sempre visitaram... com frequência todos esses atores e atrizes mencionaram que, depois que experimentam as águas de André, as pessoas sempre desejam retornar.

Eu havia ido à comunidade em fevereiro de 2020, e o aspecto hídrico logo captou a minha atenção. Águas cristalinas e em abundância. Quando comentei sobre isso, o Prof. André me explicou que, naquela região, os cursos d'água eram classificados como classe especial ou 1, as mais puras e limpas que existem na natureza, praticamente prontas para o consumo humano. Aquele lugar me despertou dúvidas sobre as certezas que eu já tinha em

relação ao direito à cidade. Afinal, as pessoas moravam distantes umas das outras, por ser uma comunidade rural. Seria muito mais difícil se organizar para demandar alguma melhoria da prefeitura, organizar reuniões. Eles não dividiam o espaço de forma tão intensa quanto ocorre em ocupações urbanas. Aquele modelo pronto que eu conhecia de “construir algo novo coletivamente” não se aplicava àquela realidade.

O Prof. André me contou do coletivo Mujique, de agroecologia, que produzia os alimentos em André para entregar e vender cestas na região metropolitana de Belo Horizonte. Antes disso, não estava no meu radar como o rural poderia construir alternativas ao modelo de economia vigente. Só fui descobrir essas potências entrando em contato com as pessoas que viviam em André. Elas me mostravam que uma relação harmoniosa com a natureza era possível, e que dava para viver em outro ritmo, diferente da correria do urbano.

Só que, depois desse encontro presencial, a pandemia chegou com força ao Brasil, impondo a necessidade de isolamento social. Com isso, as conversas passaram a ocorrer em meio virtual. As pessoas afetivamente ligadas ao território ressaltavam: “você precisa ir a André! Você vai se encantar!” E eu ansiei por esse momento durante dois anos. Segui fazendo leituras de outros trabalhos que foram desenvolvidos na região do Gandarela e tentando dar um sentido para a mineração. Quando finalmente cheguei ao campo, diversas outras emoções me atravessaram para além do encantamento. Tive estranhamento, tive deslocamento, tive a percepção de ser “o outro” em contato com aqueles que moravam em André. Senti que não me enquadrava. Senti desconforto.

Talvez eu não tenha me identificado imediatamente com o lugar em razão de um aspecto que Diogo apontou:

E André é um salto no tempo. A hora que a gente chega lá é muito antigo aquele povo. Tradição mesmo o jeito deles ali. Um rolê muito de interior, véi. Você tá do lado de BH e encontra uma galera que tem ainda muito princípio do povo antigo, o jeito de ser, de te receber e tal que é impressionante. É do lado, do lado de BH. (Informação verbal).

Apesar desses desconfortos, é realmente um lugar especial. Onde se encontram presentes os elementos chamados por Henri Lefebvre de “novas raridades”, em torno das quais a disputa é intensa: a água, o ar, a luz, o espaço (LEFEBVRE, 2016). Além disso, há uma receptividade muito específica. Chamou minha atenção a facilidade com que as mulheres nascidas em André se abriram para conversar comigo, mesmo sem nos conhecermos, mesmo sem eu ter me apresentado. Bastou eu estar ao lado de Glorinha para que elas se sentissem

confortáveis para contar dos netos, do marido, da horta e das plantas para os mais diversos usos.

Glorinha conheceu a comunidade de André graças a seu cunhado, Paulo. Aos 22 anos, ela resolveu se mudar para lá com seu companheiro, Júlio. Eles construíram sua casa em uma área preservada de Mata Atlântica, e a propriedade tem uma cachoeira nos fundos em época de chuvas. Desde que conheceu a área, Glorinha quis morar lá e nunca mais deixou o lugar.

Figura 10 - Glorinha e eu na cachoeira nos fundos de sua casa



Fonte: arquivo da autora.

Teca conta que conheceu André do Mato Dentro em uma festa. Não lembra bem quem a levou, mas morava em Caeté e conhecia pessoas com relações estreitas com a comunidade. Ela contou o exemplo de Vanderlei, um amigo seu, cuja família é de outra comunidade do Rio São João e, por isso, passava muito por André. Outro amigo de Teca com parentes em André é Ademir Bento. Desse modo, Teca conhecia a comunidade antes mesmo de Glorinha ter entrado em contato, quando começaram as ameaças da mineração. Pela beleza da forma como descreve o território, vale a pena trazer seu depoimento na íntegra:

A sensação que eu tive ao chegar naquele vale foi de encantamento igual hoje. Eu falo assim ‘se o mundo for acabar agora é aqui que eu quero estar’. Porque a gente vai entrando naquele vale e ali fechadinho, no meio daquela natureza, aquela simplicidade, aquela quantidade de água. Essa relação de encantamento de André eu tenho até hoje. Cada vez que eu chego lá. Conforme foi apertando essa questão da luta contra a Vale, eu fui muitas vezes a André. Já dormi lá, já dormi na Glorinha, já dormi lá nas casas do Paulo. Já fomos em muitas reuniões, porque a gente ia na reunião para divulgar o parque, para falar contra Apolo. Então vários tipos de momentos que eu estive lá. A minha relação com André, é lógico, tem muito a ver com Glorinha e com Júlio, conheci muito o Júlio e a gente sente muito, é como se ele estivesse presente. Júlio e Carolina Herman, do Gandarela, que não estão aqui. Eles estão sempre muito presentes no jeito meu de lidar com a luta. André tem algo que não tem nos outros lugares, até em Caeté mesmo, Quintas da Serra. A parte urbana, no sentido de centro urbano, lá não tem. Assim, no sentido que a gente vê em todos os lugares. A pracinha que tem lá é aquela igreja e a escola. É muito natureza. A gente fica muito perto da natureza. Nós já fizemos um encontro do MovSam lá, uma época. Uma época que até veio gente de Moçambique, do Pará. Foi muito forte a gente se encontrar lá no André, juntos para pensar a questão das serras e águas de Minas Gerais. Foi lá que eu tive um momento de conexão com a natureza. Um dos mais fortes na minha vida, que foi numa das primeiras vezes. Eu dormi lá, eu fui a primeira a acordar, que eu

sempre sou matinal; o pessoal geralmente vira a noite. Eu sentei ali no chão, em frente àquela casa amarela, tava amanhecendo o dia. Foi tão forte. Foi como se eu tivesse tido uma percepção da natureza à minha volta. Como se eu tivesse tendo um contato imediato com as formigas, as abelhas, com a vida, com as plantas vivas. Eu não sou muito dessa área de meditação, no sentido de vivenciar isso, porque eu sou muito prática no aqui e agora, o que que eu tenho que fazer. Mas aquele momento em André foi muito forte, me marcou muito, sabe? Então minha relação com André perpassa pela luta, pela questão das relações de afeto com Glorinha, agora com Diogo e a Tê, com aquelas pessoas. (Informação verbal).

Além dessa experiência marcante, Teca conta que estaria disposta a se mudar para lá para garantir que a resistência continuasse:

Eu na hora pensei ‘poxa, se minha casa valesse isso eu vendia’. E olha que eu amo a Serra da Piedade. Pra poder garantir que aquele lugar fique ali, sendo da resistência. Eu tenho uma relação profunda com André mesmo não morando lá. Se eu pudesse ser duas Tecas, tenho certeza, uma ia continuar onde eu ando, a outra ia estar lá junto. (Informação verbal).

Tetê defende o quanto André do Mato Dentro é raro, um ecossistema que tem onças, ainda que tão próximo da capital do estado. Ela conta: “Aí chegamos num lugar que tem uma mata maravilhosa, montanhas exuberantes, vista para tudo quanto é lado, água limpa brotando do chão em tudo quanto é esquina, gente querendo que a gente chegue, terra boa pra plantar.” (informação verbal).

O relato de Janise se assemelha ao de Teca. Quando Janise chegou à região, ela já era professora da federal, e um colega professor contou a ela que o marido de Glória, chamado Júlio, tinha um sítio em André do Mato Dentro e concordaria em receber os alunos lá, porque suas intenções eram de preservar a área. Ela conta que ficou encantada com o lugar e que foi a lugares aos quais nunca mais voltou, que são maravilhosos. Algumas dessas áreas estão dentro da propriedade da Vale S.A., que restringe o acesso.

3.4 Encontro com a docência

Um aspecto em comum das trajetórias das mulheres com quem dialoguei na pesquisa é a docência. Na minha trajetória, o papel dos/as professores/as foi de destaque, e lembro da escola como um ambiente querido, em que eu fui incentivada a buscar mais, a ser curiosa, a querer entender o mundo. Tive professores no ensino médio que acreditavam que eu seria capaz de ser aprovada em uma universidade federal na capital, que valorizavam as minhas ideias feministas e me mostravam o que significava ser de esquerda. Na faculdade, também tive exemplos marcantes, que despertaram o desejo de ser também professora universitária, motivo que me levou ao mestrado.

A trajetória das mulheres com quem dialoguei também tinha a docência como parte importante. Teca se formou em pedagogia, porque gosta e acredita que sua vocação é a educação. Ela contou que foi trabalhar nos Estados Unidos para juntar dinheiro para a construção de sua casa aos pés da Serra da Piedade e ocupava seu tempo de descanso vendo coisas de madeira:

Brinquedos educativos... eu pensei 'eu acho que eu dou conta disso, eu acho que vou fazer artesanato'.

Participamos da fundação da associação dos artesãos, eu comecei a fazer coisas poucas lá na minha casa, mas aí comecei a trabalhar com ele na casa dele em Caeté, na oficina dele para fazer os brinquedos educativos em parceria. Porque aí era uma dupla boa, porque ele tinha o trabalho pesado, sabe? Quando pega a madeira, corta e eu fazia a parte dos acabamentos, que muitas vezes o homem não tem a paciência de ver se não tem nada de farpa, a pintura. Então a gente fez uma linha de brinquedos chamados Brasteka - brinquedos educativos.

[...]

Eu queria criar brinquedos educativos, fora coisas decorativas, eu queria criar brinquedos educativos numa linguagem adequada aos novos tempos e bela para trazer a importância da relação do ser humano com a natureza e tendo o Gandarela, e as Serras, e as águas. Então eu tenho potencial de estar... eu não tô nesse lugar porque eu

faço questão de estar nesse lugar para preencher alguma coisa. Eu tenho muitos lugares para estar. (Informação verbal).

Teca deixa claro nesse trecho que as atividades de que mais gosta são educar e trabalhar com artesanato. Ela explicita que a sua atuação na luta ambiental é circunstancial.

Janise, por sua vez, começou sua carreira como professora na UFMG em 2009. Sua relação com André começou por meio do Prof. André Salgado, que é de Caeté e cuja tese é sobre a geologia do Quadrilátero. O professor a levou para fazer campo na região, eles rodaram pelas comunidades e, em André, apresentou Janise e Júlio. Ela viu na docência uma forma de dar visibilidade a temas importantes e apresentar uma mentalidade não convencional a seus alunos:

Mas a partir daí me deu esse estalo: gente, ninguém sabe onde fica essa Serra do Gandarela. Se eu começar a levar os alunos, a coisa vai... e mostrando pra eles o movimento, os eventos... (Informação verbal).

A partir da perspectiva de Paulo Freire, nós também compreendemos que a universidade deve estar em constante comunicação com a sociedade. Acerca do papel da universidade pública, Janise elucida: “A UFMG não leva a coisa pronta, ela ajuda a construir. A gente não gera emprego, a gente ajuda na ação, na capacitação, na busca de caminhos” (informação verbal).

Perguntei a Janise se ela considerava que sua ligação com André tinha algo a ver com a afetividade que ela criou com os/as moradores/as. Ela trouxe elementos relevantes, como a relação com as pessoas, a extensão universitária e o modo de vida rural. Além disso, o quanto esses elementos fazem parte de sua trajetória e de quem ela é:

Como te falei, eu quero preservar as amizades, porque as pessoas me recebem muito bem lá. E eu gosto de estar nesse ambiente. Primeiro, eu falo, sempre gostei da extensão, acho que é uma função importantíssima da universidade, você ficar lá produzindo conhecimento sem ter relação com a sociedade... Segundo, que eu gosto desse ambiente rural, desse acolhimento das pessoas no rural,

que não está só no espaço rural, está nas ruralidades dentro do urbano também. Você vai numa comunidade ali as pessoas têm esse mesmo carisma em te receber. Isso se mistura muito com os movimentos sociais, ambientalistas, você vê gente de todos os jeitos e você reconhece essas questões. Isso vem muito da minha história pessoal de ter convivido com pessoas... Esses dias eu tava falando com os meninos na sala: essa minha aproximação com a natureza, com a conservação, vem da minha vó, que me levava no quintal. E eu me reconheço nisso. (Informação verbal).

A ideia de Janise ao desenvolver projetos em André considera todo o contexto de ameaça da mineração naquele espaço. E ela também trabalha para a construção e a manutenção de modos de vida alternativos a esse monopólio criado pela mineração:

A ideia do projeto foi sempre encontrar outras alternativas para eles, tinha uma demanda de que os jovens retornassem, mas isso é uma coisa muito complicada, porque se não tiver atividade. Quem sabe esse projeto da escola de formação que a Glorinha tá pensando, quem sabe isso... Porque não existe uma vocação agrícola na região. Porque não temos solos muito férteis na região. A política é prioridade minerária. É de interesse que esse vazio demográfico seja, que não apareça que tem gente morando ali. É muito difícil conseguir outra atividade alternativa à mineração porque... os jovens. Por isso que eu acho importante que essa cultura seja registrada, que haja uma memória disso. Pra mostrar que tem gente ali, que existe uma cultura local, que eles fazem atividades. (Informação verbal).

Figura 11 - Escola e igreja de André



Fonte: arquivo da autora.

3.5 Encontro com o cuidado

Na sociedade patriarcal em que vivemos, as tarefas relacionadas ao cuidado daqueles mais vulneráveis – sejam as crianças, os idosos ou os enfermos – recaem principalmente sobre as mulheres. Essa constatação empírica é originada na divisão sexual do trabalho, e esse trabalho é realizado no espaço privado e invisível do lar, sob as regras da família tradicional (HERRERO, 2015). Esse aspecto teórico que eu já havia mapeado em meus estudos também se revelou de forma escancarada no trabalho de campo.

Os pais de Teca eram portugueses e ela nasceu em Angola. Ela veio para o Brasil com 15 anos e passou a morar no Rio de Janeiro. A virada que a trouxe a Minas tem a ver com seu pai, que teve Parkinson e veio para Belo Horizonte em busca dos melhores médicos e tratamentos. Como o quadro de saúde de seu pai era severo, alguém precisava cuidar dele, e ela sentiu que deveria exercer esse papel.

Como Belo Horizonte tinha aluguéis muito caros, ela e seu irmão, portador de esquizofrenia, passaram a buscar casas na Região Metropolitana. Ela conta que, quando viu a Serra da Piedade, na estrada, começou a chorar e teve uma sensação de reencontro. Ela ficou encantada com o lugar e resolveu comprar um terreno nos pés da serra para construir sua casa. É a casa em que ela mora até hoje. Para juntar dinheiro para construir essa casa, ela trabalhou por quase dois anos nos Estados Unidos como governanta de uma família, no final da década de 1990. Quando a casa ficou pronta, seu irmão foi morar com ela.

Só nesse curto relato livre – eu só havia orientado que ela me contasse da trajetória que a levou a André do Mato Dentro –, observei três contextos em que Teca esteve na posição de cuidado de outras pessoas. Mas para além de situações de vida familiar/pessoal e profissional, ela relatou contextos de cuidado no âmbito da militância.

Quando Teca voltou dos Estados Unidos, resolveu fazer artesanato em madeira e chegou a criar uma linha de brinquedos com seu amigo Brás: a Brasteka – brinquedos educativos. Ela conta com muito orgulho desse período de sua vida em que tinha um ateliê e vivia de fazer artesanato. Entretanto, desde os anos 2000 ela nunca mais pôde fazer artesanato, pela falta de tempo em razão da luta ambiental. Apesar de ser essa uma atividade que traz profunda satisfação, ela se vê pressionada a agir diante das ameaças das mineradoras e a deixar de lado o artesanato.

Teca chegou a Caeté sem saber nada de mineração. Mas a sua relação com a natureza sempre foi profunda. Em suas palavras,

[q]uando eu morava no Rio de Janeiro, [em] todos os meus tempos vagos ia andar na Urca de manhã para ver o silêncio, escutar as ondas, ou ia andar no Aterro, ou ia acampar. A minha relação com a natureza sempre foi de um lugar que era fundamental para mim. Era onde eu escolhia estar. Mas no sentido do ativismo, começou com a Serra da Piedade. (Informação verbal).

Nesse caso, o cuidado com a natureza acaba sendo uma tarefa que ela assume, tarefa essa que a impede, em razão do tempo limitado, de realizar outras, que são mais prazerosas para ela. Esse aspecto é surpreendente se consideramos que diversas pessoas com quem conversei nos últimos anos destacavam o trabalho de Teca na defesa do meio ambiente, mas sem nunca fazer a ressalva de que esse não é exatamente o lugar onde ela gostaria de estar.

Tetê sempre esteve envolvida em projetos sociais, de certa forma, cuidando de outras pessoas, atendendo às necessidades dos outros. Mas ela conta o outro lado das atividades que desempenhou. Ela passou a ver a importância de valorizar seu próprio trabalho:

Tá sendo a primeira vez que tô olhando pra mim. Sempre pensei que, por ter privilégios, eu tinha que fazer pro outro. Aí chega a pandemia e passei a atentar para minhas coisas, demandas, meu trabalho. Antes eu fazia tudo pros outros, colocava o povo pra ganhar dinheiro e eu, não. (Informação verbal).

Isso vai no sentido do que aponta Svampa:

Em outras palavras, no contexto da atual resistência ao extrativismo, a linguagem de valorização da mulher na cultura do cuidado tende a expressar um ethos potencialmente radical pró-comunal, que concebe as relações sociais a partir de uma lógica e racionalidade diferentes, questionando o fato capitalista a partir do reconhecimento da ecodependência e da valorização do trabalho na reprodução do social. Em particular, em sua versão livre de essencialismos, o ecofeminismo contribui para uma visão das necessidades sociais, não do ponto de vista da falta ou de uma visão miserabilista, mas a partir do resgate da cultura do cuidado como inspiração central para pensar em uma sociedade ecológica e socialmente sustentável, através de valores como reciprocidade, cooperação e complementariedade. (SVAMPA, 2015, p. 127, tradução livre do espanhol¹⁹).

A atuação de Glorinha no território também pode ser analisada sob a ótica do cuidado. É ela a pessoa que mais movimenta a resistência em André, há tantas décadas. Ela recebe em sua casa as pessoas que desejam ter uma experiência em André, não só pesquisadores, mas militantes, voluntários, entre outros. Ela é o ponto de apoio para muita gente. Os meninos do Mujique ficaram um tempo na sua casa antes de decidirem de fato fincar raízes no território. Sendo ponto de apoio, ela permite que mais pessoas conheçam a área, e é só conhecendo que se pode preservar. Foi ela quem preparou toda a logística quando fomos à comunidade, e sei

¹⁹ Dicho de outro modo, en el contexto de las actuales resistencias al extractivismo, el lenguaje de valoración de las mujeres enmarcado en la cultura del cuidado tiende a expresar un ethos procomunal potencialmente radical, que concibe las relaciones sociales desde otra lógica y otra racionalidad, cuestionando el hecho capitalista desde el reconocimiento de la ecodependencia y la valoración del trabajo de reproducción de lo social. Muy especialmente en su versión libre de esencialismos, el ecofeminismo contribuye a aportar una mirada sobre las necesidades sociales, no desde la carencia o desde una visión miserabilista, sino desde el rescate de la cultura del cuidado como inspiración central para pensar una sociedad ecológica y socialmente sostenible, a través de valores como la reciprocidad, la cooperación y la complementariedad.

que ela fez isso não somente por mim, mas para todas as outras pessoas que desejam entrar em contato com essa realidade.

3.6 Encontro com diferentes olhares

As mulheres com quem eu conversei nesta pesquisa tem em comum o reconhecimento de que são aventureiras, desbocadas, militantes, de que vão atrás de alternativas, de que não são medrosas, de que enfrentam os desafios que se apresentam. Essa percepção se apresentou para mim somente durante as conversações. Não foi algo que eu havia antecipado no planejamento da pesquisa. Foi algo que o campo trouxe. E foi algo que veio a partir de suas falas.

Quando Glorinha se mudou para André, em 1983, sua casa – que é a mesma em que morava quando fui visitá-la – ficava no meio da Mata Atlântica. Ela tinha apenas 22 anos nessa época, estava cursando sociologia na UFMG e acabara de sair da casa dos seus pais, na Savassi, em Belo Horizonte. Eu só consigo imaginar o que significou para uma menina da cidade ir para o campo, em uma mudança drástica de estilo de vida. Mas era seu desejo viver mais perto da natureza. No ano seguinte, nasceu seu filho e, anos depois, sua filha. Por oito anos, ela seguiu morando na casa que ajudou a construir, cuidando de seus filhos, já que seu marido, Júlio, saía para trabalhar. Ela chegou também a assumir a escola da comunidade por um tempo e desenvolver apicultura. Depois, ela voltou a morar em Belo Horizonte, mas retornou para André, levando tecnologias alternativas de agricultura.

Ouvir seu relato me confirmou que existe algo de especial em André, que faz com as pessoas sejam fascinadas e desejem ficar por lá. E também mostrou a força que as mulheres têm ao perseguirem seus sonhos. Não apenas sonhos pessoais, mas sonhos comunitários, sonhos de uma outra forma de estar no mundo e de se relacionar com a natureza.

Tetê também é uma menina da cidade que escolheu a vida no campo ainda jovem. Não qualquer ambiente rural: um ambiente extremamente ameaçado pela mineração. Ela comenta:

Mas eu sempre tive essa característica. Eu sou ariana, braba, eu sempre tive essa característica de assumir lutas, assumir bronca. Eu não tenho muito medo de encarar as coisas. Você não vai me ver muito fugir de algum desafio que você botar na minha frente. 'Eu duvido que você faça isso aqui', eu vou falar: 'bora'. Eu sou mais peito

de pomba, demorou. Eu sempre briguei muito assim, meus pais me ensinaram isso assim, lutaram pesado contra a ditadura, foram do movimento estudantil, então era uma coisa que eu aprendi muito em casa. (Informação verbal).

Mas sua forma de lidar com o mundo, por vezes, colide com as dos demais. Ela enxerga que, mesmo entre pessoas progressistas, volta e meia, a mudança do mundo fica apenas no discurso, sem atividades concretas:

Rolou dessa empresa, as empresas estão doidas pra dar esse close de ser sustentável e não são nada. Eu sou muito radical. Eu chego e falo na cara mesmo. A menina chega lá e fala que ama a floresta e o meio ambiente, e que a contribuição dela pro mundo é reciclar o lixo. Aí eu cheguei pra ela e falei: 'você não tá fazendo nada'. Parabéns por não ter feito nada. Você reciclar [...]. (Informação verbal).

Entretanto, esse enfrentamento convive lado a lado com outras características, como o emocional, o deixar-se afetar. E o emocional acaba sendo visto de forma negativa pelo pensamento dominante. Além disso, o emocional é associado ao feminino. Teca conta:

[P]orque eu sou escorpiã, então eu sou emotiva, o racional e o emocional tão pra mim juntos. [...] Então cada vez que eu me emocionava ou nas nossas discussões eu trazia a emoção, ele geralmente desqualificava. Ou seja, talvez porque eu já tive que lidar a minha caminhada de enfrentar isso. Eu sou uma pessoa forte, isso aí não impediu a minha caminhada. Eu posso estar numa reunião cheia de homens e eu não me sinto amedrontada, ou achando que eu tenho uma posição em desvantagem, mesmo sabendo... a gente percebe. Então por exemplo, no Copam.²⁰ Era muito claro. Eu era a única mulher. (Informação verbal).

²⁰ A sigla se refere ao Conselho de Política Ambiental, que é um órgão deliberativo subordinado à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). Empreendimentos que terão impacto ambiental no estado de Minas Gerais precisam passar por esse órgão para serem aprovados.

É importante falar da parte emocional, porque é também nela que se encontra a força dessas mulheres. Não apenas no aguentar, no enfrentar, no insistir na alternativa. Mas em reconhecer que isso também nos afeta internamente. Seguir nessa luta também traz suas dores, seu peso, seus ônus. E Teca não deixou isso de fora:

Eu saía das reuniões, a maioria, porque assim, fazia tudo²¹ isso e era tudo votado a favor. E eu sabia o que que aquilo significava de perdas e de sofrimento para as pessoas. Geralmente, eu era a última a sair, eu esperava todo mundo sair, porque eu também tinha que pegar aquelas pastas todas, aquelas caixas e assinar o recebido, e era um tempo também pra eu ficar solitária, só com o pessoal da assessoria lá. Mas quando eu entrava nos táxis para ir para casa carregando aquela pastaiada toda, eu desmoronava. Não era um desmoronar, era pôr para fora tudo que eu tive que usar de força interna para lidar com aquele cenário. Mas em nenhum momento isso alterou. É meu jeito. Eu não deixei nunca de ser forte por causa disso tudo. Então foi isso a minha participação, continua sendo assim, eu continuo sendo bem firme, continuo percebendo as caras dessa turma que ficam por aqui, devem estar buscando outras maneiras de eu não estar por ali. Eu falo abertamente. Eu questiono o Estado abertamente. (Informação verbal).

Janise também traz a dimensão de ser afetada. Ela aponta, inclusive, que pode ter sido esse um dos fatores que fizeram com que um dos professores da UFMG pensasse nela para atuar na região do Gandarela: justamente pelo seu engajamento político e sua militância. “Quando veio a proposta do projeto Apolo, ele falou 'nossa, preciso ajudar a preservar.' Só que ele não tem essa pegada política. Então quando eu entrei, eu acho que ele achou 'ah, a Janise talvez se interesse.’” (Informação verbal).

²¹ Na época em que Teca esteve conselheira no Copam, ela pedia vistas de todos os processos que chegavam. Era seu compromisso com a sociedade. Ela pedia vistas e avisava aos grupos interessados, para que fossem à sua casa analisar o processo, que eram extensos e, muitas vezes, organizados em diversas pastas e caixas. Depois disso, eles elaboravam pareceres, para apresentar nas reuniões e audiências, para tentar questionar e barrar projetos que ameaçassem a natureza e a população. Sua atuação sempre foi combatente e atuante, não apenas nessa instituição, mas em outras esferas, como na elaboração do projeto de lei da Lei Estadual 23.291/2019 (Mar de Lama Nunca Mais), que traz uma série de mudanças na política estadual de segurança de barragens.

3.7 Encontro com a permanência

Um aspecto que me intrigava era pensar por que pessoas nascidas em Belo Horizonte decidiram construir suas vidas em André do Mato Dentro. Um fator que Diogo me apontou foi a possibilidade de seu interesse pela agroecologia florescer nesse território:

Na agroecologia, o pessoal traz muito forte isso dos conhecimentos ancestrais, dos velhos, tradicionais mesmo. Chegar lá em André, conhecer o pessoal, esses véião com conhecimento, com esse tipo de prosa e sem a parte teórica, sem o embasamento teórico, filosófico, só. É assim. (Informação verbal).

Tetê, por sua vez, ressalta a singularidade de André:

A gente já girou muito, eu conheço muito Brasil. Não tem muito lugar que é assim como André não, pertinho de BH? E com preço bom? Terra com preço legal, pessoal com costumes, muita água e muita natureza preservada? Não conheço.

[...]

A gente conhece muitos lugares. Chapada Diamantina, maravilhosa, mas você cruzou a linha da Chapada, o agronegócio assim te arregaçando, em tudo quanto é canto. Já tá muita grana a questão do turismo, as coisas começam a ficar no milhões, umas muxibas de terra nos milhões, tudo muito caro. Então você achar qualquer coisa acessível hoje pra você estar na terra é... raridade no Brasil. Aí chegamos num lugar que tem uma mata maravilhosa, montanhas exuberantes, vista para tudo quanto é lado, água limpa brotando do chão em tudo quanto é esquina, gente querendo que a gente chegue, terra boa pra plantar. A terra do Tombinho encostou, deu.

[...]

E você não acredita na terra do Tombinho, não. É uma loucura. Lá chama Sítio Olhos D'água. Deu essa chubarada, torando olho d'água brotando do chão, parecia bebedouro, o chão inteiro, no meio das plantações, brotando água de tudo quanto é lado. (Informação verbal).

Conforme já apresentado no tópico sobre território, o aspecto hídrico é marcante nesse espaço. Diego confirma o que Tê apontou:

Nasceu um olho d'água no meio da estrada, jorrando água, formando rio dos dois lados. É um lugar em que temos a condição de falar não pra mineração, preservar a Serra. A última Serra do Quadrilátero Aquífero que não tá comida. Não tivemos uma experiência perto assim e como a mineração detona. Não é muito falada. Agora mais, por causa dos rompimentos. (Informação verbal).

Diego traz esse diagnóstico de que as regiões afetadas pela mineração só passaram a receber maior visibilidade após os rompimentos das barragens da Samarco e da Vale. Também vejo dessa forma, acredito que o tema ainda é pouco explorado e que mais pesquisas devem ser desenvolvidas sobre as afetações desses territórios e visibilização dos modos de vida em cada uma dessas áreas.

Acerca dessa decisão de morar em André, é importante o relato da Teca:

Porque a ideia é fortalecer essa ideia da ocupação no sentido que não é obrigatoriamente ocupação de propriedades, mas de estamos aqui, esse lugar. Quanto mais pessoas circularem nessa região, como uma coisa de 'isso é muito importante'. (Informação verbal).

4 JUSTIFICATIVA OU O ENCONTRO COM AS TEORIAS

Não se deve partir do conceito para entender a realidade, mas sim partir da realidade para, através do conceito, compreender a realidade.

(FREIRE, 2017)

A partir da investigação sobre as resistências das mulheres vinculadas a André do Mato Dentro, é necessário localizar o tema-problema que esta pesquisa aborda. O contexto que circunda a pergunta da pesquisa é o monopólio da existência, que significa a imposição, por parte de empresas, de apenas um modo de vida às comunidades afetadas pela mineração e a impossibilidade de exercício do direito de existir de múltiplas e diversas maneiras nos territórios afetados pela mineração. Nesses territórios, somente se pode consumir de um jeito, trabalhar prioritariamente com uma atividade ou não concorrer com ela, viver de um modo, conceber e pensar a vida, tanto individual quanto coletiva, de uma determinada maneira, próxima ou vinculada à mineração.

O geógrafo brasileiro Milton Santos aborda esse tema em seu último livro, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, no qual aponta que a globalização tem acelerado os processos hegemônicos, enquanto os demais, contra-hegemônicos, acabam por ser deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente.

Esses processos contra-hegemônicos tendem a uma precarização, já que estão permanentemente ameaçados pela concorrência de atividades mais poderosas do ponto de vista econômico. Essa homogeneização é contrária às práticas cotidianas que estão a todo tempo criando outros caminhos e respostas diferentes às crises ambiental, social, econômica e civilizatória existentes (SANTOS, 2001, p. 17).

Henri Lefebvre, filósofo e sociólogo francês, também aborda, em sua produção acadêmica, a polivalência de maneiras de viver na sociedade urbana e a produção das cidades (LEFEBVRE, 2019, p. 194), que coexistem em um mesmo espaço. O autor destaca, no mesmo sentido de Milton Santos, que a ideologia industrial é homogeneizante e busca o desaparecimento das diferenças nos espaços urbanos (LEFEBVRE, 2019, p. 111).

Entretanto, essa imposição de uma hegemonia, que se traduz no monopólio da existência, também tem sido marcada por resistências e fissuras no sistema e constituem a base de diálogo desta pesquisa. Atendendo ao chamado do pedagogo Paulo Freire, entendemos que o ponto de partida desta investigação está na compreensão da realidade e nas

formas de ação, de luta e de resistência dos grupos populares (FAUNEZ; FREIRE, 2017, p. 56).

O monopólio da existência também pode ser analisado por meio do conceito de monoculturas da mente, cunhado pela ecofeminista indiana Vandana Shiva (2003). Para a autora, as monoculturas ocupam primeiro a mente e depois são transferidas para o solo. Ela explica: “As monoculturas mentais geram modelos de produção que destroem a diversidade e legitimam a destruição como progresso, crescimento e melhoria. [...] As monoculturas disseminam-se não por aumentarem a produção, mas por aumentarem o controle” (SHIVA, 2003, p. 17-18). Isso ocorre porque “[a] perspectiva unidimensional do saber dominante está baseada nas ligações íntimas da ciência moderna com o mercado” (SHIVA, 2003, p. 42).

Tendo em conta que nenhum saber é neutro, mas sempre político, é também o espaço um produto da interação de relações sociais e de relações de produção. Portanto, afirmo que o espaço é um produto da história (LEFEBVRE, 2016, p. 60). Também como produto, esse espaço é hoje uma mercadoria, vendida e comprada (LEFEBVRE, 2019, p. 170). Não é difícil perceber como essa análise de Henri Lefebvre, da década de 1970, ainda se aplica à realidade mundial, e mais que isso, pode oferecer uma chave interpretativa relevante para compreensão do espaço em disputa de André do Mato Dentro.

Outro ponto relevante trazido por esse autor é que, em diversas regiões, houve crescimento econômico sem um desenvolvimento social. Nisso, sua análise se aproxima da perspectiva da socióloga argentina Maristella Svampa (2019), uma vez que o neoextrativismo trouxe aumento da renda gerada na América Latina, sem a sua distribuição. Lefebvre aponta que pode haver crescimento sem desenvolvimento e, às vezes, desenvolvimento sem crescimento (LEFEBVRE, 2019, p. 184). Além disso, nem mesmo a categoria de desenvolvimento é neutra (SHIVA, 2003, p. 146).

Nesse mesmo sentido, Milton Santos leciona que a compreensão de uma região perpassa pelo entendimento da economia a nível mundial, mas também pela análise do território de um país, e das relações travadas entre o Estado, demais instituições e atores hegemônicos. Para tanto, deve-se analisar essas relações em profundidade, em seus distintos níveis de interação e contradição (SANTOS, 2014, p. 52-53).

Milton Santos indica que, “quando uma grande empresa se instala, chega com suas normas, quase todas extremamente rígidas” (SANTOS, 2014, p. 33). Ou seja, a chegada dos atores hegemônicos nos territórios nunca é pacífica.

Vandana Shiva lista algumas das facetas do sistema hegemônico: (1) possui relações íntimas com o economicismo, que não tem vínculo com as necessidades humanas; (2) cria assimetrias de poder; (3) é fragmentador; (4) é colonizador; (5) afasta-se da realidade concreta; (6) impede a pluralidade de modos de vida; (7) descarta a pluralidade de caminhos que levam ao conhecimento da natureza e do universo (SHIVA, 2003, p. 80).

Ressaltamos que a mineração, desde a sua origem, segue como “a veia aberta mais lacerante e sangrenta em nossa entidade histórico-geopolítica chamada de ‘América Latina’, mas também para além, em todo o Sul global” (ARÁOZ, 2019, p. 17).

É importante narrar a história da colonização sob outro enfoque, já que “durante cinco séculos o relato se ajustou aos vencedores, velando com isso a história, suas estruturas e mecanismos” (ARÁOZ, 2020, p. 87). O discurso único do mundo, pautado por esses vencedores, têm implicações na produção econômica e nas visões da história contemporânea (SANTOS, 2014, p. 33). Portanto, é tarefa daquelas que lutam pelo fim das opressões “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1940), a fim de demonstrar a importância dos fatos vivenciados pelas classes vencidas, que foram e são intencionalmente obliterados pelas classes vencedoras.

Em 1492, com a invasão europeia das Américas, nasce o mito da modernidade. Com ele, o invasor “[...] de um lado autodefine a própria cultura como superior, ‘mais desenvolvida’; [...] e por outro lado, determina a outra cultura como inferior, rude, bárbara, sendo sujeita a uma ‘imaturidade’ culpável” (DUSSEL, 1994, p. 69-70, tradução livre do espanhol²²).

Resumidamente, a colonialidade se manifesta nas formas de ser, de poder e de saber. A primeira manifestação está relacionada ao monopólio da existência e a dispensabilidade de “outros” modos de vida. No caso de povos indígenas e africanos escravizados, esses aspectos foram fundamentais para a exploração durante o período colonial, e eles seguem expressos na lógica capitalista atual, direcionada a esses e outros oprimidos do mundo. A matriz colonial do poder, por sua vez, envolve o controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, por exemplo.

Por fim, a colonialidade do saber define qual conhecimento será tido como verdadeiro e válido, pautado na sua objetividade e suposta neutralidade, assim como a maneira e por

²² “[...] por una parte, se autodefine la propia cultura como superior, más "desarrollada"; por otra parte, se determina a la otra cultura como inferior, ruda, bárbara, siendo sujeto de una culpable "inmadurez".

quem os saberes serão construídos. Na obra de Vandana Shiva (2003), é possível perceber que o desaparecimento do saber local, a partir da interação com o saber ocidental dominante, acontece de diversas maneiras. Esses sistemas modernos de saber são colonizadores, e a sua primeira manifestação se dá pela negação da existência do saber local (SHIVA, 2003, p. 27). Isso porque o saber local nem mesmo é considerado um saber.

Além do ser, do saber e do poder, que são aspectos mais racionais, a colonialidade também envolve a dimensão emotiva, dos desejos (ARÁOZ, 2020, p. 21). Isto é, essa forma de enxergar, existir e agir sobre o mundo também atinge os sentires e afetações, tanto dos invasores quanto dos invadidos. A respeito desse aspecto subjetivo envolvido na colonialidade e do afetar-se, Horacio Aráoz nos oferece uma lição:

Ver e sentir as agressões aos territórios como agressões aos próprios corpos é certamente uma questão subjetiva. Eminentemente subjetiva. Não sentir nada diante de tantos atropelos e permanecer como espectadores externos de um espetáculo que não nos afeta é algo, também, subjetivo. (ARÁOZ, 2020, p. 269).

A lógica dominante impõe a existência de uma única realidade, que é capitalista, liberal e secular. Com isso, o que os agentes da modernidade fizeram e seguem fazendo é a “expropriação de outras formas de ser e de saber, formas alternativas de viver, de sentir e de habitar o mundo” (ARÁOZ, 2020, 51).

Os territórios ameaçados pelo extrativismo são tidos como improdutivos, socialmente esvaziados, ociosos ou desérticos. Como consequência, tem-se a desvalorização de outras formas produtivas, outras atividades econômicas, outras linguagens de valorização do território, incompatíveis com o modelo dominante (SVAMPA, 2019, p. 58).

O conceito de extrativismo utilizado pela pesquisa deriva de Gudynas (2015), que o define como um tipo específico de extração de recursos naturais, em grande volume ou em alta intensidade, e que está orientado essencialmente à exportação de matérias-primas sem processamento ou com processamento mínimo. Na noção de extrativismos, além da extração mineral e de hidrocarbonetos, também estão inseridas as monoculturas de exportação, a pesca e o agronegócio. Conforme apontam Alberto Acosta e Ulrich Brand (2018, p. 139), esses extrativismos “conduzem a processos de transformação territorial que desembocam em um reordenamento de paisagens, constelações sociais e relações de trabalho, e que fragmentam o espaço”.

Os espaços que atualmente são ameaçados pelo extrativismo predatório têm também uma história de violências, silenciamentos e apagamentos de outros modos de existir. O

extrativismo voltado para a acumulação tem sua origem na América com a colonização, que explora tanto os territórios e seus aspectos físicos quanto os corpos, em suas dimensões subjetivas. É com isso que se instauram modos de ser, pensar e agir voltados para os interesses das metrópoles, e não das comunidades em que os empreendimentos se instalam.

Ainda que se mantenham diversos traços da colonização, entendemos que a América Latina vivencia hoje um período novo do extrativismo – o neoextrativismo – conceito explicado em profundidade na obra de Maristella Svampa (2019). A autora sustenta que as economias da América Latina, no início do século XXI, foram beneficiadas pelos altos preços internacionais de produtos primários – *commodities*. A época foi marcada também por muita mobilização social, já que, ainda que governos progressistas e de esquerda estivessem no poder nesses países, eles seguiam o mesmo padrão exploratório da natureza e focado no setor primário da economia que vigoraram nas épocas de ditadura e de governos neoliberais, das décadas anteriores. Além disso, os grandes projetos desenvolvidos no início do século XXI encontravam resistência por parte dos povos tradicionais dos territórios, que buscavam garantir seus direitos assegurados no período da redemocratização.

Entretanto, as mobilizações não foram suficientes para alterar a mentalidade dominante. O pensamento hegemônico era – e ainda é – consensual em relação à exploração das *commodities* (SVAMPA, 2013), isto é, de que a forma mais adequada para trazer desenvolvimento econômico e posterior redução das desigualdades seria o de exportar matérias-primas em grande escala. As vantagens comparativas do aumento exponencial das vendas de produtos primários eram enfatizadas pelos governos, “negando ou minimizando as novas desigualdades e assimetrias econômicas, sociais, ambientais ou territoriais proporcionadas” (SVAMPA, 2019, p. 17). As consequências negativas do extrativismo eram ocultadas.

Os impactos sociais e ambientais gerados pela mineração são sentidos localmente, onde os empreendimentos se instalam e alteram completamente a dinâmica a que as pessoas estão acostumadas. A oferta de água e terras é inegavelmente afetada, para além da poluição sonora, o aumento do tráfego de caminhões e a supressão de outras atividades econômicas. Ocorre a contaminação dos solos, águas e ar, destruição de áreas silvestres e remoção de populações indígenas ou rurais. Mas, além dos impactos locais, existem outros ainda mais amplos, que afetam a sociedade estruturalmente. Para esses impactos, o sociólogo uruguaio Eduardo Gudynas (2015) cunhou o termo “efeitos derrame”.

Entre os efeitos derrame, incluem-se as flexibilizações ambientais, que facilitam a aprovação de licenças de funcionamentos de empreendimentos minerários. Essas flexibilizações afetam posteriormente outros setores, que também passam a ter menores exigências ambientais, já que vão, aos poucos, alterando o marco normativo e regulatório. Há também os efeitos territoriais, que fragilizam a garantia ao território de povos tradicionais, por exemplo. Outro efeito derrame é o de caráter social, que reduz os padrões de segurança e qualidade nos postos de trabalho e a qualidade de vida de comunidades, além de tolher processos de participação cidadã nas diversas etapas de instalação de empreendimentos extrativistas. Em casos extremos, há inclusive a ameaça à vida de lideranças e defensores de direitos humanos. Os efeitos derrame econômicos se manifestam em toda a economia nacional dependente da exportação de matérias-primas (GUDYNAS, 2015).

Diogo, um dos moradores de André do Mato Dentro, descreve alguns efeitos derrame:

E forma como atua a atividade. Que só acontece se comprar muita gente, os deputados, juízes, mentir, porque se falar a verdade o projeto não vai pra frente. E o dinheiro vai todo pra fora. Degradação de qualquer lugar. Afeta a cidade, só índice ruim. Só vivendo dentro que a gente consegue ver. Pra acontecer a mineração, tem que fazer isso tudo ainda. (Informação verbal).

Sobre o tema econômico, é importante a constatação de quais são os verdadeiros beneficiários dos extrativismos:

Da mesma forma, estes estabelecimentos não nutrem as cadeias industriais nacionais, uma vez que os recursos que utilizam são exportados. Suas contribuições às economias locais ou regionais são limitadas, e a maior parte de seus lucros permanece em suas empresas controladoras, a maioria delas estrangeiras. (GUDYNAS, 2015, p. 18).

Dessa forma, os países latinos seguem exercendo papéis de subordinados dentro da globalização, como provedores de matérias-primas. A atuação dos governos progressistas na América Latina, na primeira década do século XXI, pautava-se na crença em um capitalismo benévolo, no qual os extrativismos compensariam em razão da possibilidade de finalmente deixar o subdesenvolvimento. E, nesse caminho, foi reforçada a mercantilização da vida social e da natureza (GUDYNAS, 2015, p. 22).

Ainda que desde 2013 os números do extrativismo tenham deixado de crescer exponencialmente nos países latinos, não houve um enfraquecimento do neoextrativismo. Isso porque seguem ocorrendo flexibilizações de controles ambientais, endurecimento de criminalização e aumento do número de assassinato de ativistas ambientais, bem como

acirramento da disputa por terras e pelo acesso a bens naturais (SVAMPA, 2019). Além disso, existe uma vinculação direta entre extrativismo e corrupção na América Latina. Segundo os dados da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento de 2014, os extrativismos ocupam o primeiro lugar em casos de subornos em investimentos no exterior, representando 19% dos casos (GUDYNAS, 2017).

Apesar desses e de outros impactos trazidos pelo neoextrativismo, esse modo de apropriação foi reproduzido por todo o continente, e não havia debate público amplo sobre os malefícios de basear o modo produtivo na atividade extrativista. Mas os conflitos seguiram, já que as populações diretamente impactadas pelos empreendimentos denunciavam a sua situação de violação de direitos humanos. É nesse contexto que surgiu o conceito de neoextrativismo para caracterizar o fenômeno que estava se delineando. Nesse sentido:

É claro que não se tratava de algo absolutamente novo, pois as origens do extrativismo remontam à conquista e à colonização da América Latina pela Europa, nos primórdios do capitalismo. Entretanto, em pleno século XXI, o fenômeno do extrativismo adquiriu novas dimensões, não só objetivas – pela quantidade e pela escala dos projetos, pelos diferentes tipos de atividades, pelos atores nacionais e transnacionais envolvidos – mas também subjetivas, a partir do surgimento de grandes resistências sociais, que questionaram o avanço vertiginoso da fronteira das commodities e, diante da despossessão, foram elaborando outras linguagem e narrativas em defesa de outros valores – a terra, o território, os bens comuns, a natureza etc. (SVAMPA, 2019, p. 18).

Diferentemente do extrativismo tradicional, que marca o continente desde a invasão europeia, o neoextrativismo surgiu no início do século XXI e é um modelo social, político e territorial baseado na superexploração de bens naturais e na expansão das fronteiras de domínio do capital.

Além disso, traz dimensões novas, como a crise socioecológica planetária, o Estado-nação como incentivador do extrativismo, a ocupação intensiva do território e o aumento da violência estatal e paraestatal (SVAMPA, 2019). E o neoextrativismo, em vez de trazer desenvolvimento e riqueza à população, existe para atender o seu principal mercado consumidor, que é a indústria da guerra (ARÁOZ, 2020, p. 188). Além do agravamento das violações de direitos humanos e ataques à natureza, com o neoextrativismo surgem também novas lutas ecoterritoriais, com a participação de atores coletivos, que praticam resistências de diferentes formas.

Ainda hoje, empreendimentos minerários seguem alterando completamente os modos de vida, produção e reprodução das famílias que vivem em regiões ditas (somente como)

mineradoras, comprometendo a sua qualidade de vida e o pleno desenvolvimento de seus costumes, tradições e subsistências (DIAS; OLIVEIRA, 2018, p. 15).

Essa situação de extrema violência e violação de direitos é narrada pela ambientalista Teca (Maria Tereza Corujo), em parceria com a Professora Andréa Zhouri, coordenadora do GESTA-UFGM²³ e Patrícia Generoso, moradora de Conceição do Mato Dentro, da seguinte forma:

Ao longo da luta, testemunhamos outros modos “inescrupulosos” da (sic) Vale atuar: pressão sobre proprietários de terra para conseguir comprar as áreas, fragmentação dos licenciamentos, subdimensionamento dos impactos, omissão de informações, indução junto à população de seus empreendimentos como fatos consumados, cooptação de políticos, gestores públicos, governantes e organizações sociais, tráfico de influências em todas as esferas, espionagem, articulações nos bastidores para alterações nos planos diretores e legislação em todas as esferas para não atrapalhar seus interesses. (ZHOURI; GENEROSO; CORUJO, 2016, p. 361).

O estudo dos impactos trazidos pelo extrativismo, e pela mineração em especial, vem sendo tratado em diversas obras, principalmente, pela ecologia política e pelos estudos de conflitos territoriais. Na América Latina, são relevantes as obras de autores como Maristella Svampa (2019), Eduardo Gudynas (2015), Horacio Machado Aráoz (2020) e Alberto Acosta (2018), que demonstram como o (neo)extrativismo impacta os territórios e impõe a hegemonização dos modos de vida.²⁴

O avanço das fronteiras extrativas traz consigo a desterritorialização dos povos tradicionais, tanto os assim reconhecidos por nossa Constituição da República – os povos indígenas e quilombolas – quanto as demais comunidades tradicionais, que possuem outra

²³ O Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA-UFGM), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da FAFICH/UFGM desenvolve desde o ano 2001 pesquisa, ensino e extensão dedicados à compreensão dos conflitos inerentes às diferentes racionalidades, lógicas e processos de apropriação do território vigentes em nossa sociedade. Informações retiradas do site: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/sobre-o-gesta/>.

²⁴ Ressalto que existe uma herança teórica de correntes teórico-políticas no campo ambiental da ecologia popular, do ecologismo dos pobres e do ecossocialismo, ainda que não tenham sido objeto de estudo mais profundo neste trabalho. Nas palavras de Carlos Walter Porto-Gonçalves (2012, p. 27-28), “se destacaram intelectuais como o líder seringueiro Chico Mendes, assim como o epistemólogo mexicano Enrique Leff, o economista catalão Joan Martínez Alier que tem fortes ligações com movimentos sociais latino-americanos, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, o biólogo e antropólogo mexicano Victor Toledo, o sociólogo marxista brasileiro Michel Löwy, entre tantos. Essa contribuição teórica-política é tão importante para compreender os complexos processos sócio-históricos que estão curso como são, ainda hoje, as teses de José Carlos Mariátegui elaboradas nos anos vinte do século passado, a Teoria da Dependência, sobretudo em sua vertente marxista (Rui Mauro Marini e Theotonio dos Santos), a Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire), a Teologia da Libertação (Frei Beto, Leonardo Boff, Enrique Dussel), assim como o Pensamento Descolonial (desde Franz Fanon e Aimé Césaire, ambos caribenhos, até o mexicano Pablo González Casanova, a aymara-boliviana Silvia Rivera Cusicanqui e o peruano Aníbal Quijano). A essas contribuições devemos acrescentar a dos negros estadunidenses que denunciaram o racismo ambiental e, depois, estenderam seus fundamentos ao mundo inaugurando o movimento pela justiça ambiental”.

relação com a natureza, bem como suas próprias cartografias de vida e trabalho grafadas pelas formas de ser e viver coletivas (GONÇALVES; MILANEZ, 2019).

Os impactos trazidos pela mineração incluem poeira, desmatamento, ruídos, aumento do tráfico de caminhões. O documentário *Não Vale a Pena* (2017), do diretor Pedro de Filippis, denuncia a situação de penúria vivenciada por moradores de Santa Bárbara, Catas Altas, Mariana, Congonhas, Belo Vale, Itabirito, Brumadinho, Sarzedo, Sabará, Nova Lima, Raposos e Rio Acima. O documentário pode ser acessado por meio do *QR Code* abaixo:²⁵



O silenciamento, a invisibilização e o aniquilamento de nomes, idiomas, crenças, costumes e outros elementos culturais, assim como das histórias dos corpos e dos territórios violados, invadidos, objetificados e comercializados, fazem parte dos projetos coloniais e extrativistas que continuam sendo impostos aos países, em especial, a algumas de suas comunidades em constantes processos de vulnerabilização.

Ao redor do mundo, são múltiplas as práticas alternativas, sustentadas em outras visões de mundo, que se opõem e resistem a essa lógica extrativista. Essas alternativas não estão só no papel, mas existem concretamente, são alternativas re-existent (ARÁOZ, 2020, p. 285), ainda que o sistema dominante tente apagar ou destruir a realidade que essas alternativas tentam representar (SHIVA, 2003, p. 25).

Esta pesquisa terá como uma de suas bases a noção de resistência social ao extrativismo proposta na obra de Maristella Svampa (2019), que toma forma na defesa do território e da territorialidade. A autora compreende, da mesma forma que Carolina Coelho-de-Souza (2015), que os territórios conformam espaços de resistência, resignificação e criação de novas relações sociais. Nesse mesmo sentido, Daniel Viegas sustenta que “diversas ocupações de comunidade e povos tradicionais não estão associadas, necessariamente, a uma ancestralidade linear da posse, mas a um modo tradicional de uso que marca processos de territorialização” (VIEGAS, 2020, p. 15).

²⁵ O vídeo também está disponível em: https://youtu.be/_hu9Sb3yYKY.

As resistências sociais elaboram outras linguagens e narrativas frente à espoliação, em defesa de outros valores, como a terra, o território, os bens comuns e a natureza (SVAMPA, 2019, p. 12). Nesse sentido, Gonçalves e Milanez apontam que

[a]s resistências ao neoextrativismo cartografam existências que se afirmam no direito de viver nos distintos territórios e suas horizontalidades urdidas por densas histórias, identidades, memórias e diversidades ecológicas. São resistências que se movimentam e se encontram no campo da pluralidade de cores, saberes, línguas, imaginários e ideologias, mas, que se reconhecem nas lutas e defesas dos territórios comuns. (GONÇALVES, MILANEZ, 2019, p. 26).

Ressaltamos que essas alternativas ao pensamento único (SANTOS, 2001) constroem novas formas de sociabilidade, comunidades políticas e sentidos de pertencimento (LANG, 2016, p. 43). Isso porque as alternativas existem, mas necessitam de um contexto de diversidade. É a partir dessa uma nova forma de pensar que surgem as opções (SHIVA, 2003). A ideia de criação de algo novo coletivamente se alinha ao direito à cidade, proposto na obra de Henri Lefebvre (2001; 2016; 2019) como uma reivindicação política e uma demanda coletiva. A pesquisa se alinha ao autor francês nas suas percepções do espaço como um instrumento político e ideológico recheado de contradições (LEFEBVRE, 2016).

Os desafios enfrentados por quem está inserido em ambientes afetados pela mineração, de fato, são alarmantes e ainda bastante invisibilizados por parcela significativa da sociedade do nosso país. A pressão sofrida por pessoas, famílias e comunidades e os impactos causados em seus modos de vida e de existência trazem a necessidade de um olhar atento em direção à compreensão da violação de seus direitos, assim como das resistências ou existências construídas em cada território.

Um desses grupos que resistem e apresentam alternativas é o das mulheres. A ecologia política se preocupa historicamente com as relações norte-sul global, mas antes sem a preocupação com a questão de gênero. É a partir da aproximação com o ecofeminismo que a ecologia política passa a tratar das questões decoloniais com um olhar mais atento à situação das mulheres. Destaca-se que são as mulheres marginalizadas, como as indígenas, campesinas, negras, pobres, do campo e da cidade, lésbicas e trans que conduzem esse processo. Esse aspecto é importante, pois revela o caráter popular que essas lutas assumem, ligadas aos explorados e exploradas da sociedade.

Svampa (2019) aponta exemplos em que esse protagonismo feminino nas lutas territoriais se revela nos países latinos: na Argentina, com o movimento das Mães do Bairro Ituzaingó, em Córdoba, denunciando os impactos do glifosato na saúde e levando o caso à

justiça penal; no Chile, com as Mulheres de Zonas de Sacrifício em Resistência de Quintero-Puchuncaví, na cidade de Valparaíso; na Colômbia, com a resistência das mulheres diante da expansão da fronteira petrolífera. Com a feminização das lutas (SVAMPA, 2015), altera-se a forma como se observa o fenômeno das relações de poder, assimetrias, acesso a recursos e a noção que se tem de justiça.

Shiva (2003) apresenta outro exemplo da luta pela diversidade dos modos de vida, ocorrido em 10 de agosto de 1983, em Karnataka, na Índia. Trata-se de um dos primeiros protestos contra as monoculturas de árvores e que foi encabeçado por mulheres. Um grande grupo de camponesas e camponeses marcharam em massa e arrancaram milhões de mudas de eucalipto e plantaram sementes de tamarindo e manga em seu lugar. Vandana Shiva explica a importância dessa mobilização:

Esse ato de protesto, pelo qual foram presos, fala contra a destruição virtual e planejada dos sistemas de água e solo pelo cultivo de eucalipto. Também questiona a dominação da ciência florestal que reduziu todas as espécies a uma única (o eucalipto), todas as necessidades a uma única (a da indústria de polpa) e todo saber a um único (o do Banco Mundial e das autoridades florestais). (SHIVA, 2003, p. 74).

Essas iniciativas, presentes em diversos lugares do mundo, demandam uma nova forma de controle do espaço, com o reconhecimento do direito ao território e do poder de decidir questões afetas a ele. Como destaca Astrid Ulloa (2016), pesquisadora do Instituto Colombiano de Antropologia e História (ICAHN), essas propostas evidenciam críticas ao capitalismo neoliberal e ao patriarcado e se articulam com as críticas ao modelo de desenvolvimento econômico. A autora ressalta, inclusive, que essas lutas buscam o controle não só sobre a porção visível do território, mas também sobre o subsolo, considerando as ameaças extrativistas que marcam o nosso continente. Porto Gonçalves (2012) também aponta o deslocamento da luta pela terra para a luta pelo território. Por esse aspecto, que transcende a luta pela terra e alcança a defesa do território e dos modos de vida das populações e propõe alternativas, é que Astrid Ulloa se utiliza do termo feminismos territoriais.

Frente ao monopólio da existência homogeneizante, surge a defesa de outros modelos de vida. A mera existência de comunidades que se recusam a seguir esse “modelo pronto” se traduz em uma forma de resistência, oposição, defesa e afirmação de territórios. Arturo Escobar, antropólogo colombiano-americano, entende esse movimento como lutas ontológicas, que defendem a existência de diferentes modelos de vida, e não de apenas um só (ESCOBAR, 2019, p. 8). O autor demonstra que as lutas pelos territórios se convertem na luta pela defesa dos muitos mundos que habitam o planeta (ESCOBAR, 2015, p. 93).

No campo das lutas socioambientais, o foco na análise do território vem sendo chamado por alguns autores de giro ecoterritorial, que adota linguagens de valorização alternativas à territorialidade dominante. Além disso, o giro ecoterritorial é capaz de articular diversos atores, proporcionar o diálogo de saberes e disciplinas, valorizar saberes locais e elaborar um saber especializado e independente dos discursos hegemônicos (SVAMPA, 2019, p. 65).

4.1 Revisão da literatura

Para verificar o estado da arte sobre a minha pergunta de pesquisa sobre a resistência à mineração feita por mulheres, empreendi uma busca no Repositório da UFMG, que revelou que o Programa de Pós-Graduação em Direito, em que esta pesquisa se insere, conta somente com algumas dissertações que tratam dos impactos da mineração. São elas: *Entre a vila e a mina: violações de direitos em Itabira*, de Lucas Nasser Marques de Souza (2019); *A face devastadora da mineração: impactos da atividade mineradora sobre o direito laboral, as relações de trabalho e o meio-ambiente*, de Daniel de Faria Galvão (2020); *Watu Kuém: os Borum do médio rio Doce, o evento crítico de Mariana e o encontro pragmático com o Direito*, de João Vitor de Freitas Moreira (2020); *Solução de conflitos em ambientes dominados por litigantes habituais e os acordos individuais via Defensoria Pública em Brumadinho*, de Leandro Coelho de Carvalho (2021).

Essas dissertações perpassam por questões de resistências e mobilizações sociais, ainda que sem uma perspectiva de gênero. Não foi encontrada nenhuma tese sobre mineração.

A busca pelos termos “resistência” e “mineração” em alguns periódicos reconhecidos do Direito demonstrou o seguinte cenário: *Revista Direito GV*, *Revista de Estudos Empíricos em Direito* (REED), *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais* (FDV), *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*, *Revista de Direito da Cidade* (UERJ), *Revista Direito, Estado e Sociedade* (PUC Rio), *Revista da Faculdade de Direito da USP* e *Revista Jurídica da Presidência* não contam com nenhum artigo sobre a temática.

Por sua vez, a *Revista Veredas do Direito*, da Escola Superior Dom Helder Câmara, voltada para Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, trouxe resultados a essa busca. Foram encontrados 5 artigos. Desses, três trabalhos realizaram uma pesquisa de cunho bibliográfico, com base em teorias. Os outros dois artigos, frutos de investigações empíricas e dados primários são: *Movimentos sociais frente às grandes mineradoras no Brasil*, de

Antonio José de Mattos Neto e Romário Edson da Silva Rebelo (2018); e *Mínimo existencial constitucional e vulnerabilidade socioambiental no âmbito dos deslocamentos compulsórios*, de Delmo Mattos da Silva e Saile Azevedo da Cruz (2019). Nenhum deles analisa a categoria de gênero.

Por fim, uma busca no *Cadernos Pagu* revelou o artigo *Gênero nas ações e resistências ao modelo de desenvolvimento imposto em Barcarena, Pará*, de Rosa Acevedo Marin e Rosane de Oliveira Martins Maia (2018). É o único que se aproxima da perspectiva proposta nesta pesquisa. As autoras abordam estratégias de resistência ao modelo de desenvolvimento imposto, relatam as alterações aos modos de vida da população e insistem em focar na experiência das mulheres.

Portanto, constatamos que, ainda, são poucas as pesquisas no âmbito do Direito que tratam de forma empírica das resistências à mineração. Entretanto, a Serra do Gandarela, que faz parte do cenário de realização desta pesquisa, conta com diversos trabalhos em outras áreas de conhecimento, os quais, em grande parte, foram referenciados nesta dissertação. Além disso, são diversas as referências latino-americanas no âmbito da ecologia política e do ecofeminismo que abordam a problemática do gênero relacionada à resistência aos diversos extrativismos. Essas autoras foram as que serviram para dar a maior sustentação teórica a esse trabalho, em uma visão profundamente interdisciplinar. Isso porque as diversas disciplinas fornecem ferramentas para responder problemas da pesquisa empírica em Direito (GUSTIN; DIAS; NICÁCIO, 2020, p. 77)

Sustentamos que existe um campo ainda inexplorado no Direito que trate de gênero combinado a resistências à mineração. Daniel Viegas defende, em sua tese,²⁶ que, “para o aprimoramento das práticas de pesquisa na ciência jurídica, é necessário apontar sua insuficiência diante de fenômenos que circunstanciam as formas de resistência cotidianas” (VIEGAS, 2020, p. 185). Tendo em vista ser o estado de Minas aquele com maior histórico de exploração causada pela atividade, a nossa intenção é que este trabalho contribua para as práticas de pesquisa em Direito sobre as formas de resistências cotidianas e inspire outras pesquisadoras – principalmente de regiões afetadas pela mineração – a aprimorarem esse campo.

²⁶ A tese, intitulada *Território e direito territorial: resistência para além do direito à moradia dos acabamundenses*, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG e pode ser acessada em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/37742/10/Tese_Daniel_P_Viegas_vers%c3%a3o_final%2024.08.2021.pdf.

5 TERRITÓRIO EM DIÁLOGO

Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

(ADICHIE, 2009)

Figura 12 - Placa na entrada da comunidade



Fonte: arquivo da autora

Foi por perceber que não existe somente uma história sobre nenhum lugar, que me dei conta da responsabilidade que é contar a história de um lugar. Em geral, as regiões afetadas pela mineração são retratadas por pesquisas ou pela mídia como lugares de ausências. Como lugares completamente dominados pela atividade minerária. Como espaços em que as pessoas não propõem alternativas e estão fadadas a um certo destino. Em contraponto a esses pensamentos hegemônicos, pretendo apresentar neste capítulo um pouco da comunidade de André do Mato Dentro, contada a partir do que existe e de quem resiste nesse espaço. Mais que a opressão, falo da resistência, e mais do que as ausências, falo das presenças e das construções de alternativas.

O capítulo se inicia com uma citação que aponta que a interpretação dos lugares vai depender de quem conta aquela história. É necessário amplificar narrativas alternativas sobre os lugares. Para isso, a apresentação que faço de André do Mato Dentro considera a sua localização em uma região ameaçada pela mineração, mas também reconhece que diversas pessoas lutam pela preservação de sua riqueza cultural, histórica, turística, natural e social.

5.1 Conceito de território

Conforme pontua o geógrafo brasileiro Carlos Walter Porto-Gonçalves, desde a década de 1970, conformou-se um debate teórico-político em torno do conceito de território, territorialidades e territorialização (PORTO-GONÇALVES, 2012). Alguns dos instrumentos que reconheceram os direitos ao território de povos originários, camponeses e afro-americanos que conformam outros modos de apropriação do espaço foram a Declaração de Barbados (1971), a Convenção 169 da OIT (1989) e a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas da ONU (2007).

Antes desses instrumentos e das mobilizações sociais, a compreensão hegemônica era a de “território como a base física de exercício da soberania do estado, tal como consagrado no direito internacional e sua ciência jurídica e política” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34).

Entretanto, nesta dissertação, concebemos o território para além das dimensões físicas, materiais em que os seres humanos constroem a sua vida. O território é entendido como o processo de apropriação e controle do espaço geográfico com seus recursos e suas gentes, revelando as tensas relações de poder que lhes são constitutivas (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34). Os atributos naturais são vistos para além de sua objetividade e consideram-se também os sentidos atribuídos a eles, que não são os mesmos para todas as pessoas. Os elementos de uma paisagem, por exemplo, serão captados de forma diferenciada, a depender de quem está olhando para ela. E, por isso, defendemos que os atributos naturais têm uma dimensão muito relevante que se demonstra a partir das relações que os seres – não somente os humanos – têm com essa natureza. O território é, portanto, o espaço biofísico e epistêmico no qual a vida age de acordo com uma ontologia particular (ESCOBAR, 2015, p. 98).

Assim, compreendemos o território não como a base material em que um estado exercer seu poder, mas sim como um processo de apropriação – e também de expropriação – e controle do espaço geográfico, incluindo seus recursos e pessoas (PORTO-GONÇALVES,

2012). Além disso, consideramos que “não há apropriação material que não seja ao mesmo tempo simbólica, o processo de apropriação da natureza é acompanhado, ao mesmo tempo, por uma tensa e intensa luta pelos sentidos a ela atribuídos” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34).

Com isso, nota-se que, para além das características biológicas, geológicas e geomorfológicas, “o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem” (SANTOS, 2000, 47). Em realidade, “o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (Ibidem).

Essa noção de território foi atualizada a partir da ecologia política desenvolvida na América Latina e baseada nas lutas que o continente trava desde os tempos coloniais. Por esse viés, o território é analisado no tempo presente, mas sem deixar de lado a história que acompanha as suas transformações. Se, no passado, os europeus invasores compreendiam a América Latina como espaço vazio, sem conhecimento, com pessoas que nem chegavam à categoria de seres humanos, é hora de entender que os nossos territórios eram muito mais que recursos naturais a serem expropriados ou fonte de mão de obra barata. Desde a chegada dos primeiros povos nas Américas, diversos conhecimentos foram desenvolvidos por eles, e isso alterou o ambiente que aqui existia.

Mas enquanto as alterações promovidas pelos povos originários ocorreram em um sentido harmonioso com a natureza, a invasão europeia instaurou – não sem resistências – uma outra lógica de relação com o meio ambiente. Teve início um processo de separação dos povos e etnias de suas condições materiais de existência e de suas condições comunitárias de modo de vida e produção (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 35).

Esse processo homogeneizante era excludente de tudo aquilo que não se enquadrava aos padrões europeus. Apesar do fim da colonização, essa epistemologia colonial seguiu e segue até os dias de hoje. As disputas pelo sentido do território, a suposta vocação mineira do estado de Minas Gerais e a lida com a natureza obedecem ainda a essa lógica do monopólio da existência.

Esta pesquisa buscou dialogar com um dos territórios mineiros que estão em disputa. A fim de caracterizá-lo, é necessário empreender um movimento que parte da descrição geral para a específica. Para tanto, esta seção apresentará primeiro o contexto do Quadrilátero

Ferrífero-Aquífero (QFA)²⁷, seguido pelas características da Serra do Gandarela, pela história do município de Santa Bárbara, e, por último, pelos aspectos do subdistrito de André do Mato Dentro.

5.2 Quadrilátero Ferrífero-Aquífero

O Quadrilátero Ferrífero-Aquífero (QFA) é uma das regiões que mais produzem minério de ferro no mundo, responsável por 50% de toda a produção nacional. A região conta com 7 mil quilômetros quadrados e abrange, entre outros, os municípios de Caeté, Itabira, Itaúna, João Monlevade, Mariana, Ouro Preto, Rio Piracicaba, Sabará e Santa Bárbara. A geóloga Úrsula Ruchkys produziu diversos artigos acadêmicos defendendo que o Quadrilátero Ferrífero se constitua em um geoparque, um título concedido pela Unesco. Geoparque é um território com limites bem definidos e com a presença de significativo patrimônio geológico, além de valores ecológicos, arqueológicos, históricos e culturais. Esse título de geoparque pode contribuir para a geoconservação, o geoturismo, a educação e a popularização da ciência sem ferir os direitos legais de outros tipos de uso ou atividades econômicas.

Na região nordeste do QFA se localiza a Serra do Gandarela. Conforme se observa no mapa abaixo, a Serra do Gandarela está situada entre a Serra da Piedade e a Serra do Caraça, possuindo alto grau de conservação, belezas naturais, alta biodiversidade, riqueza paisagística e inúmeras nascentes, divididas em duas importantes bacias hidrográficas: Rio das Velhas/São Francisco e Bacia do Rio Piracicaba/Doce. Para além da quantidade de água, destaca-se a sua qualidade, que se enquadra nas categorias Classe Especial ou Classe 1 (LAMOUNIER; CARVALHO; SALGADO, 2011), protegidas pela Resolução Federal 357/05, do CONAMA/MMA.

²⁷ O Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM) e o projeto Manuelzão, da UFMG, têm chamado a atenção para o fato de que, além de abundante em ferro, o Quadrilátero é também uma reserva hídrica que contribui para o abastecimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. “A Serra do Gandarela e seu entorno representam não apenas um magnífico reduto hidro-ambiental, mas também uma raridade brasileira” (MOVSAM, 2018). Trabalhos acadêmicos também ressaltam que a região do Gandarela constitui uma das maiores reservas hídricas subterrâneas do Quadrilátero Ferrífero (DAVIS, 2005 *apud* LAMOUNIER; CARVALHO; SALGADO, 2011).

Figura 13 - Cachoeira do Raio



Fonte: arquivo da autora.

Figura 14 - Placa indicando a presença de onças



Fonte: arquivo da autora.

Na Serra do Gandarela existem mais de 100 cavidades naturais. Uma delas, a 1500 metros de altitude, é uma paleotoca, ou seja, uma estrutura escavada por animais e que foi utilizada como abrigo. As suas características indicam que foi utilizada por animais da megafauna que viveram na Terra há milhões de anos, e estão extintos há cerca de 10 mil anos. Suspeita-se que tenham sido as preguiças terrestres gigantes de dois dedos as responsáveis pela toca. Essa paleotoca tem 340 metros de comprimento e é a maior conhecida até hoje (RUCHKYS *et al.*, 2014).

Alguns vídeos foram produzidos para explicar a relevância dessas cavidades e, em especial, da paleotoca, e eles podem ser acessados por meio dos *QR Codes* abaixo:²⁸



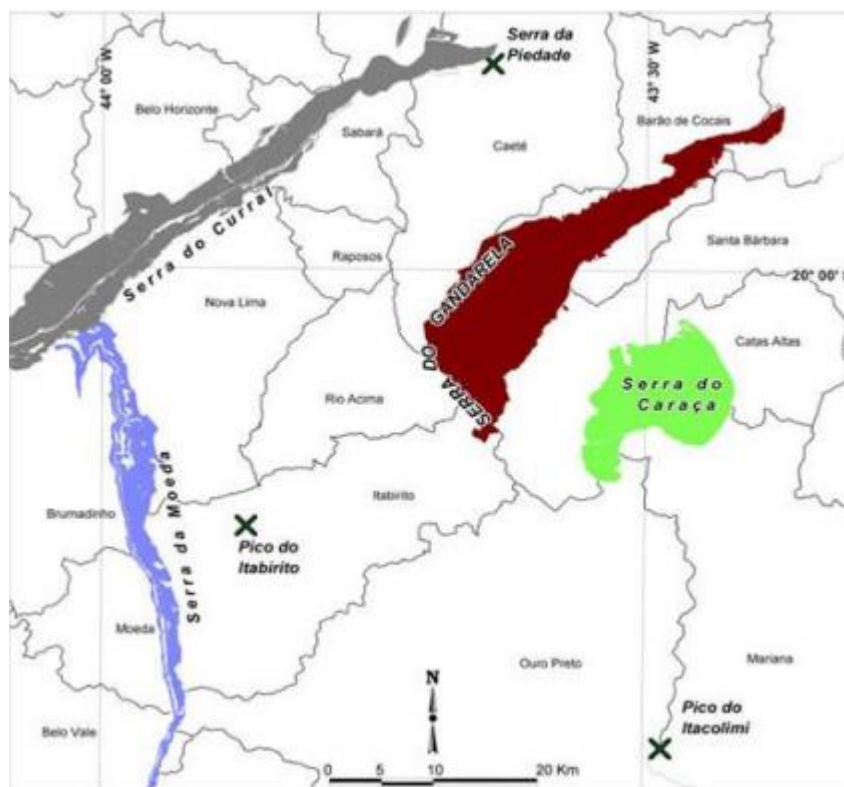
Na região do Gandarela estão as últimas áreas bem conservadas de cangas, que são um tipo de solo onde há plantas que não existem em nenhum outro local. As cangas são muito importantes também para alimentar as nascentes de água, porque a água da chuva que cai nelas escoar bem devagar para dentro das rochas, formando os “aquíferos”, que mantêm os rios mesmo na estação seca. Cerca de 40% das cangas preservadas do Quadrilátero estão na região do Gandarela (ICMBio, 2010).

Levando em conta todo seu acervo geológico, geomorfológico, paleontológico, pedológico, hidrológico, o QFA é considerado uma região de rica geodiversidade (RUCHKYS *et al.*, 2014).

Quanto ao bioma, a região do Gandarela é o último fragmento significativo de áreas naturais em bom estado de conservação dentro do Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, contendo importantes remanescentes de Mata Atlântica semidecídua, de vegetação de campos rupestres sobre canga e sobre quartzito, em transição com formações do Cerrado (BRASIL, 2010).

²⁸ Os vídeos também estão disponíveis em: <https://youtu.be/ntv0zbyJLuY> e <https://youtu.be/G25ljAi5sWU>.

Figura 15 - Localização da Serra do Gandarela no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero



Fonte: ROJAS, 2014.

A região do Gandarela possui grande importância econômica por concentrar depósitos de ferro bem como depósitos de ouro, ocre limonita, bauxita, brita, calcário e urânio (RUCHKYS, 2007). A ocorrência de minerais metálicos condicionou a ocupação da região, que, desde o final do século XVII e início do século XVIII, esteve relacionada à exploração mineral (AGUILAR *et al.*, 2012).

Essa exploração de minérios na região legou um importante patrimônio histórico e cultural. A Serra foi um caminho de convergência e ligação entre Santa Bárbara e Ouro Preto (ROJAS, 2014). Conforme aponta Alfredo Costa (2012), a exploração aurífera durante o Ciclo do Ouro não teve a mesma intensidade que em outras regiões, como Mariana, Ouro Preto ou São João del-Rei. Entretanto, o trânsito pelos caminhos da mineração fomentou o surgimento de povoados, que serviram tanto como base para os garimpeiros como locais produtores de insumos para a atividade mineradora.

Muitos povoados nasceram na Serra do Gandarela a partir da exploração mineral, como Santa Bárbara, Caeté, Raposos, Barão de Cocais e Rio Acima.

Santa Bárbara tem uma população estimada em 31.604 pessoas (IBGE, 2020). No último censo realizado pelo IBGE, em 2010, a população era de 27.876 pessoas. Quanto à sua

organização territorial, o município possui quatro distritos: Barra Feliz, Brumal, Florália e Conceição do Rio Acima, bem como os subdistritos de André do Mato Dentro e Cruz dos Peixotos. As origens de Santa Bárbara remontam ao período da exploração do ouro em Minas Gerais, no início do século XVIII. Em 4 de dezembro de 1704, foi estabelecida como "Arraial de Santo Antônio do Ribeirão Santa Bárbara" por um bandeirante paulista que ali encontrou ouro de aluvião e veios de pedras preciosas. O povoamento da região de Santa Bárbara teve início por volta de 1713, ano em que foi iniciada a obra da Igreja Matriz de Santo Antônio, conhecida pelas pinturas de Mestre Ataíde em estilo barroco mineiro (PREFEITURA DE SANTA BÁRBARA, 2021).

Figura 16 - Igreja Matriz de Santo Antônio



Fonte: PREFEITURA DE SANTA BÁRBARA (2021).²⁹

Apesar de estar inserida no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, a Serra do Gandarela ainda se encontra em condições ambientais de notável conservação, com pouca ou quase nenhuma atividade antrópica (MARENT; LAMOUNIER; GONTIJO, 2011). Isso porque as atividades econômicas desenvolvidas pelos moradores são de pequeno impacto sobre a natureza, tais como: agricultura familiar, apicultura, manejo de candeia, extrativismo de musgo, folhas de areca e brotos de samambaia (ROJAS, 2015, p. 75). Acerca da apicultura, “é uma atividade que não degrada, muito pelo contrário, ela precisa das espécies nativas, da

²⁹ O autor da foto não foi identificado. A imagem foi retirada do sítio eletrônico da Prefeitura de Santa Bárbara. Disponível em: <https://www.santabarbara.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/matriz-de-santo-antonio/6550>.

floração e tudo para que ela se mantenha. Você vê que o Francisco cresceu, criou a família dele toda, com as abelhas” (informação verbal de Janise).

5.3 Dos avanços do capital

De modo diametralmente oposto ao modo de vida tradicional dos moradores da região, a empresa Vale S.A., desde 2008, tem mostrado interesse na implantação e na expansão de três projetos minerários na Serra do Gandarela. Apresentaremos aqui os três empreendimentos projetados pela Vale S.A. para a região. Em primeiro lugar, há o projeto Apolo, com uma produção estimada em 24 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, o que tornaria essa a maior mina da Vale S.A. em Minas Gerais e o segundo maior empreendimento da mineradora no Brasil, depois de Carajás, no Pará.

O projeto foi suspenso em 2012 para aguardar os trâmites da criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela. Apesar da posterior proteção da área em razão do parque, áreas ricas em minérios foram excluídas da unidade de conservação. Em agosto de 2021, a Vale apresentou novo pedido de licença prévia à comunidade, do mesmo projeto Apolo, dessa vez com uma nova roupagem e com o sobrenome “Umidade Natural”.

Em reunião ocorrida em 24 de agosto de 2021, os moradores apontaram suas preocupações quanto à disponibilidade e qualidade hídrica na região após a instalação do empreendimento. O representante da Vale S.A., engenheiro da empresa, afirmou não estar habilitado para prestar maiores informações sobre o tema, e ficou acordado que, para a reunião seguinte, a empresa levaria um hidrogeólogo apto a discutir a questão hídrica. Até a data de escrita desta dissertação, não foi realizada nova reunião ou audiência pública sobre o projeto. Nas palavras de Teca:

Nós vivemos num estado sem lei. É como se fosse o faroeste, nada contra o faroeste. Mas tô falando, a ilegalidade tá posta. Permanentemente, diariamente, e tudo funciona apesar de estar comprovada a ilegalidade. É isso que estamos vivendo hoje. Assustador? É. Em relação a Apolo, é isso. (Informação verbal).³⁰

³⁰ A fim de valorizar as falas as quatro mulheres com as quais realizei esta pesquisa, optei por reproduzir suas falas com o mesmo padrão do restante do texto, ou seja, fonte 12, espaçamento 1.5. Essa opção política, que não segue as regras da ABNT, será explicada com maior profundidade no tópico que trata das decisões metodológicas. Ainda assim, mantive o recuo de 4cm usado para citações, para destacar que essas vozes não são minhas.

O segundo projeto minerário na região é de investimentos na mina de Capanema para reativação das instalações e aquisições de novos equipamentos. As licenças para a execução do projeto foram cedidas em dezembro de 2020, e o empreendimento tem início previsto para o segundo semestre de 2023, com uma capacidade de 18 milhões de toneladas de ferro por ano (VALE, 2020).

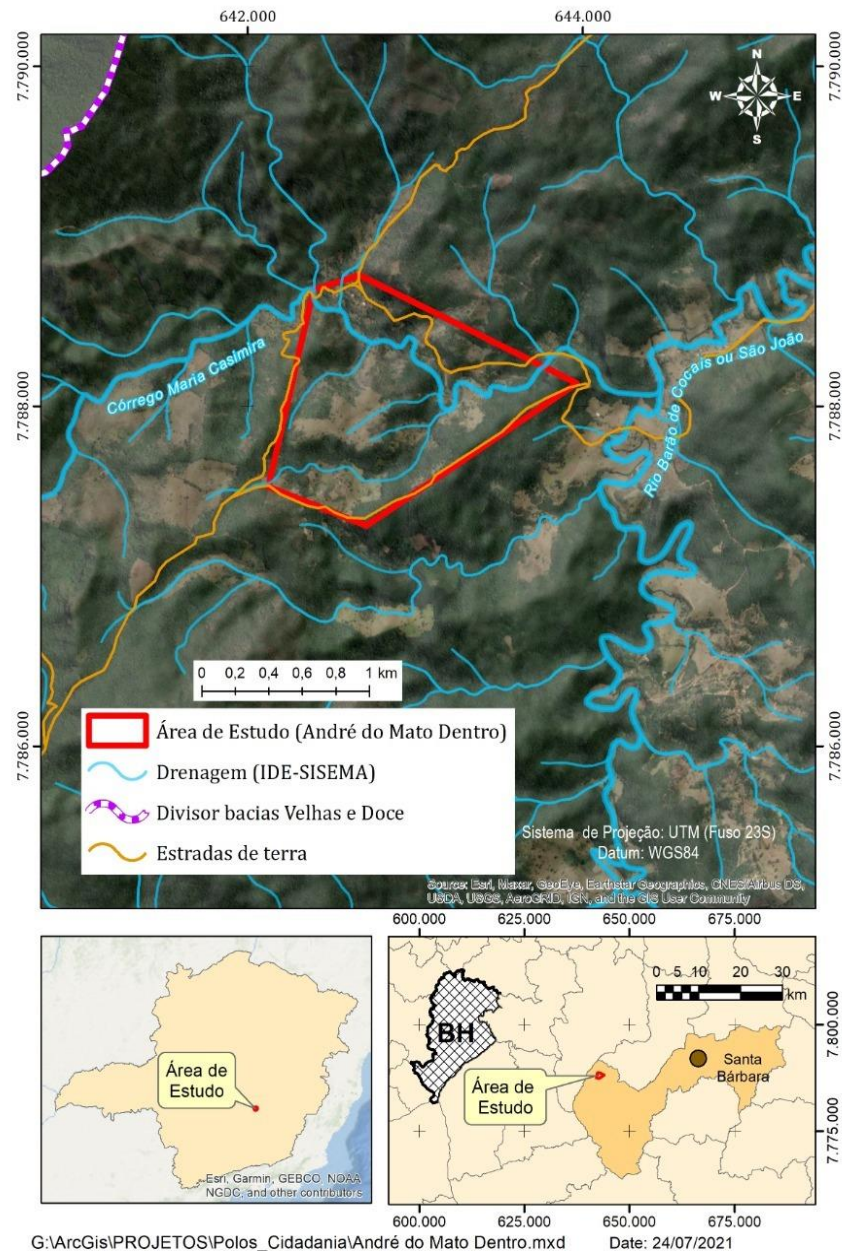
O terceiro projeto é o de ampliação da mina Baú, que a Vale S.A. arrenda para a empresa MR Mineração Ltda., mediante contrato que se encerra em 2027. Em novembro de 2019, a MR conseguiu as licenças para expansão da mina, que, quando finalizada, proporcionará a produção de 4,5 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, o que representa uma expansão em 15 vezes da capacidade atual.

Conforme se observa, a região do Gandarela vivencia um avanço da atividade minerária em seus territórios, em razão da grande disponibilidade de minério de ferro. O projeto da mina Apolo é o de maior porte e, conseqüentemente, o que traz consigo maior risco socioambiental às comunidades de seu entorno. André do Mato Dentro localiza-se a poucos quilômetros da área em que se planeja instaurar a cava da mina, aos pés da Serra do Gandarela, conforme se depreende dos mapas abaixo.

Morro Vermelho é outra comunidade que seria afetada com a execução do projeto Apolo. Teca explicou um pouco dos impactos previstos:

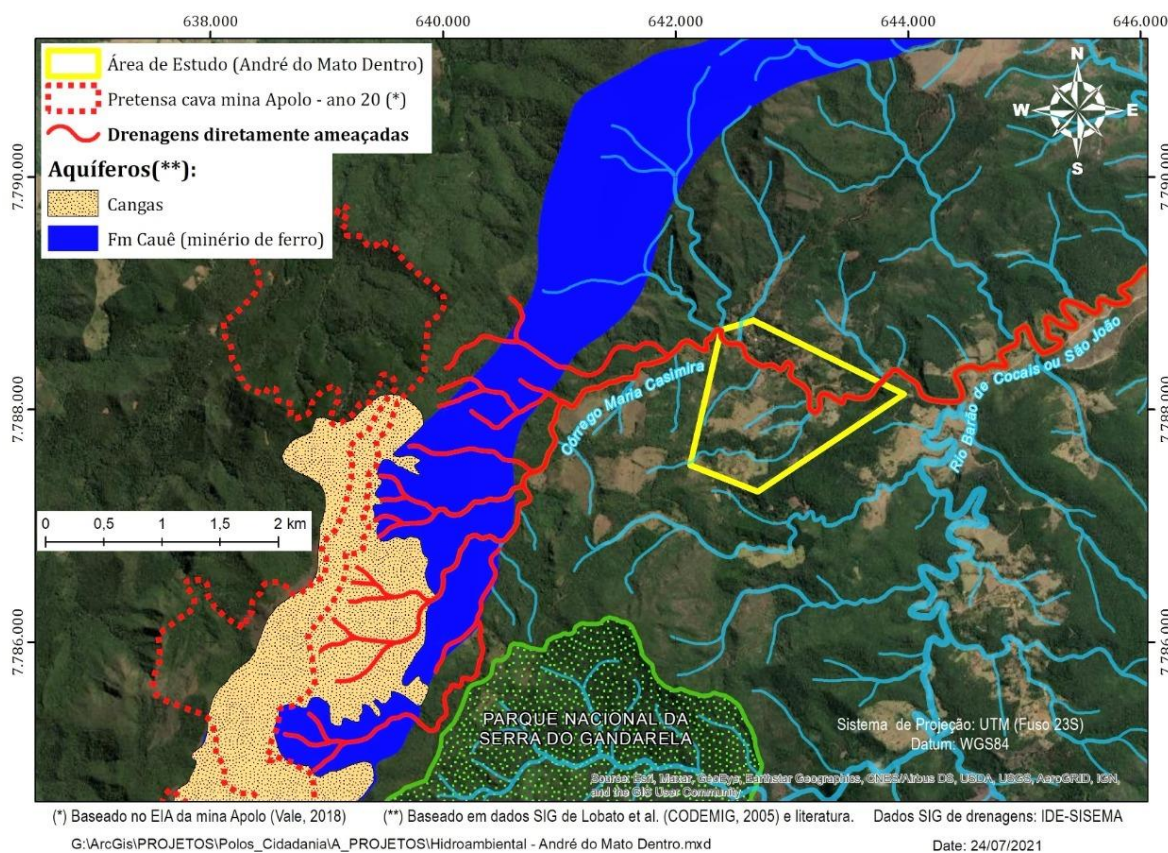
Todos os projetos Apolo são loucura. Cada um com suas vertentes. Essa vertente agora, essa estrada aí, passar por dentro de Raposos para chegar aqui [em Morro Vermelho]. Imagina? Tá vendo aqui essa calma? Como é que é tranquilo? Aqui já tem muita poeira. Naturalmente, por causa dos ventos e tal. Os particulados que tá previsto, imagina o vento lá em cima daquela pilha, vindo tudo? (Informação verbal).

Figura 17 - Mapa de Articulação da Área de Estudo



Fonte: Elaborado por Paulo César Horta Rodrigues (2021), especialmente para a realização desta pesquisa de mestrado.

Figura 18 - Mapa de contexto geoambiental



Fonte: Elaborado por Paulo César Horta Rodrigues (2021), especialmente para a realização desta pesquisa de mestrado.

Apesar do uso coloquial do azul na cartografia para retratar águas superficiais, como rios ou córregos, a área a cor azul nesses mapas se refere à água subterrânea ou, em outros termos, ao aquífero, que tem alta capacidade de armazenamento e de transmissão de água. Por razões geológicas, o aquífero depende da Serra para existir.

Existe uma coincidência entre as áreas com maior concentração de ferro do QFA – no alto da Serra – e as áreas que configuram os maiores reservatórios naturais de acumulação, proteção e circulação de água. Por essa razão, opta-se em utilizar sempre a referência a Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, que ressalta não só seu valor quanto à *commodity* que abriga, mas também do bem da vida mais essencial que possui em abundância. Ressalte-se que essa água é fundamental para o abastecimento da capital do estado, que forma a terceira maior região metropolitana do país (MOVSAM, 2018). A expropriação da água e de outras condições naturais da existência dos moradores da Região Metropolitana de Belo Horizonte é uma das condições para a dominação (PORTO-GONÇALVES, 2012) dessas populações mais vulneráveis.

Como se pode perceber pelo mapa, a comunidade de André do Mato Dentro seria diretamente afetada com a eventual execução do projeto da Mina Apolo, tanto socialmente quanto no que tange à sua potência hídrica, entre outros impactos ambientais. Em André do Mato Dentro, existe um conflito socioambiental, considerando que figuram interesses divergentes sobre o uso desse território. Um desses interesses é o minerário, que atende à agenda neoliberal do atual estágio capitalista, e o outro é de manutenção e conservação do território como ele existe atualmente. Ambos os interesses, apesar de incompatíveis, são validados pela legislação, e a luta se dá pelo poder de definir qual dos usos será exercido (COELHO-DE-SOUZA, 2013).

Chama a atenção o fato de que, no discurso oficial, as mineradoras são apresentadas como salvadoras dos lugares e são apontadas como credoras de reconhecimento pelos seus aportes de emprego e modernidade. Como consequência, é estabelecida a crença de sua indispensabilidade, fator que alimenta uma “guerra” pela presença da mineração nesses lugares e, em muitos casos, que respalda a atitude de chantagem das empresas frente ao Poder Público, ameaçando ir embora quando não atendidas em seus reclamos (SANTOS, 2000, p. 34).

5.4 Criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela

Desde 2007, a comunidade de André do Mato Dentro passou a se mobilizar contra as pretensões mineradoras da Vale S.A. na região, por meio da Associação Comunitária Rural de André do Mato Dentro e Arredores (Acramda). A associação contou, desde o início, com o apoio da comunidade de Caeté, principalmente com os membros do Movimento Artístico, Cultural e Ambiental de Caeté (Macaca), criado em 2004.

Em 2009, um encontro proposto pelo Projeto Manuelzão,³¹ da UFMG, pelo Instituto Guaicuy³² e pelo Movimento Contra a Barragem de Raposos reuniu essas organizações para uma ação integrada em defesa da Serra. Essa ação coordenada deu origem, oficialmente, ao

³¹ O Projeto Manuelzão é um projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, criado em 1997 por professores da Faculdade de Medicina. O seu objetivo é lutar por melhorias nas condições ambientais para promover qualidade de vida, rompendo com a prática predominantemente assistencialista. O foco do trabalho é a revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas, o maior afluente do rio São Francisco. Atualmente suas atividades abrangem a questão hídrica em diversos locais. Maiores informações sobre o projeto estão disponíveis em: <https://manuelzao.ufmg.br/>.

³² Criado no ano 2000 por pesquisadores, professores e ativistas sociais que atuavam no projeto Manuelzão (UFMG), o Instituto Guaicuy é uma entidade não governamental associativa, cultural e técnico-científica sem fins lucrativos. Seu trabalho é desenvolver ações socioambientais, culturais e educativas voltadas para a preservação e recuperação ambiental, à promoção da saúde e à cidadania. Outras informações disponíveis em: <https://guaicuy.org.br/>.

Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela,³³ com a participação da Arca Amaserra,³⁴ do Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM),³⁵ do Movimento Artístico, Cultural e Ambiental de Caeté (Macaca),³⁶ do Instituto de Estudos Pró-Cidadania (Pró-Città),³⁷ do Conlutas,³⁸ da Associação Comunitária Rural de André do Mato Dentro e arredores (Acramda),³⁹ do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Bárbara,⁴⁰ do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água de Minas Gerais (Sindágua)⁴¹ e do Condomínio Cachoeiras do Tangará.⁴²

Além de ações de conscientização, atos políticos, eventos acadêmicos e popularização da importância da Serra do Gandarela, o Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela submeteu ao ICMBio proposta de criação de um parque nacional na área. Conforme divulgado em sua página oficial em uma rede social, o movimento apontou que:

Uns trouxeram a vivência calejada e atenta às manhas dos licenciamentos minerários, outros a larga experiência de divulgação e mobilização. Uns trouxeram sua fé, garra, e sabedoria e outros o conhecimento profundo da região. O Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela cresce ininterruptamente e várias outras entidades e pessoas estão continuamente se agregando a ele; suas ações e sua visibilidade se ampliam a cada dia, com repercussões na mídia regional e nacional. Hoje pode-se dizer que o Movimento e sua luta pela criação do Parque Nacional e da Reserva de Desenvolvimento Sustentável solicitada pelas comunidades do entorno, tornaram-se símbolos do desejo dos cidadãos de se criar uma nova mentalidade e

³³ O site do movimento conta com textos, imagens, mapas e artigos sobre a Serra do Gandarela. Disponível em: <https://aguasdogandarela.org.br/>

³⁴ A Associação para a Recuperação e Conservação Ambiental - ARCA AMASERRA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que iniciou seus trabalhos em 2007 com a missão de contribuir para o desenvolvimento humano por meio da preservação, conservação e recuperação ambiental e cultural das serras da Moeda, Curral, Gandarela e entorno. Outras informações sobre a organização: <https://www.amaserra.org/>

³⁵ O MovSAM é um movimento socioambiental fundado em 2008 que atua contra a destruição e as ameaças às águas (superficiais e subterrâneas) e às serras de Minas Gerais. Informações sobre o MovSAM estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/movimentopelasserraseaguasdeminas/>.

³⁶ O Macaca foi criado em 1999 por pessoas que atuavam de forma individual ou em grupos informais em Caeté. Seu objetivo é atuar em demandas nos setores ambiental, artístico e cultural. Informações sobre o projeto disponíveis em: <http://macacaete.blogspot.com/>.

³⁷ O Pró-città é uma organização não governamental sediada em Nova Lima/MG e fundada em 1993. O Instituto busca promover o desenvolvimento socioambiental sustentável por meio de assessoria, capacitação e ações colaborativas. Informações disponíveis em: <https://procitta.org/>

³⁸ A Coordenação Nacional de Lutas é uma central sindical fundada em 2010 por dissidentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

³⁹ Entre outras atividades, a associação chegou a demandar ao ICMBio a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável na região do Gandarela. Glorinha, uma das mulheres com quem conversamos nesta pesquisa, faz parte da associação. Ela será apresentada no capítulo seguinte

⁴⁰ O sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Bárbara e Catas Altas foi fundado em 1972 e tem como objetivo defender os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

⁴¹ O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviços de Esgotos do Estado de Minas Gerais foi registrado em 1980 e atua na defesa dos direitos da categoria. Informações disponíveis em: <https://www.sindagua.com.br/>.

⁴² O condomínio fica no município de Rio Acima/MG, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

uma nova prática na relação dos seres humanos com a natureza que nos cerca, rumo ao Desenvolvimento Sustentável. (MOVIMENTO PELA PRESERVAÇÃO DA SERRA DO GANDARELA, 2022).

Felipe Motta, pesquisador da área de Ciência Política, na UFMG, debruçou-se sobre os conflitos ambientais e o debate público no caso da Serra da Gandarela. O autor relata que o grupo que se mobilizou pela defesa da serra se reunia quase semanalmente e adotou uma série de ações que deram projeção pública ao problema do projeto de mineração Apolo (MOTTA, 2019). Dentre as atividades, ele menciona um abaixo-assinado contra o projeto minerador, colhendo assinaturas em vias públicas das cidades, manifestações nas ruas de Caeté e Belo Horizonte, apresentação de palestras em escolas e empresas e a publicação de artigos em jornais (MOTTA, 2019, p. 7). O grupo conseguiu a assinatura de 25 entidades de Minas Gerais.

A respeito desse processo, Teca conta que

[...] a questão da Mina Apolo para a Vale é gigantesco, sempre foi prioritário e esse bando de sonhadores que nós somos, e todos, a gente veio sendo uma pedra do sapato. A gente muitas vezes fala isso uns para os outros para a gente ter uma noção de como vale a pena a gente sonhar o impossível. Porque, se não tivéssemos sonhado o impossível, cada um do seu jeito e se juntando e tal, essa mina, isso aqui já tava tudo estraçalhado. Então é isso que nos move para continuar. (Informação verbal).

Em 2009, foi produzido um documentário para alertar sobre os impactos do projeto Apolo na comunidade de André do Mato Dentro. *Os Pêssegos da Cornicha*, do diretor Pedro de Filippis, pode ser acessado por meio do seguinte⁴³ QR Code:



⁴³ O vídeo também está disponível em: <https://youtu.be/zIFY33UP6MQ>.

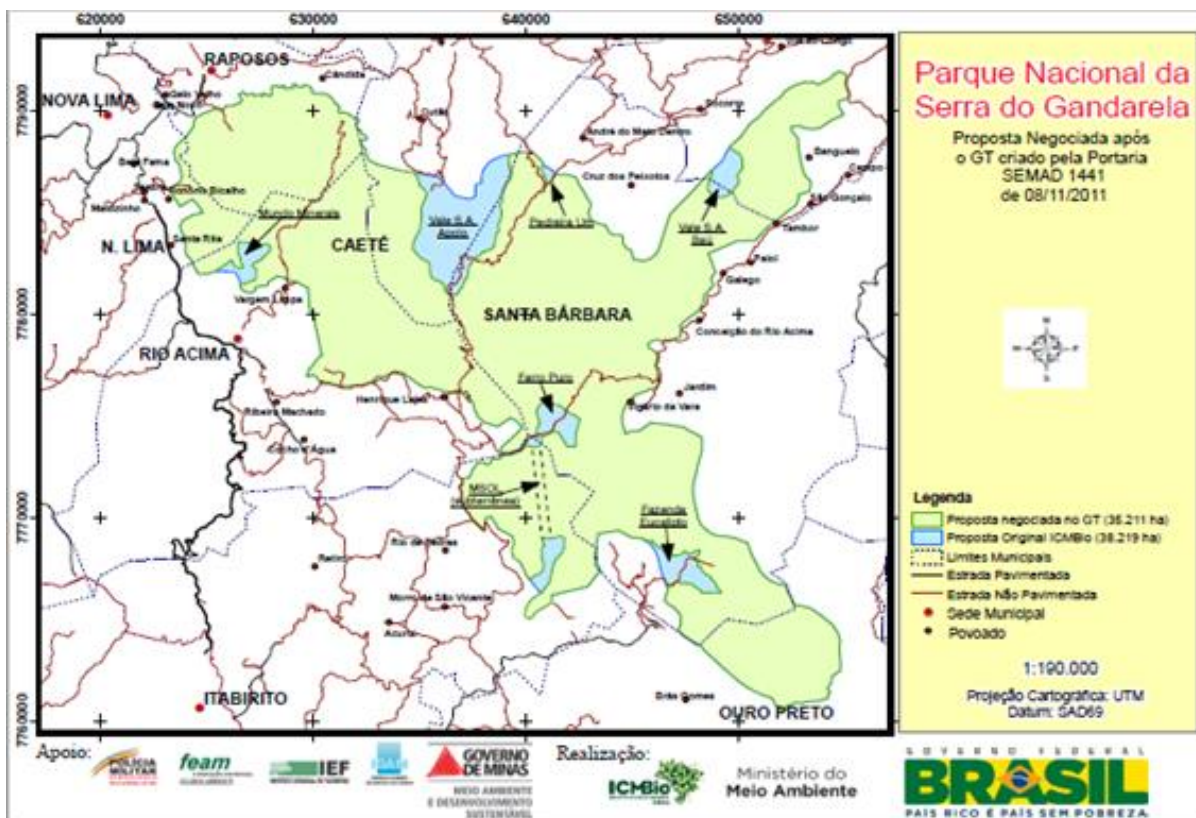
A dissertação⁴⁴ de Wanderson Lamounier (2009), na Geografia, é citada por praticamente todas as pesquisas sobre a região do Gandarela. O pesquisador empreendeu uma análise ambiental do patrimônio natural da Serra do Gandarela para subsidiar a criação de Unidades de Conservação (UC) no Quadrilátero Ferrífero. Conforme dispõe a Lei n. 9.985/2000 (Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC), uma UC é um espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

As unidades de conservação podem ser de proteção integral ou de uso sustentável. Um parque nacional se classifica na primeira categoria e tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Por essa razão, parques nacionais são de posse e domínio públicos, e as áreas particulares que estejam incluídas nos seus limites devem ser desapropriadas.

Os resultados da pesquisa de Lamounier foram apropriados por projetos acadêmicos e movimentos sociais para constituir o Parque Nacional da Serra do Gandarela, criado por Decreto Presidencial, de 13 de outubro de 2014. O decreto tem como objetivo garantir a preservação de amostras do patrimônio biológico, geológico, espeleológico e hidrológico associado às formações de canga do Quadrilátero Ferrífero, incluindo os campos rupestres e os remanescentes de floresta semidecidual, as áreas de recarga de aquíferos e o conjunto cênico constituído por serras, platôs, vegetação natural, rios e cachoeiras. Contudo, os limites do parque foram alterados em relação à proposta original, conforme pode ser observado no mapa abaixo.

⁴⁴ O trabalho não foi encontrado na íntegra na internet, apesar de diversos autores fazerem menção a ele. O título da dissertação é *Patrimônio natural da Serra do Gandarela e seu entorno: análise ambiental como subsídio para a criação de unidades de conservação no Quadrilátero Ferrífero* e ela foi defendida no Instituto de Geociências da UFMG. Fazemos referência, entretanto, ao artigo escrito por Lamounier em coautoria, já que estava disponível na internet e foi elaborado a partir de sua dissertação, segundo indicação no texto.

Figura 19 - Proposta do Parque Nacional da Serra do Gandarela



Fonte: ICMBio (s/d). Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/Mapa_%20da_%20Proposta.pdf.

A proposta do parque tinha 35.200 hectares, mas, quando criado, ele foi reduzido a uma área de 31.270,83 hectares. A título de comparação, o Parque Estadual da Serra do Rola-Moça tem 3.941,09 hectares. Apesar de extenso, o PARNA Gandarela não compreende a paleotoca e importantes nascentes da bacia do Ribeirão da Prata, que é uma das fontes de abastecimento de Belo Horizonte. Também era um pedido das comunidades a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável complementar ao parque nacional, o que não foi atendido. Por esses motivos, o parque ficou aquém dos desejos dos movimentos e das comunidades. Portanto, a luta pela proteção da Serra continua. Apesar da luta pela criação do parque ter sido capaz de chamar a atenção da opinião pública para esse debate e ter apresentado alternativas para a pretensa vocação minerária da região, a conservação ainda não foi plenamente alcançada, e são necessários esforços para barrar novas tentativas de mineradoras de instaurar o monopólio da existência.

5.5 Terrorismo de barragens

Ainda que o projeto Apolo tenha sido arquivado em 2012, a disputa e a ameaça à Serra do Gandarela não se esgotaram. Em 8 de fevereiro de 2019, apenas duas semanas após o rompimento da barragem de Córrego do Feijão, em Brumadinho/MG, uma sirene preventiva foi acionada na Mina Gongo Soco, próxima à comunidade Socorro, pertencente ao município de Barão de Cocais.

A barragem Sul Superior, localizada nessa mina, foi construída pelo método de alteamento a montante.⁴⁵ Cerca de 239 pessoas foram evacuadas da comunidade pela Vale S.A. em razão do risco de rompimento da estrutura. No município como um todo, esse número chega a 458, em razão de uma decisão judicial que determinou que todos os moradores de Socorro, Vila do Gongo, Piteiras e Tabuleiro, subdistritos de Barão de Cocais, fossem retirados imediatamente de suas casas (MEDEIROS, 2021). A evacuação dessas comunidades ocorreu na madrugada de 8 de fevereiro de 2019, em uma situação desesperadora, já que sem iluminação natural.

Socorro era uma comunidade com mais de 300 anos de história que desapareceu da noite para o dia. A Igreja Nossa Senhora Mãe Augusta do Socorro foi construída no povoado em 1737 e é a mais antiga do município de Barão de Cocais. Após a evacuação completa de Socorro, pela Vale S.A., não é mais possível acessar a construção, que é tombada e considerada a mais antiga representação do estilo rococó de Minas Gerais. O dano provocado ao patrimônio cultural é incalculável. Teca relatou que a página de Socorro no *Wikipédia* foi excluída após a remoção das famílias, o que denota um apagamento completo dessa história.

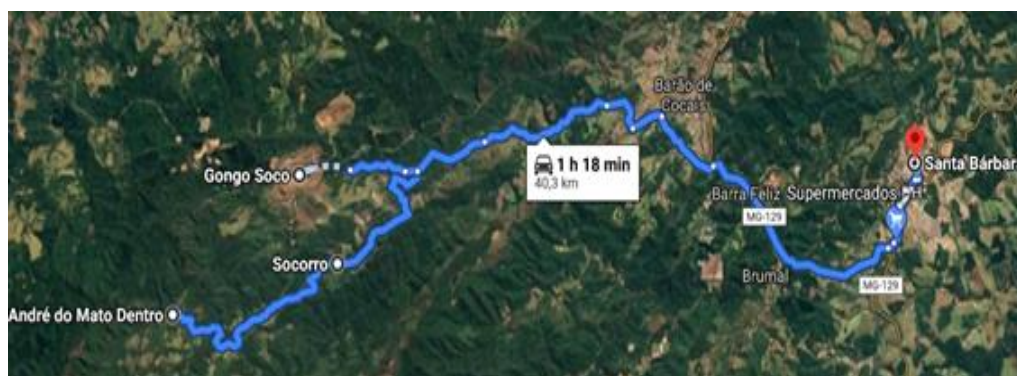
O risco de rompimento da barragem Sul Superior fez com que, além dessas comunidades, as estradas que estavam na zona de autossalvamento fossem fechadas. Em razão disso, o acesso mais próximo para André do Mato Dentro foi bloqueado. Atualmente, só existe uma opção de estrada de terra para chegar a André. As famílias de Socorro deixaram suas casas, seus modos de vida e sua sociabilidade e nada disso poderá ser resgatado.

Socorro contava com mais habitantes do que André possui atualmente e, mesmo assim, a atuação da Vale S.A. foi capaz de alterar, de forma definitiva, a história de suas

⁴⁵ Nesse método de construção de barragens, a estrutura vai sendo criada pela sobreposição do próprio material, composto basicamente pelo rejeito de ferro, água e areia. É o método mais inseguro, porque suscetível à liquefação, isto é, a que o material passe a se comportar como líquido e rompa as barreiras. Entretanto, foi utilizada em diversas barragens, como a da Samarco, em Mariana, que se rompeu em 2015, e a da Vale S.A., em Brumadinho, que se rompeu em 2019. É o método mais rápido e econômico, mas seus riscos ambientais e sociais (que se concretizaram nos últimos anos) fizeram com que a sociedade civil se organizasse para aprovação de uma legislação que proíbe que novas barragens a montante fossem construídas.

moradoras e moradores. Todo o seu patrimônio histórico e cultural não foi suficiente para impedir o desaparecimento dos modos de vida tradicionais que a comunidade manteve por séculos.

Figura 6: Distância entre André do Mato Dentro, Socorro, a Mina de Gongo Soco e a sede do município de Santa Bárbara



Fonte: Google Maps (2021).

Ressaltamos que os moradores de André do Mato Dentro, em razão da proximidade, possuíam maiores vínculos com os moradores de Socorro (a 8km), do que com a população da sede de Santa Bárbara (a 37km). Conforme relatado por moradores de André do Mato Dentro, eles foram impactados pelo esvaziamento de Socorro, uma vez que realizavam celebrações juntos e possuíam laços de amizade e de parentesco com aquela comunidade.

Aproveitando-se do cenário caótico, a Vale S.A. deu início a uma obra de emergência. Foram 70 dias de movimentação de caminhões, desmatamento de Mata Atlântica e apreensão por parte dos moradores. O pretexto da obra seria desviar a lama para o caso de rompimento da barragem da Mina de Gongo Soco. A Vale S.A. pretendia abrir um vão no monte que separa a barragem da comunidade de André do Mato Dentro. Já se passaram dois anos e as obras não foram retomadas. Alguns moradores acreditam que as intenções da Vale S.A. não eram de evitar uma tragédia, mas, sim, de avançar em áreas com interesse minerário.

O *Intercept Brasil* produziu uma reportagem sobre a sequência de eventos que marcaram a região de Barão de Cocais e André do Mato Dentro. O *QR Code* abaixo leva a um vídeo,⁴⁶ com diversos relatos e filmagens de moradores da região:

⁴⁶ O vídeo também está disponível em: <https://youtu.be/iME6afOCQmg>.



Esse contexto de conflito no território foi documentado no Relatório de Visita Técnica realizada pelo Programa Polos de Cidadania, da UFMG, a André do Mato Dentro nos dias 28 e 29 de maio de 2019. A visita da equipe do Programa se deu a convite dos moradores, com o intuito de registrar as condições vivenciadas pela população local quanto ao risco de rompimento da Barragem Sul Superior da Mina de Gongo Soco, em Barão de Cocais, a 15 km de distância de André do Mato Dentro.

O relatório apontou que a principal queixa dos moradores é a ausência de informações por parte da Vale S.A., da prefeitura ou do judiciário a respeito do que estava ocorrendo no território. Isso porque as intervenções ocorreram sem a devida comunicação da população, que “teve o seu modo de vida completamente abalado com a chegada repentina de máquinas pesadas, a realização de uma intervenção desconhecida e a imediata devastação do meio ambiente da região” (POLOS DE CIDADANIA, 2019, p. 5).

O argumento utilizado pela Vale S.A para as obras de intervenção em André do Mato Dentro foram os mesmos utilizados para a remoção de famílias em Barão de Cocais e outras cidades, como Congonhas, Itatiaiuçu, Itabirito, Nova Lima e Ouro Preto, isto é, o alto risco de rompimento de uma barragem de rejeitos. As obras da Vale S.A. em André do Mato Dentro foram interrompidas por ordem judicial.

Figura 20 - Barragem no caminho para André



Fonte: arquivo da autora.

Esse fenômeno vem sendo chamado de “terrorismo de barragens” por variadas organizações civis e grupos de pesquisa e extensão para denominar o cenário de violações de direitos com o pretexto de risco de rompimento de barragens de rejeitos da mineração. Entre os grupos que utilizam o conceito, cita-se o Gabinete de Crise - Sociedade Civil, uma articulação de movimentos sociais, pesquisadores e ativistas que se organizaram como forma de se contrapor ao gabinete oficial montado pelo governo do estado para definir ações relativas ao crime praticado pela mineradora Vale S.A. no município de Brumadinho.

Além disso, o MovSAM, que se define em sua página do *Facebook* como “movimento socioambiental que atua contra a destruição e as ameaças às águas (superficiais e subterrâneas) e às serras de Minas Gerais”, também denuncia o terrorismo de barragens em diversas falas públicas e postagens em redes sociais.

O projeto Manuelzão, da Faculdade de Medicina da UFMG, dedicou uma matéria⁴⁷ da edição 84 de sua revista para o tema. Por sua vez, o Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania, da Faculdade de Direito da UFMG, divulgou nota pública utilizando o termo para denunciar a situação vivida por moradores de Conceição do Mato Dentro.

⁴⁷ A matéria está disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/biblioteca/revista-manuelzao-84/>.

5.6 Mineração e acumulação por espoliação

Assim como Michelotti e Malheiro (2020) trabalham no contexto amazônico, buscamos neste trabalho entender a questão agrária e a acumulação por espoliação no âmbito do diminuto subdistrito de André do Mato Dentro. Ainda que os dois lugares guardem diferenças e especificidades, acreditamos que a categoria de acumulação por espoliação pode revelar aspectos ainda não abordados pelas investigações que se debruçaram sobre a região do Gandarela.

Para David Harvey (2005), a acumulação primitiva do capital, tratada no capítulo 24 d'O Capital, de Karl Marx, diferentemente do que o nome pode sugerir, é um processo que se prolonga no tempo e não marca somente o início do modo de produção capitalista. Para fazer essa diferenciação e ressaltar a sua continuidade ao longo do tempo, o autor cunha o termo “acumulação por espoliação” e demonstra que, durante o neoliberalismo, o objetivo do Estado torna-se a expropriação dos bens comuns e a consequente privação de acesso a direitos básicos, como a água (HARVEY, 2005).

Para desenvolver seu raciocínio, o autor aponta que os processos de acumulação do capital estão em constante expansão, numa permanente ação de rompimento de toda tendência ao equilíbrio, em uma tentativa de resolver o problema de sobreacumulação, presente no capitalismo desde a década de 1970.

Os processos de acumulação por espoliação não apenas provocam a expansão de fronteiras para o capital, como também alteram, definitivamente, a forma como se organiza o trabalho. As alterações são sentidas não apenas na propriedade rural, como também se irradiam para a cultura, nas práticas tradicionais das comunidades no entorno dos empreendimentos, e consequentemente são sentidas no mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, compreender a mineração em André do Mato Dentro envolve ter em mente Minas Gerais, o Brasil, a América Latina e as dinâmicas globais. Essa modalidade de acumulação por espoliação na América Latina parece se reproduzir com as características comuns em todos os países, inclusive, envolvendo as mesmas empresas (ALIMONDA, 2015, p. 116).

Nesse sentido,

[a] produção do espaço, a organização de divisões territoriais totalmente novas do trabalho, a criação de complexos de recursos novos e mais baratos, de novas regiões como espaços dinâmicos de acumulação do capital e a penetração de formações sociais preexistentes por relações sociais e arranjos institucionais capitalistas (como

regras de contrato e formas de gerenciamento da propriedade privada) proporcionam importantes maneiras de absorção de excedentes de capital e de trabalho. (HARVEY, 2005, p. 99).

A chegada do capital significa uma comodificação da vida em suas mais variadas instâncias, isto é, a atribuição de um valor monetário a algo que inicialmente tinha valor, mas não preço. Além disso, são transformadas as relações sociais, que, se hoje são pautadas pela solidariedade, pela troca de mercadorias entre os vizinhos e pela venda de poucos excedentes, passarão a ser pautadas pelo lucro, além da dominância do trabalho assalariado (na mineradora), em detrimento de outras formas de trabalho utilizadas pela comunidade. Há também um incentivo ao consumismo que obriga a compra de alimentos, em vez de seu cultivo doméstico.

Apesar do papel preponderante das empresas nesse contexto, é necessário, ainda, considerar o papel do Estado nos processos de acumulação de capital, que não é passivo (HARVEY, 2005, p. 91), atuando, na realidade, como mediador fundamental das estruturas e dos poderes financeiros e institucionais (Ibidem, p. 107). Ademais, o Estado adquire e privatiza ativos, além de ser o responsável pela arrecadação fiscal (Ibidem, p. 80).

Apesar de hoje as fronteiras não terem o mesmo sentido de antes, elas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro do território (SANTOS, 2000, p. 21).

5.7 André do Mato Dentro

Na Serra da Gandarela, é justamente o fenômeno de acumulação por espoliação que vem se delineando nos últimos anos, com a expansão de fronteiras pela mineração, que busca impedir o uso das terras comuns e tornar escassos bens que hoje são abundantes na área. Um aspecto acaba por ser consequência do outro, tendo em conta que a apropriação de pequenas propriedades rurais pelo capital, com a imposição de relações sociais capitalistas, trará impactos ecológicos irreversíveis. Isso porque a retirada do minério de ferro da Serra impedirá a recarga e a reserva de água subterrânea, em razão das condições geológicas da região.

Importante considerar, ainda, que essas alterações locais obedecem a uma lógica mundial globalizada, observando tendências mundiais do comércio de *commodities*, influenciadas pelo preço do dólar, o valor pago pela tonelada do ferro e a demanda,

principalmente asiática, pelo minério. Trata-se, portanto, de processos de avanço sobre as fronteiras que se desenvolvem também nos demais países da América Latina (SVAMPA, 2019), e não de forma isolada no contexto mineiro ou mesmo brasileiro.

A compreensão do funcionamento da acumulação por espoliação na região se justifica não só pela importância do território em si mesmo, mas também pela relevância fundamental que as suas águas têm para o abastecimento da capital do estado, que é a terceira maior região metropolitana do país. Vale ter em conta que André do Mato Dentro, na divisão territorial e espacial do trabalho, é uma área rural, e as dinâmicas que estabelece com a(s) cidade(s) produzem um desenvolvimento geográfico desigual (HARVEY, 2005).

Ressaltamos que as discussões envolvendo a comunidade de André e seu entorno não se resumem a apenas questões ditas rurais. Na realidade, essa dicotomia campo X cidade faz cada vez menos sentido se considerarmos que os temas que afetam o rural também terão suas consequências sentidas no âmbito urbano. Assim como apontam Porto-Gonçalves e Milanez (2019), essas questões deixam de ser locais para se revelarem importantes a nível nacional. Os que os movimentos de resistência têm pautado em relação à proteção de seus territórios é de interesse de toda a coletividade e seus impactos não serão sentidos apenas localmente. Esse aspecto tem a potencialidade de ampliar o debate e trazer um maior número de apoiadores à causa.

A disputa pelos territórios está cada vez mais associadas à problemática urbana, como explicita em detalhes Porto-Gonçalves nas suas mais diversas manifestações:

[...] seja pelas mudanças climáticas com chuvas torrenciais (cada vez mais concentradas no tempo), as secas rigorosas e incêndios grandiosos que se propagam, os rigores dos verões e dos invernos, as temperaturas máximas e mínimas cada vez mais extremadas que, localmente, tornam a vida mais difícil de ser vivida, sobretudo para as populações que dispõem de menos condições econômicas e obrigadas a viver nos ambientes mais íngremes ou nos fundos de vales alagáveis ou ainda nos mangues; seja pela qualidade dos alimentos (orgânicos ou transgênicos, eis a questão?) associando a questão agrária à questão técnica e politizando-a; seja pela **qualidade das águas**; seja simplesmente pelo crescimento exponencial das cidades. (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 41, grifo nosso).

É nesse contexto de intensa disputa no Quadrilátero Aquífero-Ferífero e, mais especificamente, na Serra do Gandarela que se insere André do Mato Dentro, um subdistrito do município de Santa Bárbara que dista 70 km de Belo Horizonte. Esse espaço se mostra apropriado para produzir conhecimento sobre a problemática da resistência em territórios mineradores em razão de questões históricas e atuais. Apesar de remontar ao ciclo do ouro, o povoado perdeu visibilidade com o declínio da exploração aurífera (COSTA, 2012). Essa área

se caracteriza como um “novo” rural, que abriga inéditas formas de uso do solo, bem como um novo “jeito de ser”, associado às atividades agrícolas (SILVA, 2007 *apud* COSTA, 2012). Em 1980, a comunidade contava com uma população de 250 pessoas. Em 2022, esse número não passa de 50. Acerca desse esvaziamento da comunidade, Janise explica:

A igreja e a escola são a centralidade das relações. Acontece que, como toda comunidade rural, as crianças foram crescendo e foram saindo por causa dessa política das "Escolas Nucleadas", que vão depois de uma certa idade estudar na cidade. As escolinhas rurais vão até acho que terceiro ano. Foram acabando as crianças, tinham 1 ou 2, fecharam a escola por falta de criança. Esse contato da criança com a cidade acaba diminuindo o laço dela com o território. Isso foi fortalecendo o êxodo, porque os jovens chegam no ensino médio, eles têm que trabalhar, tem que sair e não voltam mais. (Informação verbal).

Uma característica bastante relevante desse modo de vida é a cultura da comunidade, que se manifesta em festas tradicionais, como é o caso da “Cavallhada Feminina”. Nessa manifestação popular, são representadas as batalhas entre cristãos e mouros, com a consequente derrota dos mouros, que se convertem ao cristianismo. A tradição foi trazida pelos portugueses, mas, de forma sincrética, ocorre conjuntamente com o festejo dos reis e das rainhas do Congado, manifestação cultural religiosa de influência dos povos africanos. No caso específico de André do Mato Dentro, destaca-se o protagonismo das mulheres no evento, que é uma manifestação da sociobiodiversidade do território (DIAS; PENA, 2015). A manifestação é tida como a única cavallhada feminina de Minas Gerais.

Quanto à economia do subdistrito, as atividades predominantes são a produção de mel, a produção hortifrutigranjeira, a silvicultura e a comercialização de musgo. A coleta do musgo ocorre em áreas externas ao território de André do Mato Dentro (Serra do Gandarela e Morro Vermelho) e são coincidentes com as áreas particulares, sobretudo, das mineradoras (PALHARES; COSTA, 2012). Nesse sentido, em André do Mato Dentro, há uma cadeia produtiva do musgo verde e existem propostas para a promoção do equilíbrio entre o comércio local e o desenvolvimento rural sustentável (PALHARES; COSTA, 2018).

Figura 21 - Painel da artista Anna Göbel em André



Fonte: arquivo da autora.

Outra característica desse território, comum a outras comunidades rurais metropolitanas, é a pluriatividade. Nesse sentido, as pesquisadoras do projeto de extensão *Gandarela - Diagnóstico socioambiental da região da Serra do Gandarela, Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, de 2011 a 2014* apontam as atividades das pessoas desse território: “são delineadas várias combinações, entre elas coloca-se que os homens trabalham na mineração, no extrativismo, e as mulheres na agricultura de subsistência, fazem atividades domésticas em outras casas da comunidade, entre outras funções” (CAPANEMA, DIAS, PALHARES, 2014).

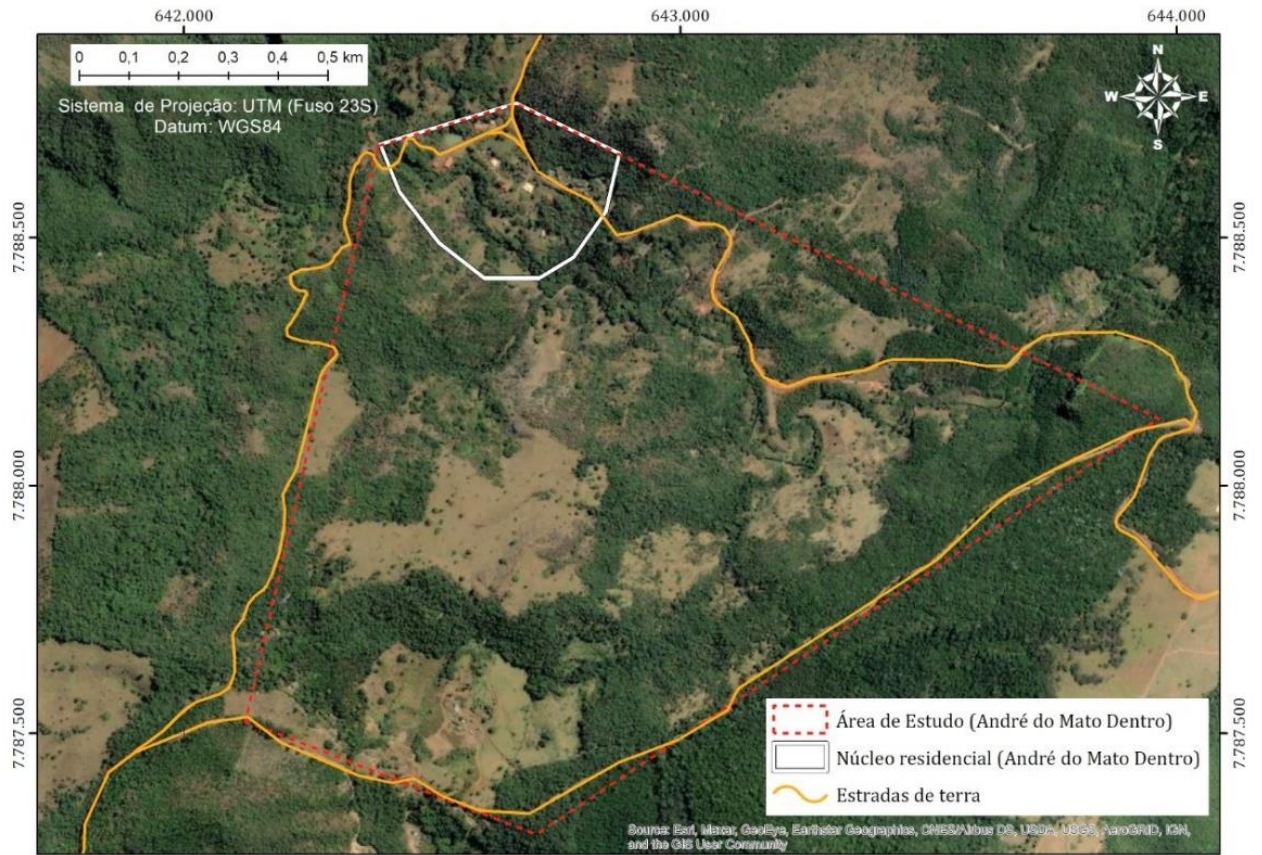
Figura 22 - Representação cartográfica da comunidade de André do Mato Dentro feita por seus moradores



Fonte: Vanessa Dias de Araújo e Virgínia de Lima Palhares (2018).

Diante da diversidade de modos de vida, de aspectos geológicos e hídricos, de preservação ambiental, de cultura e de resistências na comunidade de André do Mato Dentro, evidencia-se que o território com que essa pesquisa dialoga reserva interesse não só pessoal, mas também acadêmico e social. Compreender as trajetórias de vida desse território é uma tarefa relevante, pois é forma de resgate da memória de seus moradores e tem o potencial de promover a reflexão e o debate sobre a preservação do território com diversos agentes, tanto da academia como da sociedade civil. As ameaças que a comunidade de André vem sofrendo há anos são prova de que “o domínio de territórios estratégicos para a reprodução do capital é parte central da acumulação de riqueza e exercício do poder e, portanto, da produção da hegemonia no sistema-mundo” (MALHEIRO; MICHELOTTI; PORTO-GONÇALVES, 2021, p. 53).

Figura 23 - Mapa detalhado da área de estudo



G:\ArcGis\PROJETOS\Polos_Cidadania\A_PROJETOS\Detalhes - André do Mato Dentro.mxd

Date: 24/07/2021

Fonte: Elaborado por Paulo César Horta Rodrigues (2021), especialmente para a realização desta pesquisa.

Figura 24 - Campo de futebol da comunidade



Fonte: Programa Polos de Cidadania (2019).

Figura 25 - Escola Municipal da comunidade



Fonte: Programa Polos de Cidadania (2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se debruçou sobre o tema do monopólio da existência, denominado por algumas autoras de pensamento único, história única, monocultura da mente ou um processo de homogeneização das diferenças. Seja qual for o nome escolhido, partir desse pressuposto indica uma posição política, que compreende que o sistema tende à imposição de um modo único de viver, pensar, agir, consumir, trabalhar, existir no mundo. Esses pensamentos hegemônicos contam uma história única sobre os lugares, inclusive, sobre os territórios afetados pela mineração. Muitas vezes, o enfoque se dá apenas nas riquezas naturais que poderão se tornar *commodities*, em outras tantas vezes, as mazelas ganham destaque. De uma forma ou de outra, não são valorizadas as diferentes narrativas sobre o espaço. Além disso, quem são as pessoas que contam essas histórias? Quais lugares de mundo elas ocupam e quais são os interesses por trás dessas narrativas? Elas contribuem para o fortalecimento das comunidades ou as relegam a posições de submissão, falta de agência e completa opressão?

Desde o princípio do trajeto desta pesquisa, a maior preocupação era qual história seria contada. Apesar de, no início do mestrado, eu não saber ao certo qual enfoque a investigação teria, já desejava contar uma história sobre as resistências. Para além de violações de direitos humanos, opressões, sofrimentos e injustiças, o desejo era de investigar as fissuras existentes nesse sistema hegemônico.

Estar em posição de contar essas histórias no âmbito da academia é um privilégio. A universidade é ainda um espaço de poder e um espaço com acesso limitado. Ser uma mulher branca universitária me oferece condições de amplificar as trajetórias de vidas de mulheres que resistem ao sistema hegemônico. Fazer coro às suas vozes, memórias e problematizações. E realizar isso em uma faculdade de Direito significa uma ruptura com o que é tradicional, esperado e reproduzido. Pautar um outro conceito de território, calcado nas experiências das pessoas que o vivenciam, também é uma forma de resistir às ameaças a esse território.

A tendência do monopólio da existência é o apagamento das histórias. O caso de Socorro, a poucos quilômetros de André do Mato Dentro, indica o quanto essas comunidades são vulneráveis e suscetíveis às investidas das mineradoras, com o aval do Estado. Demandar o direito de essas comunidades seguirem existindo e resgatar suas memórias é fundamental. E a própria continuidade desses territórios depende da luta ativa das mulheres, tanto em André quanto nos mais diversos lugares da América Latina. Esses espaços resistem justamente por

conta das mulheres. Nada mais justo, tanto do ponto de vista político quanto metodológico, que a história desses espaços seja também narrada por mulheres.

Entretanto, ainda que a luta pela preservação desses territórios seja protagonizada por mulheres, o aspecto do gênero, por vezes, não tem enfoque. Uma hipótese para isso é que os próprios pesquisadores que se debruçam sobre o tema sejam homens. Por isso, faço o convite para que outras pesquisadoras busquem registrar essas memórias e essas histórias dos territórios, sob a visão das mulheres que fazem parte deles.

Essas iniciativas, presentes em diversos lugares do mundo, demandam uma nova forma de controle do espaço, com o reconhecimento do direito ao território e do poder de decidir questões afetas a ele. Frente ao monopólio da existência homogeneizante, surge a defesa de outros modelos de vida. A mera existência de comunidades que se recusam a seguir esse modelo hegemônico se traduz em uma forma de resistência e oposição ao modelo, bem como de defesa e afirmação dos territórios.

O trabalho de campo teve como foco as trajetórias de vida de mulheres vinculadas a André. Duas delas, à época da pesquisa, moravam em André. As outras duas, não. Mas todas elas estiveram envolvidas na luta pela existência de diferentes modos de vida nesse território. A conversação se mostrou a técnica mais adequada, uma vez que estava mantendo contato com essas mulheres há algum tempo, e elas tinham interesse e disponibilidade para a realização da pesquisa.

A pandemia causada pelo coronavírus impactou profundamente a realização dos trabalhos empíricos. O planejamento foi alterado algumas vezes para contornar as situações que se apresentavam por causa do isolamento social. Entretanto, quando foi seguro estar na presença física dessas mulheres, esses encontros permitiram uma compreensão de como essas resistências se dão na prática.

Acredito que a investigação tenha atendido aos critérios de validação da pesquisa crítica engajada, os quais incluem autenticidade, plausibilidade, criticidade, reflexividade, mobilização da criatividade e da arte, além da validação social. Para tanto, o conhecimento foi construído de forma dialógica e com compromisso com a mudança social. As mulheres puderam acompanhar o desenvolvimento de cada uma das etapas da pesquisa, bem como participaram da definição da pergunta-problema, objetivos e metodologia.

Realizadas as conversações, as respectivas gravações foram transcritas e foi feita a análise de seu conteúdo. Foi demonstrado que a resistências das mulheres à mineração em André toma forma por meio da organização em movimentos, da agroecologia, do afeto, da

docência, do cuidado, da confrontação com diferentes olhares e da permanência no território. Essas e outras práticas são essenciais para que as tentativas de minerar a região sejam vencidas a cada novo ataque.

A trajetória de vida de Glorinha, que deixou a capital para morar na roça, demonstra como o afeto por um território é capaz de nutrir a resiliência para enfrentar as mais diversas dificuldades. Ela permanece em André mesmo após tantas décadas, mesmo depois que seu companheiro partiu, mesmo depois de tantas pessoas terem deixado o território, inclusive seus filhos. Sua casa é um ponto de referência, é ela o contato das pessoas de fora da comunidade que desejam conhecer André, desde estudantes até militantes e turistas. Glorinha proporciona o acesso e o conhecimento sobre André do Mato Dentro. Das moradoras que não nasceram em André, ela é a que está lá há mais tempo. A ida dos membros e membras do coletivo Mujique foi viabilizada por ela, por conta da sua interlocução entre as pessoas de dentro e de fora da comunidade. Portanto, ela é fundamental para a disseminação do conhecimento que existe sobre a Serra do Gandarela e é um dos poucos pontos de apoio e de resistência.

Seguindo os passos de Glorinha, Tetê também se aventurou a deixar Belo Horizonte ainda jovem para construir a vida em André. Ela trabalha com agroecologia junto de seu companheiro Diogo, e eles constroem uma alternativa à mineração. Sua trajetória perpassa por outros lugares em que resistiu ao modelo hegemônico, já que trabalha há anos com promoção de eventos culturais junto de populações marginalizadas, com destaque para o festival *BH Vogue Fever*. A decisão do casal de construir sua casa em André, no meio de uma pandemia, evidencia a crença de que outro mundo é possível e de que a mineração não será capaz de impedi-los de promover alternativas a ela.

A publicização dessas alternativas é essencial para trazer mais apoiadores à causa, e Janise, há mais de uma década, desenvolve trabalhos universitários em André, como forma de visibilizar a sociobiodiversidade da região do Gandarela. Apesar de todos os cortes na área da educação, de cada vez haver menos bolsas acadêmicas e incentivos à extensão universitária independente, ela resiste. Sua trajetória traz o afeto à ruralidade desde a infância, e ela desenvolveu diversas pesquisas para valorizar os conhecimentos do campo.

Teca também traz o carinho pela natureza desde a mais tenra idade, quando nem mesmo morava no Brasil. Sua trajetória perpassa por diversas localidades, mas foi aos pés da Serra da Piedade que ela decidiu fincar raízes. Foi por causa de um projeto que pretendia minerar essa serra que ela mudou sua trajetória de vida de forma definitiva, passando a se envolver nas lutas socioambientais. Ela esteve desde o início da resistência à mineração da

Serra do Gandarela e já faz 20 anos que ela é referência quando o assunto é proteção de territórios.

Constatei que, apesar de diversas disciplinas de outras áreas abordarem a temática, as resistências à mineração ainda são um campo inexplorado no Direito, especialmente, quando associadas à categoria do gênero. Argumento que a pesquisa desenvolvida tem por objeto o fenômeno jurídico, já que tensiona o conceito de território predominante no Direito e propõe, para além da análise do aspecto físico, a consideração das lutas em torno da decisão de quais serão os sentidos atribuídos à natureza e quais os modos de vida autorizados a existir naquele espaço. Os territórios conformam espaços de resistência, de ressignificação e criação de novas relações sociais.

Dessa forma, foi possível retratar a reivindicação dos direitos ao território, as resistências e o direito aos diferentes modos de vida. Com isso, conclamou-se também o direito de ser afetada, de contar histórias de outra(s) maneira(s), de fazer uma pesquisa engajada e produzir um saber localizado, com um enfoque na narrativa de mulheres em luta. Convido outras pesquisadoras do Direito a expandirem o campo de estudos sobre formas de resistências cotidianas desenvolvidas em territórios afetados pela mineração.

REFERÊNCIAS

- ABA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia. Disponível em: https://aba-agroecologia.org.br/wpcontent/uploads/2018/05/Estatuto_ABA_2015.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.
- ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento**: saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. Ted Talks, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 24 jul. 2022.
- ÁGUA VALE MAIS QUE MINÉRIO. **Não Vale a Pena**. YouTube, 22 mar. 2017. Disponível em: https://youtu.be/_hu9Sb3yYKY. Acesso em: 24 jul. 2022.
- AGUILAR, Bruna. Fernandes *et al.* Análise da paisagem a partir da estratificação ambiental: estudo da Bacia do Córrego Maria Casimira/André do Mato Dentro/MG. **Revista GeoNorte**, Manaus, v. 3, p. 518-529, 2012.
- ALIMONDA, Héctor. Ecología política latinoamericana y pensamiento crítico: vanguardias arraigadas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 35, p. 161-168, dez. 2015.
- ARÁOZ, Horacio Machado. **Mineração, genealogia do desastre**: o extrativismo como origem da modernidade. São Paulo: Elefante, 2020.
- ARAÚJO, Vanessa Dias; PALHARES, Virgínia de Lima. Extrapolando as cercas: o sentido de quintal em André do Mato Dentro, Santa Bárbara/MG. **Revista Geonordeste**, Aracaju, v. 1, p. 58-72, 2018.
- BARRAGÁN, Margarita Aguinaga; LANG, Mirian; CHAVÉZ, Dunia Mokrani; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (org.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história (1940). Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. In: _____. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1987. p. 222-232.
- CAPANEMA, Natali; DIAS, Janise; PALHARES, Virgínia. Mulheres rurais e sua contribuição para a conservação da biodiversidade. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geografia**, Vitória: UFES/AGB, 2014.
- COELHO-DE-SOUZA, Carolina. Leituras de Henri Lefebvre para os estudos iniciais sobre o conflito ambiental na Serra do Gandarela: o espaço da resistência? **Anais do XV Encontro Nacional da Anpur**, Recife, v. 15, n. 1, p. 1-17, 2013. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4631/4500>. Acesso em: 16 fev. 2021.

_____. **O “Espaço de Resistência” na Serra do Gandarela**. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

COSTA, Alfredo. **Evolução do uso e cobertura do solo e fragmentação da paisagem na Serra do Gandarela (MG): análise a partir de métricas de paisagem**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

COSTA, Pedro de Carvalho; PALHARES, Virgínia de Lima. Desenvolvimento rural e extrativismo: a cadeia produtiva do musgo na comunidade rural André do Mato Dentro, Santa Bárbara/MG. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 3-22, mar. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1264>. Acesso em: 29 jul. 2021.

DA MOTA NETO, J. C. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, Bogotá, n. 48, p. 3-13, 2018. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RF/article/view/8131>. Acesso em: 23 feb. 2021.

DE FILIPPIS, Pedro. **Os Pêssegos da Cornicha**. YouTube, 23 mai. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/zIFY33UP6MQ>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DIAS, André Luiz Freitas; MELO, Fernando Antônio de. Todo dia é vinte e cinco de janeiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 72, n. 2, p. 51-57, abr. 2020. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00096725202000020001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2022.

DIAS, André L. F.; OLIVEIRA, Lucas F. **Violações de direitos e danos ao projeto de vida no contexto da mineração**. São Carlos: Scienza, 2018.

DIAS, Janise Bruno; PENA, Lucas Luiz Senhorine. As práticas/saberes agrícolas, contribuição à conservação da biodiversidade local? O caso de André do Mato Dentro, Santa Bárbara, Minas Gerais. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 90-102, jul. 2015. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/414>. Acesso em: 19 jul. 2021.

DIAS, Janise Bruno; CAPANEMA, Natali Oliveira; HUENCKER, Anna Sophie; PALHARES, Virgínia de Lima. A cavalhada feminina em André do Mato Dentro, Santa Bárbara, Minas Gerais, Brasil: a experiência do protagonismo feminino no campo. *In: Anais do XV Encuentro de Geógrafos de América Latina em Cuba 2015*. Havana: Editora de la Facultad de Geografía, Universidad de La Habana, 2015.

DUSSEL, Enrique. **1492 - El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. La Paz: Plural Editores, 1994.

ESCOBAR, Arturo. Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: SUReando desde Abya Yala/Afro/Latino/América. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Belo Horizonte, a.2, n.2, set. 2019.

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 35, p. 89-100, dez. 2015.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Tradução: Heitor Ferreira da Costa. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FAVRET-SAADA, Jeanne Favret-Saada. “Ser afetado”. Tradução: Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

_____. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GONÇALVES, Anderson Tiago Peixoto. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 275-300, 2016.

GONÇALVES, Ricardo J. de A. F.. MILANEZ, Bruno. Extrativismo mineral, conflitos e resistências no Sul Global. **Revista Sapiência**, v. 8, n. 2, p.6-33, 2019.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1, p. 9-29, jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/28562>. Acesso em: 19 mai. 2022.

GUDYNAS, Eduardo. Extractivismos en América del Sur y sus efectos derrame. **La Revista**, boletín Sociedad Suiza Americanistas, n. 76, p. 13-23, 2015.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca; NICÁCIO, Camila Silva. **(Re) pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2020.

HARARI, Teresa *et al.* **Pesquisa engajada e validação social: reflexões críticas a partir do trabalho do Programa Polos de Cidadania da UFMG**. No prelo.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 21 jan. 2022.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HERRERO, Yayo. Apuntes introductorios sobre el Ecofeminismo. **Boletín de recurso de información**, Hegoa, v. 43, 2015.

HERRERO, Yayo. Miradas ecofeministas para transitar a un mundo justo y sostenible. **Revista de Economía Crítica**, v. 2, n. 16, p. 278-307, 2013. Disponível em: <https://revistaeconomicacritica.org/index.php/rec/article/view/334>. Acesso em: 17 mai. 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santa-barbara/panorama>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ICMBio – INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Proposta de Criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela**. 2010. Disponível em: <http://aguasdogandarela.ning.com/page/icmbio-proposta-do-parque>. Acesso em 3 mai. 2022.

ISAÍAS, Thaís Lopes Santana. **Mulheres em luta: feminismos e direito nas ocupações da Izidora**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LAMOUNIER, Wanderson L.; CARVALHO, Vima Lúcia M.; SALGADO, André Augusto R. Serra do Gandarela: possibilidade de ampliação das unidades de conservação no quadrilátero ferrífero-MG. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 22, p. 171-192, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47225>. Acesso em: 18 fev. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução: Sérgio Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

_____. **Espaço e política: O direito à cidade II**. Tradução: Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

_____. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MALHEIRO, Bruno; MICHELOTTI, Fernando; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.

MARENT, Bruno R.; LAMOUNIER, Wanderson L.; GONTIJO, Bernardo. Conflitos ambientais na Serra do Gandarela, Quadrilátero Ferrífero-MG: mineração x preservação. **Revista Geografias**, p. 99-113, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13311>. Acesso em: 16 fev. 2021.

MEDEIROS, Ísis. Grandes projetos de mineração da Vale avançam em áreas ameaçadas por barragens em MG. **Mongabay**, 2021. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2021/07/grandes-projetos-de-mineracao-da-vale-avancam-em-territorios-ameacados-por-barragens-em-minas-gerais/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MOTTA, Filipe Mendes. O conflito sobre a Serra do Gandarela: uma análise deliberativa sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, jun. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nTKLhQ6dXxMkkvLB9SqtKxw/?lang=pt>.

MOVIMENTO PELA PRESERVAÇÃO DA SERRA DO GANDARELA. Perfil do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/preservegandarela/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

OYARZÚN, Evelyn Arriagada; ÁLVAREZ, Antonia Zambra. Apuntes iniciales para la construcción de una Ecología Política Feminista de y desde Latinoamérica. **Polis** [Online], v. 54, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/17802>. Acesso em 20 jan. 2022.

MovSAM. **Dossiê-denúncia: ameaças e violações ao direito humano à água no Quadrilátero Ferrífero Aquífero de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Diacrítico, 2018. Disponível em: https://aguasdogandarela.org.br/?smd_process_download=1&download_id=320. Acesso em: 16 fev. 2021.

POLOS DE CIDADANIA. **Relatório de Visita Técnica realizada pelo Programa Polos de Cidadania da UFMG a André do Mato Dentro**. 2019. Disponível em <https://polos.direito.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/07/Relatorio-De-Visita-Tecnica.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 9, jul. 2012.

POZZEBON, Marlei. From aseptic distance to passionate engagement: reflections about the place and value of participatory inquiry. **RAUSP Management Journal**, v. 53, n. 2, p. 280-284, 2018.

POZZEBON, Marlei; PETRINI, Maira de Cassia. Critérios para Condução e Avaliação de Pesquisas Qualitativas de Natureza Crítico-Interpretativa. *In*: TAKAHASHI, Adiana Roseli Wünsch. **Pesquisa Qualitativa em Administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 51-72.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA. **História do Município**. Disponível em: <http://www.santabarbara.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-do-municipio/6508>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ROJAS, Claudia Marcela. **Os conflitos ambientais da Serra do Gandarela na perspectiva das comunidades locais**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RUCHKYS, Úrsula Azevedo et al. A paleotoca da Serra do Gandarela e seu potencial como geossítio do Geoparque Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais/The paleoburrow of the Gandarela Mountains and its potential as a geosite of the QF Geopark, MG. **Caderno de Geografia**, v. 24, n. 42, p. 249-263, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SVAMPA, Maristella. **Las fronteras del neoextractivismo en América Latina**. Cidade do México/México: CALAS, 2019.

_____. Feminismo del Sur y ecofeminismo. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, v. 256, p. 127-131, 2015.

THE INTERCEPT BRASIL. **Vale tudo**: mineradora desapropria moradores para obra abandonada dois meses depois. YouTube, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/iME6afOCQmg>. Acesso em: 24 jul. 2022.

TV GANDARELA. **A paleotoca da Serra do Gandarela**. YouTube, 25 fev. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/G25ljAi5sWU>. Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. **Cavidades e a paleotoca da Serra do Gandarela**. YouTube, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ntv0zjbJLuY>. Acesso em: 24 jul. 2022.

VALE S/A. **Vale informa sobre Projeto Capanema**. Sala de Imprensa, 2020. Disponível em: https://saladeimprensa.vale.com/Paginas/Releases.aspx?r=Vale_informa_sobre_Projeto_Capanema&s=Mineracao&rID=2813&sID=6. Acesso em 23 jul. 2021.

VIEGAS, Daniel Pinheiro. **Território e direito territorial**: resistência para além do direito à moradia dos acabamundenses. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ZHOURI, Andréa; GENEROSO, Patricia; CORUJO, Maria Teresa. Nas tessituras da pesquisa e da ação: narrativas de mulheres sobre água, mineração, resistência e colaboração em Minas Gerais. In: A. Zhouri, P. Bolados, E. Castro (eds.). **Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais**. São Paulo: Ed. Annablume, 2016. p. 341-367.

APÊNDICE - Atividades realizadas como parte do trabalho de campo

A tabela a seguir apresenta as atividades realizadas como parte do trabalho de campo desta pesquisa.

DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
06/12/2019	Auditório Biblioteca Central da UFMG	Participação como ouvinte do “Seminário Mineração e conflitos socioambientais”, organizado pelo Núcleo de História Oral.
12/02/2020	Macacos	Visita aos moradores de Macacos com Neilor, Gabriel e André, acompanhados pela liderança Juliana. Conheci Adriano, Anderson, Fernanda, Gerson, Beto.
14/02/2020	Brumadinho	Visita aos moradores de Brumadinho com Neilor, Gabriel (também morador da cidade) e André. Fomos acompanhados por Marciano, assessor jurídico da prefeitura.
18/02/2020	Barão de Cocais	Visita aos moradores de Barão de Cocais com Neilor e André. Fomos acompanhados pela liderança Denise. Após visitar a casa de diversos moradores, acompanhamos uma reunião na casa de Inês, com Adriana, Patrícia, Denise, Evanir e Maxwell.
19/02/2020	André do Mato Dentro	Visita aos moradores de André do Mato Dentro com Neilor e André. Fomos acompanhados por Pedro, do coletivo Mujique. Visitamos Chico Pancinha e os locais com vestígios das ações da Vale.
28/02/2020	Polos de Cidadania	Participação em reunião para tratar das impressões das visitas de campo realizadas.
27/04/2020	Chamada de vídeo	Participação na formação da Plataforma Áporo, sobre o Quadrilátero Aquífero-Ferífero. Participação de Teca (MovSam) e Paulo Rodrigues (Movimento Gandarela).
04/05/2020	Chamada de vídeo	Participação na formação da Plataforma Áporo, sobre o Quadrilátero Aquífero- Ferrífero. Participação de Teca, Paulo, Vinícius, Gabriela Moraes (UNB) e Ana Cláudia.
20/05/2020	Live Polos de Cidadania na Semana de Saúde Mental da UFMG.	Participação no evento “Comunidades vulnerabilizadas e em riscos decorrentes de crimes hidro-socioambientais em tempos de COVID-19.” Participação de Fernanda (liderança Macacos), Rodrigo (rede de saúde em Brumadinho), Teca (MovSam), Maria Fernanda (Polos), Daniel (doutorando na UFMG)
27/05/2020	Live Núcleo de História Oral da FAFICH/UFMG	Participação no evento “Introdução à história oral - Formação introdutória a metodologia da história oral”, com pesquisadoras no Núcleo que utilizam a metodologia.

11/06/2020	Chamada de vídeo	Participação no evento “Travessia do Parque Nacional da Serra do Gandarela”, da disciplina Diálogos Metropolitanos da Faculdade de Arquitetura da UFMG. Presentes alunos e professores da UFMG, além de profissionais do ICMBio, Camping Gandarela, Casa de Gentil e coletivo Mujique.
18/06/2020	Chamada de vídeo	Participação no evento “Validação social de pesquisas: experiência e desafios em territórios marcados pela precariedade e desrespeito de direitos”.
11/08/2020	Chamada de vídeo	Reunião com André e Pedro (vinculado afetivamente a André do Mato Dentro) para discutir o projeto do mestrado.
06/10/2020	Chamada de vídeo	Reunião com Teca, Glorinha, Pedro e equipe do Polos para discutir encaminhamentos para questões em André do Mato Dentro.
20/10/2020	Chamada de vídeo	Reunião com Teca, Diogo e Tetê (casal morador de André do Mato Dentro) para discutir o projeto de mestrado.
15/06/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Diogo e Tetê para discutir o projeto de mestrado (casal morador de André do Mato Dentro).
16/06/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Pedro e Paula (casal vinculado afetivamente a André do Mato Dentro).
16/06/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Glorinha (moradora de André do Mato Dentro).
14/07/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Paulo Rodrigues (Movimento Gandarela) sobre a elaboração de mapas para a pesquisa.
14/07/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Prof. Janise (Geografia UFMG) sobre a pesquisa em André do Mato Dentro
14/10/2021	Chamada de vídeo	Reunião do Projeto Memória (Prof. Janise) com Glorinha
26/10/2021	Chamada de vídeo	Conversa com Teca sobre o projeto de pesquisa
26/10/2021	Chamada de vídeo	Reunião do Projeto Memória (Prof. Janise) com Glorinha
09/11/2021	Chamada de vídeo	Reunião do Projeto Memória (Prof. Janise) com Glorinha
28/11/2021	Mirante da Serra do Gandarela	Ato “Salve as Águas da Serra do Gandarela”
18/01/2022	Chamada de vídeo	Reunião do Projeto Memória (Prof. Janise) com Glorinha
02/02/2022	Chamada de áudio	Conversa com Glorinha para definir questões do trabalho de campo
19/02/2022 e 20/02/2022	André do Mato Dentro	Visita a Glorinha e outros moradores da comunidade
08/03/2022	Belo Horizonte	Almoço e bate-papo com Diogo e Tetê

13/04/2022	Belo Horizonte	Café da manhã e bate-papo com a Profa. Janise
21/04/2022	Camping do Guto em Morro Vermelho/Caeté	Lanche e bate-papo com Teca